VIDA, E FEITOS

DE

FRANCISCO MANOEL GOMES
DA SILVEIRA MALHÃO,

Escrita por elle mesmo:

Com as obras, quantas compoz em prosa, e verso até ao anno de 1789, o solemne de sua formatura, semeadas pelo corpo da obra nos seus respectivos lugares, com as rubricas mais competentes: e com as posthumas de seu Irmão Antonio Gomes da Silveira Malhão.

TERCEIRA IMPRESSÃO.

TOMO II.

Sebastião Joze Lourenço

LISBOA: 1824.

NA TYP. DE J. F. M. DE CAMPOS.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

869.8
G62910
A3
1874
v.2

Ruim seja o que por ruim se tem.

Bent. Per. no Thesour. da Ling. Port. p. 2. pag. 237.

PROLOGO,

SIVE

SATISFAÇÃO AOS LEITORES BENIGNOS.

AMICISSIMOS.

CONFESSO, que eu precisaria huma cara feita de aço, e tão larga como a entrosga de huma nora, para vos apparecer tão tarde com este segundo Tomo, ou Compendio de boléos da minha prodigiosa vida, de ha tanto promettido, e por tanto de vós pedido, e recommendado,

se

se os continuos fracassos da mesma vida que escrevo, me não suggerissem a necessaria desculpa, pondo-me nas arduas, e invenciveis circumstancias de não ter outro remedio, senão ser serodio, sendo aliàs o meu desejo, e interesse, constituir-me temporão. E porque sempre folguei de ser coherente, e o vicio da mentira he o maior dezar de hum Historiador, faz-se preciso justificar-me na causa desta tardança; e porque na vida que escrevo tenho prompta a desculpa, acceitai o seguinte como satisfação amigavel, e como parte della.

Sabereis pois, Amigos Leitores, que aquella fortuna avessa, que em mim appareceo desde as mantilhas, e me foi teimosa, e rabugenta companheira nos tempos que lá vão, não

dei-

deixou ainda; nem deixa de seguir-me nos dias que cá correm: e he o caso.

Quando eu me dava por affortunado de haver preenchido as minhas promessas, e satisfeito a vossos desejos com a publicação deste segundo Tomo, e com elle me hia transportar a Lisboa para lhe dar a precisa decencia a fim de apparecer em público, a desgraça que parece estar sempre á espreita de meus passos, me deparou hum dos ultimos calotes, com que se não descuida de vexar-me: vá de historia.

Completo o Livro, e mettido na mala com outros papeis de importancia, alguns meus, e bastantes alheios; accommodado com elles todo o meu fato precioso, e quanta

rou-

roupa, possuia em figura de appare-
cer diante de gente, a entreguei a
hum almocreve da minha terra mui-
to fiel, por nome José Corrêa do
Eaxo, para (como outras muitas ve-
zes tinha feito) entregar-ma em ca-
sa do meu Amigo José Alberto Bar-
ral, ás Portas de Santo Antão; e eu
hum dia posterior a elle, com a cos-
tumada pachorra, montei em hum ju-
mento acompanhado de hum homem
de pé, e unicamente embrulhado em
hum jaleco á maruja, provido de hum
gabão, para o que podesse acontecer,
o meu traçado á cinta, e hum Livro
na algibeira, em que costumo ir len-
do, repartindo por tres escalas as do-
ze legoas que vão de Obidos a Lis-
boa, a fim de não acabar com jorna-
das a saude, que nellas comecei a en-

torpecer, e desta vez, ainda a cami-
nhada se fez mais vagarosa; porque a

No primeiro dia parti de tarde, e fui pernoitar ao Bombarral, de donde sahi, já depois de jantar, no dia seguinte, e como já em casa me doîa das costas, me foi esta dôr incommodando a mais e mais, de sorte que no meio da charneca, me despi até á cintura, e consultei o meu moço, o qual me descobrio hum grandioso leicenço, ou fleimão, que eu apalpei, muito entaboado, e vermelho, segundo o moço me disse, cujo moço era o Joaquim de Domingos Ferreira, rapaz de tanta probidade, que em quanto me servio ouvia todos os dias a sua Missa, e confessava-se todos os Domingos, e Dias Santos, afóra huma confissão geral em que

cui-

cuidou desveladamente por todo o tempo da sua locação: mas vamos ao caso.

Cheguei ao Casal do Bom-Successo, que dista da minha terra duas legoas e meia, e ahi fiquei no dia segundo medicando o inchaço com unto sem sal, o qual a casaleira me applicou, e tanto bem me fez, que as dôres serenárão, e eu com mais cómmodo fui no outro dia seguindo minha derrota.

Nesta figura marchava eu entre a Quinta das Lapas, e Matacães, quando encontrei hum Joaquim do Sobral da Alagôa, que serve de guarda da Vargea, o qual por hum modo assustado me deo a noticia de que a minha mala tinha sido roubada ao dito José Corrêa: e ficando-lhe eu então

agra-

agradecido pelo susto com que mo disse, vim a descobrir a razão do atrapalhamento, e nem por isso me he crédor de affecto de qualidade alguma: alfim despedi-me delle meio vivo, e meio morto, ainda na incerteza, lembrando-me que poderia ser ou mentira, ou engano; mas sempre com o rifão atravessado na goéla, de que *Nova ruim sempre he certa*, e tambem me lembrava, que ainda que elle levasse hum cento de malas, havendo de roubar-se alguma havia ser a minha, não só pela pouca fortuna que sempre tive, mas porque levava papeis com que desvanecesse huma velhacada, com que me insultavão então; e além disto accusava-me de outra parte o proverbio; *Que o bem chega-se para o bem, e o mal para quem o tem.* Em

Em reflexões destas, e daquellas que pedia a boa nova, cheguei a encontrar-me com o dito almocreve, e apenas elle me vio, logo eu vi nelle, que o tal amigo me não tinha mentido, e com huma voz mui trémula, muito enfiado, e mais afflicto do que eu mesmo, por quem a diabrura passava, me contou debaixo de huma carvalheira, a catastrofe seguinte, que não faz pequeno pezo nas balanças, em que a minha vida tem sempre andado: a saber.

Que chegando pela altura da Igreja dos Anjos, levando os machos na sua ordinaria enfiada, e hum homem com elles, e o dito Joaquim do Sobral, que alli se sumio, entrou em huma loja a entregar huma carta, e que tornando, depois de dar alguns

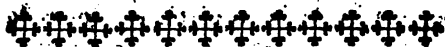
pas-

passos vira, que huma das cargas do meio hia dando comsigo á banda; que gritára ao moço, e viera tambem para a endireitarem; e eis senão quando, achou cortada a sobrecarga, faltando-lhe a minha mala, e huma grande condeça de linhas: vejão como eu ficaria com a boa nova, vendo-me sem o meu pobre vestuario, sem a minha roupa, sem os meus, e alheios papeis, e sem o segundo Tomo, com que vinha armar aos vintens, com que vós me acudis, e satisfazer á minha promessa, e aos vossos desejos!

Eis-aqui, Amigos Leitores, a razão justa desta longa demora, a qual só poderia ser causa de eu vos faltar, mas daqui podeis vós augurar de que qualidade tem sido, e vai sendo a minha fortuna, e de que manei-

ra

ra os trabalhos se me levantão debai-
xo dos pés! Eu a julgo capaz de mo-
tivar a vossa indulgencia, e de vos
ser mais propicios para a extracção,
e consumo, nem disso posso duvidar,
quando a experiencia me mostra o
quanto desejais acudir-me neste

Vale.

EPOCA V.

CAPITULO I.

§. I.

No principio de Novembro de 1783 me foi dado o meu lugar na Aula do primeiro anno Juridico, pelas razões que disse no § IX. Cap. IV. da IV. Epoca, e comigo nos achámos matriculados 120, entre os quaes arrancharão heróes de porte, e estudantes de maço; os quaes nos dias de hoje, com muita reputação gastão no serviço do Rei, e da Patria, os conhecimentos, que alli recolhêrão: huns encostados á banca, outros arrimados á vara; nem outra cousa devia esperar-se delles, debaixo das lições dos eximos Doutores Montanhas,

Barroso: Pires, e Castello, Varões, que lendo nada omittião, nem dizião superfluo, e que com seus exemplos ensinavão a estrada de ser Christão, e util Cidadão.

§. II.

Eu na sociedade dos meus Farias de Alcarouchel achei todos os commodos da vida escolastica; e para mais ajuda escolhi nas suas casas da rua da Trindade hum quarto, tanto para o genio de hum poltrão, que posto no meio delle, chegava com as mãos às quatro paredes; e alli tinha chaminé, cama em barra, banca com estante, e até huma decente necessaria: e de mais a mais sete cadeiras, e relogio de parede; mas este, e as seis cadeiras erão pintadas de carvão, e almagre: isto não obstante, alli mesmo era visitado de boa gente, que pela jovialidade do genio, appetecia a minha companhia.

§. III.

Nos primeiros tres mezes estudei

Comadre de minha Avó. *Amar ao longe, comprar ao perto*, e daqui vem, a meu ver, que aos estrangeiros em qualquer terra são faceis estas conquistas; e mostra a experiencia, que qualquer rapariga de melhor gana se inclina a hum rapaz de fóra, do que a hum patricio seu. Consiste a razão (salva melhor intelligencia) em que na propria terra reinão ás vezes odios, que durão desde o tempo dos bisavós, e sympathia de sapo, e doninha, de pai a pai, e de mãi a mãi; de sorte, que poucos pais poderão conhecer inclinação em hum filho para alguma visinha, que não haja entre a sua, e aquella casa algum velho, ou moderno arribique; em consequencia do qual lhe será mais doce vêllo entisicar, do que approvar similhante união: isto então, contra o expresso, e provado axioma, de que casamento, e mortalha no Ceo se talha!

§. VI.

Meu dito, meu feito, e não me

foi

foi preciso cavalgar os Dormidarios do Conde D. Pedro, para em breve descobrir campo á minha fortuna: e passeando distrahido ao longe do Mondego, se avançárão a mim varios Amigos, que hião de magusto a huma quinta (nome que alli se dá a toda a fazendola que tem casinha) e que torcêrão o caminho, vindo em minha demanda, para me levarem, como aconteceo, porque nunca tive resistencia para me oppôr a súpplicas destas; e apenas dei o infallivel sim, partio logo hum rapaz garoto a buscar guitárra, sem a qual assentárão que eu hia descomposto.

§. VII.

Quando lá chegámos, de lobas arregaçadas, e capas ás costas, já as castanhas andavão espoldrinhando por sima da abrazada carqueja; e de roda folgando outros amigos, e varias meninas com seu pai, mãi, e outras amigas de visita, mexendo todos na fogueira com páos, canas, e trancas. Na casa da quinta retinia huma rabe-

beça com sua algazarra, musica indispensavel nestas farofias, como poderáõ testemunhar quantos tem assistido á magustos; porque eu não quero senão verdade, e mais verdade.

§. VIII.

Muito bem apparecidos, muito bem vindos, boas horas sá, estas, são bonitas, &c. &c. Criado Senhor Fulano, criado senhor Sicrano, e quando o meu retumbante nome estalou nos seus ouvidos, todos, e todas espetárão em mim os olhos, pois ainda a esse tempo não corria impresso o meu retrato, e ellas só por fama me conhecião: passado hum bocado; vio hum dos companheiros sahir hum moço correndo para a banda da Cidade; e perguntou a que hia: respondeo o dono da casa, que hia buscar huma guitarra; e dizendo-lhe, que estava isso acautelado, e que logo vinha, suspendeo o postilhão, e ficámos mexendo na fogueira, até que se abafou, e fomos para sima.

§.

§. IX.

Gyrava a sala o da rabeca, fazendo-a chiar como huma cigarra, o que visto assentei de mim para mim que tinhamos contradança, e não me enganei: porém o baile foi todo de marmanjos, por ignorancia das senhoras, as quaes derão muita attenção sentadas, como de camarote, o que mais vezes me aconteceo; e por mal maior vendo ellas por dentro de cortinas, com luzes furtadas em ar de camera optica, ou lanterna mágica.

§. X.

Por encurtarmos razões, eu fui sondando o váo, e medindo as alturas, descobri que havião alli huns olhos muito inquietos, que amiudadas vezes se encontravão com os meus; isto sem expressão alguma, ao mesmo passo, que os meus já hião gaguejando, mas com o temor de que as suas vistas procedessem de espanto do meu aspecto, e não de namoro com elle; pois sendo tal ou qual figura, vestido em

cor-

corpo, de batina nunca pude dar a mim hum escapatorio a menos máo.

§. XI.

Finalmente espalhou-se huma vóz que dizia guitarra, temos guitarra; senhor Fulano (que era eu) vamos a isto: sem hesitar me assentei defronte do perfilado esquadrão, com os olhos na baliza, temperei o instrumento, e roguei hum verso, que primeiro que apparecesse, articulado pela boca que eu queria, isso custou ameixas, e forão contos largos: improvisei, fiz decimas, disse quindins, e alfim foi desenganando a Musa, e vencendo a difficuldade, que suppuz na figura; pois os olhos exprimírão, eu disse o que bem quiz, e ficámos em huma entrevista decidida, e eu contentissimo, pois não havia no rancho hum peixe, de que se podesse fazer hum lanço mais vantajoso.

§. XII.

Está muito bem feito; seguio-se logo comezana, cousa que nunca se

deo

deo mal cóm o meu estomago; e entre saudes allusivas, e versos avulsos, adiantei minha intenção, e vi que fui entendido, e fiquei sem o resaibo do outro, que em seis annos de contínuo namoro, no fim ainda a sua Filis não tinha dado fé de similhantes lavaredas.

§. XIII.

Partimo-nos para a Cidade alta noite, com muitos a Deos a Deos, passem por lá muito bem, e venhão por cá mais vezes, para o que eu me offereci; pois nunca fui muito de rogar, e com effeito continuei com vento em poppa, e cóm agasalhadora amizade na casa, aonde se não suspeitou nunca o motivo de minha frequencia, porque para isto tinha eu o preciso disfarce, que ella sabia ajudar, pois não tinha de seu a mais pequena doza de tôla.

§. XIV.

Em huma das occasiões, em que fui á quinta, achei a tal Marilia (nome que lhe dei depois de esconju-

jurar o de Marcia) sentada em hum pequeno bosque fronteiro ao Mondego, com traje succinto, e toucada com muitas, e exquisitas flores do campo, e picando-me na bilis este detalhe, mereceo-me o seguinte simples Soneto, que vem á balha com o seu commento, e verdadeiro dono, depois de impresso debaixo do nome de Anarda.

SONETO.

Gentil Marilia, quando me appareces
Sem outro ornato mais q̃ as brancas flores,
Que prendes em teu peito, onde os amores
Esquecidos das flechas adormeces;

Tão galante, ó Pastora, me pareces,
Que da Cidade os ricos moradores
Thesoiros entre si não tem melhores,
Do q̃ esses, que em teus olhos nos off'reces!

As simples arrecadas, que tocando
Sobre teus hombros, cheios de pureza,
Nova graça entre a neve estão cobrando;

Brancas pelles, vestidos de pobreza,
Postas sobre o teu corpo estão mostrando
Quanto he bella sem arte a natureza.

Se

§. XV.

Rio-se ella muito, porque a adulação he como o copo de agua sobre colher de doce, que tem lugar ainda depois de extraordinaria comida: todos lhe dão de mão, e todos a querem, maiormente senhoras, na parte do encomio de seus bons bigodes. Por isso, e pelo mais dos actos amatorios, que se processárão, sendo nós partes, no decurso de quasi hum anno, e tendo occasião de sentir huma dureza da parte do seu coração, á qual deu motivo huma falsa, posto que bem fundada, desconfiança, fiz eu outro Sonetinho, que não he justo fique em promessa, e aqui o amezendo, para quem o quizer ler.

SONETO.

De teu rosto, Marília, a côr nevada,
O vermelho da face graciosa;
Elle foi subtil roubo feito á rosa;
Ella á neve dos Alpes foi roubado:

Os

Os bons olhos, a boca delicada
Forão prenda de Venus generosa;
A teu corpo gentil cintura airosa
Pelas Graças risonhas foi moldada.

A' neve restitue a sua alvura;
O que Venus te deo, seja-lhe dado,
A' rosa a côr; ás Graças a cintura;

E virás a ficar em tal estado,
Que só contes de teu, Marilia dura;
Hum coração de marmore formado.

§. XVI.

O Soneto produzio algum effeito, mas não o que se desejava; e eu com as caramunhas do costume, fui paulatinamente vencendo estes zelos, se bem que com a mortificação de me darem com elles repetidas vezes na bochecha; e como não obstante fazerme pirraças, sempre me pedia versos, ao tal ou qual estado da nossa amancia, desencadernei dos téstos os quatorze, de que se compõe o que agora se escreve.

SO-

SONETO.

Bem te entendo, cruel, queres-me preza
A doce liberdade, e ver-me ufana,
De teus gôlpes subtîs á furia insana
O peito offerecer, mas sem defeza:

A troco de adorar tua belleza,
Queres ser da minha alma soberana,
E essa gloria fundar, que o mundo engana,
De hum pobre coração sobre a fraqueza:

Queres mais, se o juizo me não mente,
Que esta vida cansada chegue ao fim,
Sem huma hora n'um dia ter contente;

Sempre he lei o teu gosto para mim;
Se gostas viva sempre descontente,
O teu gosto se cúmpra, seja assim.

§. XVII.

No meio destas versificações, foi-me conveniente huma digressão á Pátria, por tempo de Ferias Pascaes, e ahi huma conquista, posto que pouco difficil, me fez de novo deixar aquelles campos; levando nos olhos as cataratas, que delles me sa-

cou

cou o azedo proceder de Marcia; e isto por conta de huma Nise, de que tratei lá mais ao diante, em razão de versos, que então lhe tocárão, posto que já me não toque, nem d'agua, nem de sal.

§. XVIII.

Foi desta jornada, em que a já tantas vezes repetida, e celebrada Marcia, dada em mercia, como que arrependida do abandono, ou cançada da tardança de meus rogos, deo signaes de querer-me de novo; e em carta, que eu então conheci, me fazia a pergunta, de como podia ser, viver eu sem ella?

§. XIX.

He de saber, que todos os babões tem suas materialidades, e entre outras tinha eu então de mim para mim, que estar fóra da amizade da dita Floripes, era o mesmo, que vomitar a vida em parjas de sentimento: e porque lho disse mil vezes, e creio que jurei outras tantas, a isto he que se referia a pergunta, a qual, como eu

já vivia sem medo da tal apoplexia; mereceo a resposta da Canção seguinti, que foi como huma rolha que lhe tapou a boca até ao instante, em que estou escrevendo esta historia attendivel, e ponderosa; e a Canção he a seguinte:

CANÇÃO.

Se quando te adorava,
Alguem me perdissesse,
Que o tempo inda faria,
Que a fé, que em nós ardia,
De todo arrefecesse.

Crê, Marcia deshumana,
Que eu isto então não crêra;
Ou quando o acreditasse,
Se a dôr me não matasse,
De pena enlouquecêra!

Pois como aconteceo,
Que tempo em fim viesse;
Em que os sagrados votos,
Tyranna, vendo rotos
De afflicto não morresse?

Não

Não sei como isto foi!
He certo que te amei,
Quanto sabes; mas agora
Se me lembras, nem hum'hora
Chorar por ti já sei.

Se quando me deitava,
Ao cerebro revolto
O somno prohibias,
Já posso as noites frias
Dormir a somno solto.

Se acaso algumas vezes
Esta alma descançava,
Tyranna, ainda então
Escravo da paixão,
C'os meus grilhões sonhava!

A'gora laxo durmo;
Pois, falsa, da vontade
Já como Rei disponho;
E se inda ás vezes sonho,
Só sonho liberdade.

Então no teu semblante,
Formoso tudo via:
Se a boca menos bélla
Se via, rir-se nella
Amor me parecia.

Agora se te vejo
Nos olhos, no cabello,
Na face, e branco peito
Se tens algum defeito;
Já chego a conhecello.

Bem hajão teus enganos;
Que a paz ao coração
Afflicto me trouxerão;
Enganos teus me derão
A posse da razão!

Canção, refere á gente
Que vivo já contente.

§. XX.

Confesso que fiquei vaidoso de cahir-me a sopinha no mel; arrumei-lhe ás ventas a dita Canção, e fiquei mais inchado do meu desape-

go, do que perú brioso, no meio dos assobios dos rapazes: então he que em ar de vangloria lhe entrei a passear pela porta, cousa que não fiz até então, depois da troca; e nestes desvanecimentos tôlos, e nos colloquios de Nise se encheo o tempo das ferias, e eu com a nova pêa, que já disse, tomei as estradas pelos albergues do costume, e dei comigo na Cidade de Coimbra.

§. XXI.

Aportado eu á respeitavel Cidade, e mazelento da nova conquista, entrei em reflexões tãos boas, como as pedia o caso, e depois de muita parvoice, assentei de romper por huma vez com a Marilia do Mondego, dando na graça de lá não tornar a pôr os pés; fazendo-lhe a este proposito huma despedida airosa.

§. XXII.

Eis-aqui em que eu tinha assentado hum dia á noite, e acordando com o mesmo flato, ao outro dia pela tarde, fui caminho da quinta

es-

estudando o meu recado; cujo tempo, e sermão perdi, pelo caso mais de embatucar, que tive nos dias desta vida que vou escrevendo; e he elle o seguinte, tin, tin por tin tin, nem mais, nem menos; assim eu tenha bom gasto a este volume.

§. XXIII.

Cheguei: todos me recebêrão bem, e a dita minha Marilia em ar de escarneo (sem que ella advinhára a minha tenção) sentei-me junto della; buscou certo pretexto, e desappareceo: dei volta, encontrei-me com ella, e desairosamente se desencontrou logo de mim: se os namorados não forão tôlos, que mais queria eu para a minha despedida airosa? pois não, senhores, como estava namorado tambem do recado que lhe queria dar, fui buscando occasião, para ouvir este, que ella me deo, e que não tenho pejo de repetir, e pôr em letra redonda; porque nunca fui basofio, nem desvanecido; e tanto conto o que fiz como o que me fizerão;

rão; e tanto alardo faço do que disse, como do que entropeçou com os meus ouvidos.

§. XXIV.

Andando de Herodes para Pilatos, aqui te-lo ponho, aqui te-lo deixo; fui topar com ella, aonde, vendo o meu excesso, já de proposito, e manhosamente me aguardava: e arregaçando os sobrolhos, com vóz fóra do costume me descortinou desta maneira: *Vá para os Taxos de Sellas, e não pense, que achou em mim, se não zombaria; porque Sophistas nunca desinquietárão a minha alma: se quizer frequentar esta casa, terei mais occasiões de me rir; e senão me vir enfadada de o ver, não he porque não o esteja, he para não pôr os mais em reparo.* Eu acudi dizendo, que hia a isso mesmo, e principiei o meu recado por fazer-lhe confessar, que tinha feito a sua paixão, ou bem ou mal empregada; mas nestes preludios voltou-me a poppa, deo ás gambias, e eu fiquei co-

mo

mo parvo, verificando-se em mim o rifão. *Fosse á lã vieste tosquiado.*

§. XXV.

Pensem agora os meus Leitores, que tal ficaria eu! ardi no ultimo ponto, e vim para a companhia com hum riso muito amarello, buscando historias, e empalhações, em que me portasse contente diante della; porém a tal minha senhora desbancou-me em alegria, rio como nunca, e sem a perceberem os mais, arrumou-me huma mangação, que nem que eu fôra hum novato tosquiado, vindo de hum casal com freixo á porta, e toalhas de franja nas cantareiras. Engoli em secco, e feitas as horas do costume, tornei-me á Cidade com o meu recado na mesma arrumação, e com o fixo proposito de não tornar a olhar-lhe para a cara, e assim o fiz. E eis-aqui nem mais, nem menos, o principio, meio, e fim de minha terceira aventura amatoria; vamos agora continuando com o que se segue.

CA-

CAPITULO II.

§. I.

Fui eu hindo com a minha applicação aos primeiros Elementos da Jurisprudencia Romana, com mais algum fervor, porque já tinha menos occupadas as tardes, e algum pedaço das noites; mas nunca largando a guitarra, porque isso então seria o mesmo que hum aleijado, sem o arrimo das moletas. Meus Mestres olhavão-me bem, tanto pelo meu serio nas Aulas, quanto porque sabião como a minha fortuna comigo se amanhava: e por essa razão me não davão a freima, com que estimulavão outros, em quem não descobrião privilegios tão attendiveis: isto não obstante, assentei mil vezes de mim para mim, que devia ser mais applicado, mas o diabo dos bilhares, preciosas pedras de escandalo, engastadas nos malditos botequins, poderão trazer-me sempre engodado à

de

de maneira que não houverão conselhos, nem rogos, nem protestos, que fossem capazes de fazer-me apostata de similhantes casas: pelo que sou obrigado a formar-lhes os caracteres, como entendedor experiente, para confissão do meu peccado, e emenda dos que forem mais azados em tomar conselhos, em ceder a rogos, e em guardar os seus protestos.

§. II.

He hum bilhar na casa interior de huma loja de bebidas, huma ratoeira com dois alçapões, aonde não só cahem ratos pequenos, mas tambem arganaças de armazem de queijo, e manteiga: ao botequim preside a gula, e a lasciva, ao bilhar a má fé, e a ladroeira. Os circunstantes, e matões fixos de similhantes albergues, são huma nova raça de pescadores, que estão á capa dos peixes, e ás bolinhas a cóca, que lhes lanção no verdemar do taboleiro: dão-se raias de proposito, errão-se bolas de assinte; não se carambola, por carambola,

la; e finalmente entregão-se apostar, servindo a malicia de cómmodo, á vil, e abominavel sociedade de tres ou quatro, que na maior tranquillidade de consciencia, vivem destas rapinas: e isto afóra perdas de tempo á precisa applicação dos livros, afóra o reparo crítico dos sensatos, e dos Mestres, e a má fé de que para com elles se pôem similhantes devotos. Quanto a botequins, e seu farto serviço, vede-o na Ecconomia Escolastica, segunda parte do Sabio em mez e meio, de que lá para o diante vos farei mimo especial; pois desta materia de incómmodo, passo ao meu cómmodo.

§. III.

Se a Fortuna, quanto á posse de mezada certa me era absolutamente opposta, pelo que diz respeito á dignidade de estudante, era-me inteiramente favoravel: porque faltando a ver algumas lições, e em dias seguidos, jámais me foi perguntada em occasiões dessas; e jámais a tremenda

vóz

vóz do Bedel chamou por mim para Sabbatina, que eu não tivesse visto, apesar de estar como á primeira das duas, ou não sahir, ou dar desculpa: isto não foi pequena vantagem! Senão digão-no os actuaes alumnos, á cujas mãos eu chegai em letra redonda.

§. IV.

Apesar do pezo das Aulas, de meus intervallos, e distracções de casa, nunca eu pude dispensar-me de fazer o meu versinho á banca, para mostrar aos Amigos, e para engendrar existencia a alguma pequena impressão, em ordem á capa de hum venhão a nós alguns cobres dos que nós precisamos, e vos sobejão a vós: e nestas furtadellas compuz dois Idyllios; hum segundo a materia da Fabula de Leandro, e Hero, o outro conforme á de Pyramo, e Thisbe; este ultimo tive a generosidade de emprestar, a quem nunca mais mo tornou, o primeiro escapou do naufragio, e ei-lo na segunda taboa de sua salvação.

IDYL-

IDYLLIO

Fabula de Leandro, e Hero.

Por ermas praias vagando,
D'entre Cestos, d'entre Abido,
Leandro em Hero pensando,
Sente o mar enfurecido
Grossas ondas levantando.

A nado intenta lançar-se;
Como outras vezes fizera;
Tres vezes vai a arrojar-se,
Tres vezes medroso espera,
Já quer ir, já quer ficar-se.

Com ternos votos procura
Amansar Neptuno féro,
Que revoltoso murmura;
Saudades o chamão de Hero,
Medo da morte o segura.

Bravo mar, ventos traidores
(Banhado em pranto dizia)
» Abran-

„ Abrandem-vos minhas dores,
„ Dôa-vos minha agonia,
„ Pois tambem sentís amores,

„ Risonha Venus, que pódes
„ Tornar leite o mar erguido;
„ Pois que aos amantes acodes,
„ Por teu Adonis querido
„ Peço as ondas accommodes.

Disse: e o corpo ao mar lançando,
Os pés, e ás mãos esforçadas
Ora abrindo, ora fechando,
Busca as praias desejadas,
Onde a luz o está chamando.

Em quanto as ondas cortava,
(Que he de solicito amor)
Cad'onda que rebentava,
Era huma setta de dôr,
Que d'Hero o peito rasgava!

Muitas vezes maldizendo
A hora, em que lhe accendêra
A luz, a ella correndo,
Assopralla então quizera,

Mas

Mas Amor hia-a sustendo.

D'alta torre debruçada,
A' praia applicando o ouvido;
Sómente d'agoa agitada
Ouvia o rouco estampido,
Sôar na penha cavada.

Sagrados votos firmava
Por ter os Deoses propicios;
E tanto mais se alterava
O mar, tantos sacrificios,
Venus bélla, te jurava!

Quantas Pombas innocentes,
Pelos pés prezas aos pares,
De seu sangue nas correntes
Banharião teus altares,
Se ouvisses votos ardentes!

Mas tu, Deosa, ensurdecida
A seu rógo estás tambem,
Leandro, sobre onda erguida,
Vencido do mar, sustem,
Por breve momento a vida!

Os froixos braços movendo,
Sóbe sobre o mar turbado;
Mas as serras desfazendo,
Resvela precipitado
Ao centro escuro descendo!

Ondas o trazem de involta
Outra vez do mar ao cume;
Para a praia os olhos volta,
E vendo na torre o lume,
Meio vivo as vozes solta:

Hero disse: não espero
Ver-me jámais nos teus braços!
Não... e dando-lhe o mar féro
Espirou; alguns espaços
Repetindo o nome de Hero!

Grossos ares desunidos,
Concedêrão livre estrada
A seus ultimos gemidos;
De Leandro a vóz cançada
Foi tocar nos seus ouvidos.

Treme a mísera donzella,
E frenetica delira!

De-

Vê, treme, chora, delira,
Rasga o peito delicado,
E cheia de amor, e de ira,
Co' os olhos fitos no amado,
Da torre á praia se atira.

A rôxa Aurora subio
Sobre os montes mais erguidos,
E quando os amantes vio;
Por amor na morte unidos,
Com mágoa os olhos cobrio!

A' núa praia acodírão
D'alta Abido os moradores;
Hum mausoléo lhe erigírão
E longo tempo os amores,
De Hero, e Leandro carpírão.

Aquelle, que á Amor tem já
Seu coração entregado,
Repare hum pouco, e verá
Nesse caso desastrado,
Os bons prémios, que Amor dá!

§. V.

Neste tempo não residia em Coim-

bra

brà o Prelado; mas no meado, ou fim do anno lectivo, foi elle novamente reconduzido, e mandado á Universidade, e foi então, quando pela primeira vez tive a honra de ver o Excellentissimo, e Reverendissimo Cardeal mendonça, que depois de meu Reitor, passou a estimar-me, e favorecer-me, e nisso continúa depois da sua elevação ao principado de Patriarcha de Lisboa, cujo lugar realça com ás virtudes, de que he testemunha o mundo inteiro.

§. VI.

A sua chegada do geral contentamento, e além do gosto interior externamente se applaudio, sendo motor dos festejos o Illustrissimo Manoel Pedroso de Lima, então Lente Primario, e Decano da minha Faculdade, e hoje dignissimo Desembargador do Paço, e do Conselho de Sua Magestade, o qual fez illuminação emblematica, a espensas suas, convidando os engenhos de Musica, e de Poesia, no qual segundo ramo

Apollineo entrárão Antonio Isidoro dos Santos, Miguel de Alvarenga Braga, que Deos haja, Henrique José de Castro, e outros, no meio dos quaes fui eu incluido, como Pilatos no Credo: fizerão varias obras, que alli se recitárão, mas como não erão minhas, e só dependentes da minha, ou a minha dellas, os meus camaradas, mais judiciosos do que eu, em guardar producções, feitas de *repens*, fizerão-lhes festa de fogo; e por isso fogo viste. Só me lembro que apparecêrão bons versos, se bem que o assumpto os pedia muito melhores; mas quem faz o que está da sua parte, a nada mais fica responsavel.

§. VII.

Este piedoso Prelado tendo noticia do meu estropeado arranjo de vida, fez-me ir á sua presença, e depois de huma boa ajuda de custo, se me offereceo para entrar desde então no número de meus protectores assignantes; e com effeito o foi em Coimbra, e o tem sido depois disso, nã

só

só em favor meu, mas por mim em favor de alguns dos meus.

§. VIII.

Eis-aqui como as minhas cousas de grão em grão forão ensacando estabelecimento, e eis-aqui como, e quando eu tive por certo, e mais que certo o dia de minha Formatura, senão estendesse o rabicho; porque me achava com o primeiro anno gualdido, e tinha por fiadores á boca, e ao mais que era preciso o Excellentissimo Principal, que sendo de sobejo lhe erão accessorios D. José d'Almeida, os sempre Amigos Sampaios, Gomes Freire de Andrade, D. Carlos de Menezes, Manoel de Mello, D. Lourenço de Lencastre, e outros da mesma cathegoria, afóra Cavalheiros provincianos, e rapazes da minha esteira.

§. IX.

Cessada a tormenta, no meio de tantos Santelmos, huma prodigiosa viração entrou a impandecer as vélas de meus projectos, e então só

resolveo de todo o inchaço de meus receios, jurando ao Deos das difficuldades, de não voltar de Coimbra, sem os gráos de Doutor, o que succedendo pelo avêsso, seria a minha consumição, e a gloria dos que em vez de Doutor me desejarião tambor; pois a dizer a verdade amigos verdadeiros á excepção de huma mãochita delles, só os hei conhecido fóra da minha Pátria: e ainda bem, porque homem, a quem alguns visinhos não querem mal, ou pouco prestimo tem, ou não professa real.

§. X.

Isto posto, e o mais que vou contando, fui alcançando maior nomeada, e já era mais procurado por menos pedinchão, e mais difficultoso por menos precisado; pois he esta a ordem do mundo, que em quanto dependemos corremos, e quando independentes, mostrão-se os dentes: digo isto não por mim, porque aliás seria Escritor de demasiada fé; e eu não pertendo ganhar o prémio reser-

servado ao Historiador de fé, sem achaque; e o tempo que he o mestre de tudo, descobrirá aos meus Leitores a sinceridade de meus escritos.

§. XI.

Na fixa tenção de estudar muito estava eu, como já disse, e os motivos que para isso de novo tinha; pelo que não faltava ás Aulas, fazia as minhas Dissertações, e ouvia o pregão da Sabbatina, sem ser entre o zunidor enxame da porta. Porém as funçanatas erão repetidas, e se por milagre escapava a huma, não podia escafader-me da outra: por tanto caminhei sempre sem regalia de pescoço, e sem dar noticias relevantes, e sem ser perna nas assembléas das casas dos livreiros, pela falta inteira, e absurda do relatorio das Edições modernas, das corretas, das accrescentadas, por Mr. de tal, anno de tal, e na Officina de tal.

§. XII.

Com que, sim, Senhores, de dia

em

em dia veio escorregando o tempo de dar conta de meu aproveitamento, por meio de hum exame, de cambada com mais tres camaradas, sentado em hum banco duro como huma pederneira, e á face de quem toma por divertimento ir a similhantes funções, como á praça de touros, e a rir-se, com razão, de pachuchadas juridicas, com a sem-razão de esquecer-se das que disse naquelle mesmo cadafalso: ultimamente o Edital deo costas á porta da sala, e cada hum começou a cuidar em Certidões de Bedel, assinatura de Petições, nomeação de Dia, e a escolha de Lecionista

§. XIII.

No meio de tudo isto, e como estava em lugar remoto, que cuidão os meus Leitores em que eu me occuparia? que no geral reboliço dava, como Diogenes, voltas á minha dorna? pois, não Senhores; entrou-me o frenesi dos versos! e prompto ao começo de grandes cousas, que nun-

nunca levei ao cabo, entrei na empreza de traduzir as Fabulas de Fedro em toda a sua simplicidade: e depois de ter trasladado em verso vulgar, o primeiro Livro, estaquei; e delle só conservo as oito primeiras, as quaes aqui amezendo, para próva do boliçoso da minha Musa, e da inconstancia das minhas emprezas: com licença, ei-las comnosco; quem gostar leve-as ao cabo, e quem não gostar, salte ao § XIV.

FABULA I.

Quem procura fazer mal
Nunca lhe falta por que.

O Lobo, e o Cordeiro.

De ardente sede obrigados
Forão ao mesmo ribeiro,
A beber das frescas aguas
Hum Lobo, e mais hum Cordeiro.

O Lobo pôz-se da parte
Donde o regato nascia;
O Cordeiro mais abaixo
Na vêa d'agoa bebia.

A féra que desavir-se
C'o a mansa rez desejava,
N'um tom sevéro, e medonho
Desta sorte lhe fallava:

Por que motivo me turbas
Esta agoa que estou bebendo?
O cordeirinho innocente,
Assim respondeo, tremendo:

Qual seja a razão, que tenhas
De enfadar-te, não percebo!
Tu não vês que de ti corre
A mim esta agoa, que bebo?

Rebatida da verdade
Tornou-lhe a féra cerval;
Aqui haverá seis mezes
Sei de mim disseste mal.

Res-

Respondeo-lhe o cordeirinho
De frio medo opprimido,
Nesse tempo certamente,
Inda eu não era nascido!

Que importa? se tu não foste,
(Disse o Lobo carniceiro)
Foi teu pai: e por aleives
Lacera o pobre Cordeiro!

Esta Fabula dá brados
Contra aquelles insolentes,
Que por delictos fingidos
Opprimem os innocentes.

FABULA II.

O remedio muitas vezes
Inda he peor que a doença.

As Rans pedindo Rei.

FLORECENDO a Grega Athenas
Em justas Leis; a Cidade
Revoltou, e fez inutil
O seu freio a liberdade.

Di-

Dividindo-se em partidos
O povo a Solon ingrato,
Apodera-se das rédeas,
Por astucias, Pisistrato.

Sua triste escravidão
Os d'Athenas lamentando,
Não porque fossem cruéis
As Leis que lhe hia dictando.

Mas sim porque o pezo grave
Sempre maior pareceo
Aos ociosos, Esopo
Esta Fabula escreveo.

As Rans que livres vivião,
A Jove pedírão Rei,
Que aos costumes dissolutos
Lhe pozesse freio, e lei.

Rio-se o Deos, e hum cavaquito
Para seu Rei lhe mandou;
Cahio no lago, e co'estrondo
O fraço povo espantou.

De-

Depois de estar longo tempo
Quieto no verde limo,
Huma dellas muito a medo
Chegou da lagôa ao simo.

E depois que o novo Rei
Miudamente explorou,
A todas as companheiras
Em altas vozes chamou.

Ellas, deposto o temor,
Acceleradas nadárão,
E sem reverencia alguma,
Por sima do Rei saltárão.

E depois de mil affrontas
Rogão a Jove sagrado
Outro Rei por ser inutil
O Rei que lhe tinha dado.

O Deos então justiceiro
Huma cobra horrenda envia,
Que todas, com duro dente
A retalhar principia.

Debalde inertes procurão
A morte certa evitar,
E repassadas de medo,
Nem se quer ousão fallar.

Por Mercurio, ás escondidas,
Pedem a Jove sagrado
Que dellas se compadeça:
Responde-lhe o Deos irado:

Por ser frôxo, não quizestes
Contentar-vos co' primeiro;
Pois deste que vos foi dado,
Sopportai o cativeiro.

Vós tambem, ó Cidadãos,
Tomai hum conselho igual;
Accommodai-vos com este
Não vos venha maior mal.

FABULA III.

Justo he que viva contente
Cada qual no seu estado.

A Gralha soberba.

PARA todo o que blazona
C'os bens alheios, e engeita
Sua propria condição,
Foi esta Fabula feita.

Intumescida huma gralha
Com soberba presumção,
Tomou as pennas, que havião
Cahido ao grave Pavão.

Depois que soube com ellas
Astutamente enfeitar-se,
Deixando seu proprio rancho,
Foi com os Pavões misturar-se.

Elles á Gralha imprudente
Primeiro as pennas tirárão,
E em seu castigo depois
O corpo lhe espicaçárão.

Mal-

Maltratada a Gralha, triste
Para o seu rancho fugio;
E novamente das Gralhas
Outro desprezo sentio.

Então humas das que havia
Deixado primeiramente,
Lhe disse: se em teu estado
Soubesses viver contente,

Se o que te deo a ventura
Em boa paz possuiras,
Nem soffrêras essa affronta,
Nem desprezada te víras!

FABULA IV.

Aqelle que tudo quer
Fica sem nada de seu.

O Cão nadando.

Todo aquelle, que procura
Lançar ao alheio a mão,
Do que d'antes possuia
He privado com razão.

Na-

Nadava hum cão por hum rio
Carne na boca levando,
E vio a sua figura
Nas aguas, que hia cortando.

E julgando que outra posta
Era por outro levada,
Quiz-lha tirar, e a avareza
Se vio então castigada.

Porque largando a que tinha;
Para poder aprendella
Desfez-se-lhe a sombra vã,
E a sua não pôde havella.

FABULA V.

A sociedade dos grandes
He algum tanto arriscada.

A Vacca, a Cabra, a Ovelha, e o Leão.

RARAS vezes he fiel
C'os grandes a sociedade;
Esta Fabula de Esopo
Aclara bem a verdade.

Hu-

Huma vacca, e huma cabra;
E huma ovelha pacienta,
Se ajuntárão companheiras
Na caça ao Leão potente.

Tomando hum grande veádo
E feito em partes iguaes;
A's presentes companheiras
Disse o Rei dos animaes:

Eu por chamar-me Leão,
Devo levar a primeira,
A segunda por ser forte,
E por valente a terceira.

E se algum pegar na quarta
Prove o meu dente raivoso.
Desta Arte a preza de todos
Foi quinhão do poderoso.

FABULA VI.

A sabra vai pela vinha
Tal he a Mãi, tal a filha.

As Rãs queixando-se do Sol.

OS célebres desposorios
De hum seu visinho ladrão,
Vi Esopo, e deste modo
Entrou a fallar então.

Pertendendo n'óutro tempo
Receber-se o Sol ardente,
Levantarão-lhe aos astros
As Rãs hum clamor ingente.

Da sua afflicção doído
Jove a causa perguntou,
E huma dellas lá no lago
Desta maneira fallou.

Se hum Sol unico nos faz,
Seccando os lagos, morrer,
Que ha de vir a ser de nós,
Se acaso filhos tiver?

FABULA VII.

Deslustrão os grandes cargos
Aos que delles são indigos.

A Raposa, e huma mascara de Theatro.

HUMA larva por acaso
Avistando huma Raposa,
Exclamou: ó quanto he linda!
Mas de miolos não gosa.

Diz-se daquelles, que a sorte
De honras, e glorias encheo,
Mas a que senso commum,
Por seu mal, não concedeo.

FABULA VIII.

O Lobo, e o Grou.

AQUELLE que a traz do lucro
Serve de ajuda ao malvado
Próva esta Fabula que elle
Não faz sómente hum peccado.

Pecca na barbara acção
De hum malevolo ajudar,
E pecca porque se arrisca
A mal duro de evitar.

Vendo-se o Lobo engasgado
Co' hum osso, e muito opprimido
Para o tirar, aos mais brutos
Foi commettendo partido.

Persuadido o Grou co' as juras
O dilatado pescoço
Pela goella do Lobo
Metteu, e tirou-lhe o osso.

Pedindo-lhe o prémio, ingrato,
Disse, que te hei de pagar?
Não te basta de meus dentes
Salvo o pescoço tirar?

§. XIV.

Em fim não ha cadêas, que amarrem a roda do tempo, e com sua desandancia, chegou-se o dia, em que eu havia fazer o meu papel; pelo que não houve remedio, se não metter

pela vez primeira os dedos tremu-
los, na caixa dos incertos papeli-
nhos, da qual para ponto saquei o
Tit. *Quibus mod. jus Patr. potest
solv.* para minha confusão, porque
em todo elle não achei o modo,
porque eu me via tão solto deste po-
der, se bem que tanta liberdade me
custava as abridellas de boca que ti-
ve em minhas peregrinações, e em
quanto me não achei escorado, da
maneira que disse em hum dos §§
antecedentes.

§. XV.

Chegou-se a hora, e calcurriei pa-
ra o banquinho de meus peccados,
em ar de Noviço Borra, com o co-
ração da côr do habito, e tremen-
do-me as gambias, apesar de minha
larga affoiteza, do que me enfadei
mil vezes em segredo, mas o meu
attenuado espirito, em quanto o acto
durou, sempre ás minhas admoesta-
ções fez orelhas de mercador.

§. XVI.

Ajuntou-se o poder do mundo,
sem

sem outro interesse mais, do que ver-me naquella forçosa esparrella; e consummada a ceremonia sahi entre muitos abraços, ouvindo o *Nemine*, appetecido Santelmo destas tormentas, e da porta férrea, até á do meu Albergue, fui acompanhado em ar de Prestito, com os pretos a toque de charamela, aos quaes bizarramente paguei os *maravid* com 150 por adiantar ao costume os meus trinta reis, com que fossem beber.

§. XVII.

Depois destes espalhafatos, recebendo parabens, e dados agradecimentos cuidei logo em transportar-me para a minha Patria, a gozar das aprazíveis Férias; cujos campos, sempre me forão mais gratos, que outros alguns, porque apesar de não ser demasiadamente obrigado a seus habitantes, nelles encontrei sempre aquella doçura de Pátria, de que fallava o *Doctor Amorum*, quando cantou.

Nes-

Nescio quâ natale solum dulcedine cunctos
Detinet, immemores nec sinit esse sui.

§. XVIII.

Immediatamente me fui em demanda do meu Prelado, e elle immediatamente me forneceo disto, com que se mercão os melões: fez o mesmo D. José d'Almeida, associou Gomes Freire, entrárão para a bolsa os Sampaios, procedeo D. Carlos de Menezes, o Arcediago de Barroso, e outros, e eu de botas logo na manhã do outro dia me apresentei na rua, consultando arrieiros, provendo-me de manopla, visitando amigos em despedida, e fazendo aquelles gostosos preparos, com a satisfação de ter já hum anno juridico, com o qual, se bem que meio ignorante de suas materias, me parecia, que bem podia dar pareceres em pontos os mais discutiveis, e até despachar feitos de dente de coelho.

§. XIX.

Tandem, finalmente achei huma mula

la ruça, que estava debaixo da tutela de hum arrieiro, por alcunha o Ranheta, larga da anca, e espaçosa de peitos, ajustei a jornada, e pareceo-me á vista dos reforçamentos da bestialidade que em dia, e meio, sem maior africa, entraria estalando pelas acanhadas ruas da minha Patria: razão esta, que me obrigou a resolver o arriosca, a que partissemos nessa mesma tarde, pois caso não deitassemos a Pombal, ficariamos á falla com a sepultura de Herodes.

§. XX.

Tratada assim a marcha, veio o senhor arrieiro com a senhora ruça; apresentou-se á porta, entreguei-lhe a mala, e dito o *Vale* á visinhança, lembrou-me, que havia deixado hum pár de meias comprado na loja do Boi; pelo que mandei o Ranheta esperar-me a Santa Clara velha, e eu fui arrecadar o traste; o que redundou em minha felicidade, por quanto:

§. XXI.

Chegado eu a Santa Clara todo esbaforido, metti o pé no estribo, e com toda a guapisse me encarrapitei na sella: porém a azémula ou advinhando a desgraçada carga que tomava, ou já por posse antiga de as não soffrer nem más, nem boas, entrou na repetição de hum, sobre outro bin; e em huma despropositada, mas contínua roda de coices, e saltos, trabalhou por estirar-me ao comprido na calçada; e porque o não pôde conseguir, visto haver-me agarrado á sella com unhas, e dentes, atirou-se comsigo ao chão levando-me atrapalhada, e descompostamente sem chapéo, nem manopla, e embrulhado com o terrivel espadalho, que me acompanhava; de sorte que se alli se não acha tanta gente, eu ficava, pelo menos, com algum miolo das botas esmigalhado: e foi felicidade, disse eu, porque se isto succede á minha porta, que vergonhaça que rapava por conta de humas visi-

nhas,

nhas, que tantas vezes, e com tanto garbo me vírão sahir a passeio nos frizões do Caetaninha, e mais o Barboža, e que no seu modo de sentir me tinhão conhecido por hum habil montador.

§. XXII.

Eu que sou decisivo em materias tocantes á minha conservação, por mais que o Ranheta me disse, que fôra espanto, que fôra da espora, que não era nada em lhe apertando a rédea, e por mais que a cavalgasse, fazendo corridas pela ponta de cabo a rabo, não lhe foi possivel tornar a fazer-me, nem tentar a estribeira: e quando já estava resoluto a ficar para o outro dia, appareceo hum arrieiro de Ancião, ainda criança, e por nome Manoel, não me lembro de que, com seu machinho muito sofftivel; e eu mudando a bagagem subi acima, e comecei a minha jornada; por sinal levava o dito rapaz o seu Rosario de contas de tiracolo, e por sinal, que em todo o cami-

minho, não vi que lhe servissem, senão de compostura.

§. XXIII.

Trepei á venda dos Mauroços, ou dos Marotos, passei Xarnache, vi Condeixa, lugar delicioso, fui á Redinha, Villa terrivel, e posto que noite era, não quiz agasalhar-me nella, não só pelo medo, de que sonhando fallasse em Herodes, mas pela pessima estalagem, que ás boccas abertas está promettendo atirar com os passageiros ao rio: pelo que demandando charnécas, e pinhaes cheguei á venda, que chamárão do Diabo, cujo nome catholicamente lhe extinguírão, pondo-lhe huma Cruz, á vista da qual fugio o diabo, e o lugar tomou della o nome, que ainda hoje conserva.

§. XXIV.

Aqui houve consistorio sobre ir a Pombal, que fica huma destemperada legoa: eu era de voto que sim, mas o arrieiro muito amante do seu machinho, teimava pela parte opposta a

en-

entre vai não vai, soube-se, que na dita Aldêa não havîa nem palha, nem cevada. Eu tinha por certo, que tudo me era franco em casa do Padre José, como porém estava com o fito em Pombal, fiz-me moita, e o arriosca, que por amor do macho queria ficar, por amor do mesmo macho tratou promptamente de nos conduzirmos; e lá que horas assentámos comnosco na dita Villa, a tempo que se a Estalajadeira me não conhece, seria obrigado a pernoitar no forno do milagre.

§. XXV.

Ao outro dia visitei o meu Marquês do Couto, almocei na fórma do costume e segui a minha derrota avistando Leiria, Alcobaça, e aportando finalmente á minha Patria; e com os gráos do primeiro anno, não só não me espantando de me chamarem senhor Doutor, mas até assentando de mim para mim, que já o era: e por tanto façamos aqui novo Capitulo, para bom arranjamento das materias.

CA-

CAPITULO III.

§ I

APORTADO pois á Patría, entrei na casa de minha tia, fui recebido com o alvoroço do custume, e visitado ao dia seguinte dos poucos Amigos que alli contava, dos quaes o número maior hia mais a ouvir as minhas aventuras, do que a matar as saudades, que de mim tivessem; apesar de companheiros, no peão, bilharda, toutolorou, e felestrias juvenís. Sahi de tarde a ver se as ruas estavão no mesmo sitio, e a cumprimentar aquellas pessoas, que posto me desejassem visitar, com tudo lho não facultava o melindre do seu estado, e sexo.

§. II.

Por hum desastre, e em razão de cumprimentar outras figuras, me fui topar com a Nize, de que já fiz menção, cá para traz, e pela qual me dei á alforria com a Marilia do Mondego; cuja senhora Nize estava

es-

escandalizada ao ultimo ponto, por eu não ter feito o menor excesso de saber da sua saude, em todo o tempo que estive em Coimbra: tomou-me disto satisfação, e eu como desoccupado, e em razão tambem de pirraçear a Marcia dada em mercia, fingi-me embeiçar de novo, ou melhor, quiz dar a entender, que o fogo se não havia extinguido, não obstante a falta de escrita, mas com a pouca fortuna della me ouvir indifferente.

§. III.

Esta segunda partida agoniou-me bastante, e concebi novo projecto de obrigalla manhosamente á repetição do namoro, e dispicar-me depois com hum abandono sacodido: a esse fim lhe espetei aos olhos hum Soneto, que já correo impresso debaïxo de outro nome, por conta de certo disfarce, e agora o ponho aqui, não só porque se lêa o Soneto, mas igualmente admirem a moluria, com que fui abalroando

aquelle coração, por meio de huma ternura ficticia, que he o mais poderoso emolliente para corações desacisadamente entaboados, misturando-se-lhe com mão subtil huma pequena dose de encomio de sua belleza, e do muito que se perde na sua perda: ora aqui vo-lo ponho, aqui vo-lo deixo.

SONETO.

INCONSTANTE rapaz, cruel vendado,
Para que venturoso me fizestes,
Se hum momento de gloria, que me déste,
Em dias de amargura tens trocado.

Por que fim as delicias do passado
Tanto ao vivo na idéa me escreveste,
Senão para que o mal que me fizeste,
Na lembrança do bem fosse dobrado!

Pois o bem me tiraste, que podia
De meu destino os golpes suspender,
Tua raiva de todo em mim sacia!

Aqui te venho o peito offerecer,
Esta vida me tira, que devia
Quando Nize perdi, tambem perder.

S.

§. IV.

Ella ainda resistio, porque mulheres em se açanhando são peiores que viboras, e denodadamente me deo em resposta, *scilicet. Que a perda ou pequena, ou grande era irreparavel, e como eu só della me lembrára, quando a via, trabalharia porque eu mais não passasse por esse incómmodo*, isto he em substancia, porque a carta não se alojava em menos que hüma folha, e com suas cotas marginaes, não obstante ser orfã de pontos, e virgulas.

§. V.

Se bem o disse melhor o fez; porque por oito dias teve a constancia de se esconder de mim; em ar de bichancro, e como a Galatéa, de que falla o Bocolico Latino:

Et fugit ad salices, & se cupit ante videri.

Até que eu exasperado, mas teimoso no projecto da conquista, fiz que por mão habil neste ministerio lhe fosse entregue outro Soneto (unica polvora, e bala, que voga nestes

ata-

ataques) o qual vai sahindo das encolhas com todas suas quatorze pernas. *Ecce*

SONETO.

Soube Amor a seu jugo sujeitar-me,
De que humano atéqui já mais livrou,
Mas primeiro mil meios estudou
De poder a vontade cativar-me;

Quiz com vãs esperanças engodar-me,
Mas os fructos não teve que pensou;
Subtil laço com sua mão me armou,
Mas eu soube dos laços desviar-me:

De Nize me amostrou o rosto puro,
E a pezar de galante, airosa, e bélla
Fugi della innocente do futuro!

Agora que d'amor ardo por ella
A Nize, por castigo, em vão procuro
E não consente Amor que torne a vê-la!

§. VI.

Este Soneto mereceo outra resposta, e bem que não fosse a que se pertendia, sempre teve cara differente da primeira; e eu então com vi-

sos

sos de meio amuado, só lhe apparecia em ar de desdem, e em passagens para a caça, ou vindo da caça: até que huma noite em que me recolhia vaidoso da morte de tres codornizes, e huma rola, ao passar me chamou da janella, e depois de huma larga prática, fizerão-se as pazes, houverão protestos, e votos de ser duradoira a nossa amizade, ao que eu accrescentei, que até era impossivel acabar-se; e para próva de meus fixos sentimentos lhe levei dahi a dias a seguinte Ode, de que ella gostou muito.

ODE AO SUPRADICTO.

Quem ha que duvide
Que tu, Nise bella,
Serás sempre minha,
Se he força de estrella!

No dia ditoso,
Em que te avistei,

Que amantes agouros
Ah, Nise, encontrei!

Hum malmequer branco;
Em hora felice
Cortei, desfolhei-o,
E o *bem* me predisse.

Tres folhas de rosa
Nas mãos estalei,
E os mesmos presagios
Nos sons encontrei.

Que tempo tardou,
Que sobre o altar
Não fossemos ambos
Fé pura jurar?

E crês póde o Tempo
Romper co' a mão féra
Hum laço, que o Ceo
Mostrou que tecêra?

Humilde o respeita
No gyro traidor,

Co'

Como Obra do Ceo
Empenho d'Amor.

§. VII.

Nisto andava eu, quando tive por noticia, que na Villa de Cóz, se achava a banhos huma Senhora, filha dos Fidalgos do Bombarral, por nome D. Maria do Carmo, com quem eu não tinha o maior conhecimento, mas desejava-o ter, em razão de hum de meus Tios ser todo daquella casa, e saber por pública vós, e fama o agasalho, que estes Senhores generosamente prodigalizão com quem lho sabe merecer. Eu nunca a tinha visto senão em huma janella do sumptuoso palacio, que tem no Bombarral, assistindo ás grandiosas festas que se fizerão pelo seu ajuntamento com o Illustrissimo D. Rodrigo de Lencastre, função que produzio naquella aldêia grande parte da Côrte, e que certamente fóra da Côrte não verei outra similhante e quer Deos que ha muita gente, que disso se lembra, para

que me não fique o ressibo de adulador, attendidos os muitos favores, que desta casa tenho recebido.

§. VIII.

Soube, que alli se achava, e tive boa occasião de fazer-me conhecido; porque João Ferreira Batalha, então Juiz de Fóra na minha Pátria, se dispunha a ir fazer-lhe visita, e de caminho me convidou, e a Pedro de Almeida, Menorista da mesma Villa Obidense: nisto assentámos, e pedindo eu huma bem escusada licença á Senhora D. Nise, montámos a cavallo, e devastando charnecas, ouvimos o meiodia em Alcobaça, onde jantámos (já se sabe que no Mosteiro) e lá pelá tarde assentámos comnosco na sobredita Villa de Cóz.

§. IX.

Chegámos, fizerão-se os cumprimentos, e a Senhora folgou de lá me apanhar; e logo depois de huma pequena conversação, fomos de enxurrada para a grade, que era a direita descarga, e o melhor entretimento

da

da terra : alli appareceo huma viola, concorrêrão as curiosas, chovêrão versos, trovejárão as Musas, e alfim fez-se função de que eu gostei, e deixei os outros gostosos; até que ás horas prescriptas nos obrigárão a voltar á casa, onde estava assistindo a dita Fidalga, cuja casa fica face a face com o Mosteiro, e tem huma varanda, e janellas que descobrem a galaria.

§. X.

Tocou-se a cear, o que se fez com a grandeza da Hospedante, e de Martinho Affonso que a acompanhava; e depois de saudes remettidas ás janellas do Mosteiro, para as Senhoras parentas, que de lá fazião a possivel companhia, fez-se indispensavel dar descanço ás humanidades, e nos coube em sorte sermos alojados a pernoitar em casa do amavel Prior de Cóz, porque nas casas em que a Fidalga se achava, apenas, e escassamente se acommodava mal huma pequena parte da sua familia.

§. XI.

Como eu nunca fui de fazer repetidos sonos, pois sempre meus bons humores se contentárão com o primeiro, por ser daquelles, que sem interrupção abrange huma noite (não havendo cousa que o esfagunte) acordei pela manhã, e andei aos boléos na cama, sem sentir mexer nem huma mosca; de sorte que assentei, que ou tinhão morrido, ou tinhão desamparado a casa; até que exasperado me levantei, e cuidando que abria huma janella de sacada, saquei a descuberta de huma varanda, cuja serventia era o que eu pensava janella, sendo aliás huma reverendissima porta, por isso não he bom torvar de repente gostei disto para poder escarrar á minha vontade, e neste motim, ordinario á Missa das Almas, e no fim dos exordios, andei passeando; tomando do meu esturro, vendo os campos que dalli se descortinavão, e alguns tassalhos daquelle edificio Monastico; o qual me tinha dito hum

su-

sugeito noticioso, que muito se assimilhava ao de Lorvão; e com effeito tem duas cousas muito similhantes, a saber; a casa dos Padres á direita quando se entra, e o feitio, e côr dos habitos das Religiosas.

§. XII.

Depois de andar muito tempo pela varanda, sentio-me o Prior, que já vinha de dizer Missa, e de cuidar no seu rebanho; então me veio á falla, e nos entretivemos conversando, não me lembro em que, até que me desafiou para almoçar, e que os mais, quando acordassem farião o mesmo: acceitei logo, pois nunca tive cortezia para menos, e feito o papo sahi com pretexto de Missa a ver a Igreja do Convento, e a revistar a Portaria, para me recrear com a contínua algazarra das chamadellas por Maria de tal, por Aniceta de qual; aqui estão os ovos, venha buscar o durante; diga lá isto a fulana, dê lá a sicrana, e &c., &c.

§.

§. XIII.

Nestas vozearias, e palestras, que facilmente armei com huma velha, que immovel presidia a esta barafunda, rodou a carruagem da Fidalga, que já vinha do banho, corri a assistir ao desembarque, e de involta com a comitiva subi para sima, e dándo parte do somno de meus companheiros, chegárão a elles, e depois de levarem investida de dorminhocos, tratou-se de almoço, a que eu não duvidei assistir; pois ainda que tinha almoçado, e muito bem, não quiz que me pozessem a taxa de que não era capaz de almoçar duas vezes.

§. XIV.

Isto concluido fomos á grade: de lá voltámos a jantar, e depois grade: modinhas, versos, investidas sizudas, baldazinhas, &c. &c. armou-se contínua sociedade sendo companhia fixa, da parte de dentro a estimavel, e virtuosa D. Leonor, tia da Fidalga, e as Senhoras, Jesus, e

e Chagas, filhas de Silverio da Silva de Alcobaça, e de ferros afóra, a Senhora Carmo, seu tio, o Prior da terra, e os Padres da casa; e além destes outra Senhora por nome D. Maria Brigida, casada com José Pedro de Faria, Tenente Coronel, que então era do Regimento de Castello Branco, e hoje, igual aos bichos debaixo da terra; elle Pai, è ella Mãi do meu Amigo João José de Faria, que tambem se achava, e mais seu Primo Antonio José Guião, e este indigno creado de todos elles e dos meus Leitores.

§. XV.

Por incurarmos razões, ao outro dia fiquei eu cahido nas circumstancias de demorar-me mais tempo, do que pensava; por quanto os meus companheiros, por insinuação da Fidalga, e dos mais mettêrão pernas á callada, e a besta em que eu tinha ido remetterão-na debaixo dos calções de hum moço do Bombarral, e fiquei a pé, e prezo por cumpri-

mento, e obrigado a amalhoar por alli hum par de dias, como com effeito aconteceo: e por não ser prolixo em cousas miudas, contarei sómente a seguinte farçada, da qual para não sahir tinhoso, foi preciso hum acaso, que qualquer velha, se tal lhe acontecesse, attribuia-o logo a milagre, digno de painel: e foi ella.

§. XVI.

Eu havia tomado de empreitada amofinar as moças do Convento, a quem metia a bulha, sem jámais lhes faltar aos devidos, e usuaes tratamentos de *taxos*, *chacolateiras*, &c. o que lhes fazia crear hum terrivel azebre; de dia fazia-se isto com cumprimentos esfarrapados, e á noite com hum sermão fixo, recitado da varanda abaixo, a hum auditorio proporcionado aos assumptos; e á dignidade do Prégador: o thema era sempre novo, porque igualmente e o discurso erão formalisados pelas noticias, que vinhão de dentro,

sas

sacados dos annexins, e baldas das mesmas cachopas; cujos nomes eu tinha em huma pauta, e por ella fazia as eleições, e quantas extravagancias me occorrião, para entreter o tempo, em huma terra em que não havia mais com que: pois que o melhor partido de quem se quer divertir, he aproveitar-se de tudo, quanto lhe cahe á mão de semear.

§. XVII.

Foi tal o odio, que as ditas chacolateiras contra mim concebêrão, em consequencia das singelas verdades, que lhes prégava, sem lhes pedir paga, que em huma occasião me hião abrindo a cabeça, com huns cacos, que podérão arremessar por entre o gradamento de huma das janellas de hum tôpo; e ultimamente mandando eu buscar huma pouca de banha á botica, a fim de deitar a minha barrelada, tendo o portador (que era hum rapazete) o descuido, ou curiosidade de dizer para quem era, prepararão-na atraiçoadamen-

mente; e o rapaz pensando; que trazia o que lhe mandárão buscar, veio com o covilhete, e apresentou-o em sima de huma banca; e eu com a mesma ignorancia a poria na cabeça, se não acontece ser-me preciso ir fóra, e succeder o seguinte.

§. XVIII.

Ficou na casa outro rapaz muito guloso; e como eu havia acabado de almoçar, sobre a dita meza estava estendido ainda o guardanapo, algum pão, e faca, entendeo que era manteiga o que estava no covilhete, e vendo-se de posse do bolo, barrou o seu pedaço de pão, e querendo introduzillo no estomago, lho não consentio o paladar, por a achar extremamente salgada (segundo sua posterior confissão.)

§. XIX.

Entrei eu, e dispuz-me para a penteadella, que hia a fazer-me hum criado de Martinho Affonso, por nome Hippolito; começou a pôr-me a banha, e ella seria fallada, se o ra-

rapazito não diz muito admirado: *V. m. põe manteiga no cabello ao senhor Malhão?* Respondi-lhe eu: *E's bem camelo, isto não he manteiga, he banha*, tornou o rapaz, *eu bem conheço o que he banha; a banha não he salgada, e essa está como huma pilha.* Com effeito provámos, e achou-se que era mais o sal, do que a banha, e já o Hippolito tinha reparado em lhe achar muita aspereza ao esfregallo nas mãos.

§. XX.

Tratei logo de limpar a cabeça quanto pude, lavei-a hum poder de vezes com aguardente morna, e outros ingredientes, mas não da tal hetica, o que não obstante, sempre vim a ter huma calvasinha, não muito pequena, da qual por hum resto que ainda se conserva, fiquei com hum fixo sinal de lembrança, que bem que se não extingua, em mim logo se extinguio a raiva, que concebi ás ditas cosinheiras; porque

§. XXI.

Averiguadas as contas, exasperadas, e capazes de arrancar-me os cabellos por conta dos meus sermões, ou não podendo soffer prégadores de cabello atado, forão-se á banha, e a carregárão de quanto sal foi susceptivel a dose, que se pedia, sem o menor escrupulo de me fazerem careca, e pôr-me com os homens na má fé, com que olhão corcovados, côxos, e carecas: mas como fazendo justiça desta traição forçosamente foi chefe a moça da botica, a ella he que fiz o Soneto seguinte, que servio de remate, peroração, ou epilogo ao sermão dessa noite.

SONETO.

SEja pelado o barbaro animal
Que tem a Boticaria por criada;
Eu lhe veja em tres horas transformada
A cabeça em carvão, o corpo em sal.

A saude que sobra no Hospital,
Desfrute por idade prolongada,
Dos quadriz, e das costas derreada
A golpes de vergalho, e mão de gral.

Com defuntos se tope ás horas velhas,
E da fuga no subito alvoroço
Quebre os dentes, e rasgue as sobrancelhas!

Alporcas se lhe apinhem no pescoço,
E escorrendo-lhe a sal sempre as orelhas,
Quanto á boca lhe for, vá sempre em seço.

§. XXII.

Ora eis-aqui, meus ricos, e pobres senhores, os meus acontecimentos de Cóz, não fallando na limpeza de huma bilha, no nojo de huma garrafa (e por sinal que branca, e cheia de agua) e outras brincadeiras, com que por alli se levárão quinze, ou vinte dias: e como, segundo minha natural, e antiga inconstancia, não podia ser muito tempo fixo em huma terra, excogitei o modo de me çafar, para de todo não perder as prelengações da senhora Nise; para isso capacitei o rancho, de que hia

a conduzir mais roupa (como se eu a tivesse) e que no fim de tres dias voltava: lá lhes custou, mas em fim eu montei em hum galiziano da senhora D. Maria Brigida, e na companhia de Miguel Luiz de Ataide, meu velho amigo, apesar de ser moço, outros, que ultimamente alli arribárão; e quizerão ir ás Caldas da Rainha, parti por onde me tinha conduzido o Batalha, e dei com os ossos na Pátria, quando lá já me não esperavão; senão no anno seguinte: satisfações, perguntas, &c., e &c., e entrei no tal namoro de que fallei cá para traz, em quanto o tempo me não tornava a dar ordem de marchar para Coimbra.

§. XXIII.

Em alguns espaços imaginarios, e melancolicos, proprios dos da minha proveniencia materna, e por não ter a Musa ociosa, dei existencia ao Idyllio que se apresenta com o nome de *Fileno*, *e Lidia*, do que Nise se arrufou muito, como se hum

poe-

poeta namorado, não podesse, sem offensa da sua Floripes, desencadernar versos a qualquer motivo occorrente, e formar de novo quantos individuos lhe picassem na imaginação, e disto podem colligir a esfera da dita mocetona.

IDYLLIO.

FILENO, e LYDIA.

Fil.

Aqui por onde o liquido Regaça
Revolve a fulva aiêa,
E co' as fontes, que em seu caminho encontra
Mistura a fresca vêa,
Sentemo-nos, ó Lydia, amada Lydia,
A' sombra deste ulmeiro
Em quanto nos permitte hum bem tão raro
O tempo lisongeiro.
Mas ha de o tempo, que apressado vôa,
Por huns breves espaços
Roubar-me a tua vista! ha de arrancar-te
De meus amantes braços!
A' ti, a quem da minha tenra infancia
Soube adorar té agora,

Por toda a parte, escuta descantando
Serranas, e Pastores.

Fil.

Ah Lydia, solta a vóz, o vento prende
Ao som desta corrente.

Lyd.

Alegra-te. Fileno, se a alegria,
De ouvir-me está pendente.

CANTO.

FRESCO Regaça,
Que brandamente
No mar ingente
Vais descançar,
Ouve os suspiros
Que sólto ao ar.

Vio-me Cupido
Nos tenros annos,
E seus enganos
Fez-me abraçar;
Colhi por fructo
Só suspirar.

Do meu Fileno
Doces abraços,
Por mais espaços
Me quer negar,
Minha ventura
Vejo acabar.

Mal me permitte,
Com triste aspeito
Junto a seu peito,
Vir suspirar.
Oh quem podera
Nelle acabar!

Seus lindos olhos
Hão de fechar-se,
Hão de occultar-se,
E não tornar!
Ah tudo a morte
Sabe acabar!

Vós, lisos troncos,
Vos desfolhais,
E d'outras folhas
Vos adornais.
Olhos que morrem
Não brilhão mais.

§.

§. XXIV.

Daqui se deixa ver, como eu, nestes tempos de estropollia, combinava o amor ás Musas, com a inclinação ás moçoilas; e na alternativa de huma e outra cousa desenvolvia o meu divertimento com caçadas, pescarias, descantes, jogos (sem ser de valha) contradanças, regalos de estomago, &c. E saudoso de meus antigos consocios, não pude, apesar de tudo isto, de dispensar-me de huma digressão a Torras Vedras, dalli á Serra da Villa, de lá a Mafra, e de Mafra a Lisboa; cujos acontecimentos itinerarios omitto por não ser secatriz, e por descambar muito dos meus fins Academicos, por serem estes o movel, ou a acção principal, e não dever abusar da vossa paciencia, carregando-a de episodios, meio disparatados

§. XXV.

Na retirada, depois de ser acerrimo em operas, e assistente a todo o genero de brinquedos, quiz variar,

e

e fiz caminho pela borda d'agúa; demorei-me na Alhandra, encarei os amigos de Villa-Franca, e escapando *miraculose* ás pontas de hum toiro na charneca de espinhaço de cão, tresmalhado, e incitado por hum bebedo, que em altos assobios, o fez vir á estrada, dei comigo em Obîdos, e cuidei em dispôr a minha partida para Coimbra, em razão de querer ir de ∫vagar, e chegar a tempo.

§. XXVI.

A noticia de minha abalada consternou a Nise de tal modo, que ou fosse verdadeira, ou fingida a sua pena, ella com todas as véras me enterneceo; e como sempre tive hum coração sensivel, entrou-me a roer de verdade o amor, que se nutrìa de brincadeira; por isso a retirada se me fazia penosa; mas como era necessaria para a concordancia de todos quantos fins me propunha depois de muitas caramunhas, chegou a hora, e dito o magôado Vale,

mon-

montei a cavallo em huma besta ; que achei de retorno, e comecei a minha jornada cheio de penas, e vasio de dinheiro, porque meu Pai, além do voto, que assento fez de nunca me contribuir, presumo que nestes tempos se persuadia, por me ver tirado da poeira, que eu tinha desencantado o decantado vellocino, *sive* topado com algum rabisco das riquezas de Creso, *vel & denique* que os meus peccados me havião grangeado o precioso, mas importuno castigo de Midas, sem o contrapezo de suas orelhas.

§. XXVII.

Depois de passar de estalo, e estalando pela Villa das Caldas, disse ás muralhas de Obidos o a Deos saudoso, do alto que medêa entre as agoas sulfureas, e as do rio de Selir do Mato: arrastando á ribeira de Alcobaça fui conversando com o meu deparado companheiro, o qual dando ás pernas, aos braços, e á lingua me contou em summa os progres-

gressos de suas principaes jornadas; o que eu ouvia com attenção interrompida de saudades, e de pensamentos que sempre hia amontoando; e como a calma apertava, e a barriga o pedia, chegando aonde chamão a Mata dos Frades, puz pé em terra, e sacando do farnel, que minha boa tia me tinha feito, senteime á sombra, e fui dando exercicio aos dentes; pois que no meio das minhas penas conservei sempre o acordo de fortalecer-me, para que a sua continuação me não pilhasse em fraqueza, capaz de consentir a peça de rapar-me, e dizerem depois: *pela sua alma, era bom moço, mas foi muito asno em matar-se por suas mãos*: e dizião bem, porque tristezas não pagão dividas, e sempre he bom que viva a gallinha, ainda que seja com sua pevide.

§. XXVIII.

Feito o papo, partimos muito alegres de nossas vidas, e na mesma alegria nos conservámos (á excepção de-

de algumas saudades-zinhas) até a visitar Coimbra, cujas portas entrámos com feliz successo, e sem haver nesta jornada cousa digna de menção especial, nem trabalho dos ordinarios, á excepção de havermos na primeira noite dormido ao relento, por se achar a estalagem de S. Jorge atacada de Frades, Carneireiros, soldados, e de toda a casta de animal, assim bipede, como quadrupede: e pois que chegámos á entrada do segundo anno parece-me justo, *salvo meliori judicio*, que demos tambem entrada á

EPOCA VI.

CAPITULO I.

§. I.

APORTADO que fui a Coimbra entrou logo a ferver a ratazanada, hum a saber como eu tinha passado, este a dar conta do regabofe de suas fé-

ferias, aquelle a dar noticia dos Noviatos recommendaveis, que tinhão entrado, e das judiarias que já se lhes havião feito, e finalmente a armar-se a mesma sucia, e *vita bona* do anno antecedente, com a estabelecida roda de condiscipulos, e de outros amigos, que convidados da boa fama de nossa feição, e manso heroismo se propozerão associar, e com effeito lhes foi concedido, e o nosso rancho neste anno contou hum grande número de bons engenhos, e de magnificos *matões*, tendo o especial gosto de não haver na sociedade hum só valente, e contar por perna fixa o grande José Pedro Nolasco, apesar de muito perseguido para outras associações.

§. II.

Eu não me descuidei de aprompptar as minhas matriculas, e tomei assento no segundo anno Juridico, e na intrincada Geometria, agoiro geral, e pedra de escandalo para a maior parte de Legistas, Theologos,

e

e Canonistas: atinei com tão bons Mestres, como forão os Senhores Trigoso, Almadanim, e Viturio, que para minha instrucção, e dos mais nos lião ás competentes horas; com clareza, erudição, e zelo de nosso adiantamento, e oxalá que nossos desejos correspondessem aos seus. Fallo por mim, porque os meus condiscipulos todos se aproveitárão muito, á excepção de alguns outros Malhões; que na irregularidade de seu estado, não podião ser tão assiduos no seu estudo, e por isso lucrárão menos, porque os dedos das mãos não são iguaes.

§. III.

Como o meu Manoel Correa se tinha formado, só de Alcarouchel ficou em Coimbra seu irmão José Correa de Faria, e como pela absencia dos Calados seus companheiros, e patricios não precisava de tanta casa, deixámos a rua da Trindade, e as algazarras da cosinha da Carvalha, e assistindo interinamente em humas

ca-

casas dos Paulistas, inseridas em hum Collegio, que ahi tem, muito parente das obras de Santa Engracia, fomos finalmente assentar alojamento na ingrime, e estreita rua das Cosinhas, em huns esguixos que estão bem no fundo della, e eu tomei o quarto superior, da qual boceta apenas descobria a ponta da quebrada, a parede do visinho, muito do Ceo, e quasi nada da terra.

§ IV.

Assentada que foi a minha vivenda, começárão logo a delinear-se sahidas, e funçanatas, e consequentemente visitou-se Sendelgas, foi-se a Lorvão; vio-se a Figueira, brincou-se em Monte-Mór, Ganja, Fornos, as Torres, e outros lugares, theatros de nosssas desordens, e desperdicios; porque somos taes, que indo huns á estudar por devoção, e outros a esse mesmo fim mandados, acontece, que poucos fazem o de que necessitão, e poucos cumprem com o que se lhes encarrega; do que agora me

ar-

arrependo pelo que me toca, apesar de não me roer na consciencia hum só real, que gastasse á minha casa.

§. V.

Quasi todas as noites eu era convidado ás cantarolas ora nesta, ora naquella casa; ora em esta outra, ora naquella outra quinta; e até por Collegios de Militares, Pedristas, e de Frades, afóra as casas, e partes de minha obrigação, e inclinação; pelo que como andava moido, e estrenoitado, e a Aula de Geometria era logo pela manhã, e acompanhada de hum frio tyranno, mui poucas vezes lá hia, essas poucas a tirar o ponto, entrando muito acachapado, e sahindo do mesmo modo, apenas via aquillo em figura de bolir-se na pauta: daqui nasceo ser chamado immensas vezes ao giz, e outras tantas á vara, e não apparecer lá senão huma, em que muito de proposito me armei para o choque.

§. VI.

Eis-me nestes assados, e eis-que

pe-

pela prôa me começão a ferver cartas da minha Nise, semeadas de huma saudade, que era chorar-lhe a alma; e a mim fazer-me acabar a vida; e se bem que me ria de humas, outras tocavão-me da parte de dentro, e sem querer vir a ser verdadeiramente saudoso, fui escorregando em huma saudade lenta. Entre muitas expressões alambicadas veio a de dizer-me, que desejava ter azas para ir ver-me a Coimbra: para mostrar-lhe que tambem o desejava, mas que não podia, e o fazia do possivel modo, invocando a minha Musa, lancei mão do motivo, e da penna, e furtando ás brincalheiras, e ás Aulas os meus tassalhos de tempo, compuz a seguinte Cantata, ou como quer que lhe queirão chamar, a que intitulei o *Passarinho*, e lha remetti pelo Correio, do que ella se deo por muito bem paga, e aqui a escrevo, e offereço aos meus bons, e amados Leitores.

O PASSARINHO.

I. PARTE.

I.

INNOCENTE Passarinho,
Que dessas faias sombrias,
Póde ser por divertir-me;
Cantando os mais desafias.

II.

Não percas as doces vozes,
Que sóltas sem fructo aos ares,
Que impossivel he meu pranto,
Em brando riso trocares.

III.

Avesinha, se tu queres
Comigo ser piedosa,
Abre as azas, vai ligeira
Onde está Nise formosa.

IV.

IV.

Mova-te a minha saudade,
Commovão-te as minhas dores;
Padeço de Amor, e as Aves
Padecem tambem de Amores.

V.

Em Aves as tres Sirenes
Consta, que forão mudadas;
Forão vertidas em pêgas
As Pierides Sagradas.

VI.

O grande Deucalion
Em açôr se converteo,
Mudou-se Alcyone em ave;
Mudou-se em ave Ceneo.

VII.

Quem sabe se tu tambem,
Por astucias de Cupido
Algum amante serás
Em mansa ave convertido!

VIII.

Mas não preciso que o sejas :
He bastante nesta empreza
O ser ave, porque Amor
Manda em toda a natureza.

IX.

Bem sabes de meus suspiros,
Que estou de Nise distante,
Tu que vôas, vôa a Nise
Consola-lhe o peito amante.

X.

Se ignoras onde ella tem
A sua alegre morada,
Toma sentido, eu te ensino
O rumo desta jornada :

XI.

Ergue-te sobre o Mondego,
As suas campinas deixa,
E bate as pennas pintadas
Sobre a viçosa Condeixa.

XII.

Não te enamorem seus campos;
Não pares, ávante vôa
Aporta ligeiro ás margens
Onde o rio de Anzer sôa.

XIII.

Procura depois do Arunce
A fertil campina amena,
E leva o rápido vôo,
A's margens do Lis, e Lena.

XIV.

Nellas descança, cantando
Ao som das serenas agoas,
Tantas vezes costumadas
A ouvir de Lereno as mágoas.

XV.

E logo, que o novo dia
Descobrir a luz escaça,
Vai onde juntas murmurão
As agoas do Alcôa, e Baça.

XVI.

E por entre huns fundos valles
Povoados de Olivaes,
Procura as frescas ribeiras,
Que banha o tardo Xarnaes.

XVII.

Sobre Selir bate as azas;
E d'entre erguidos outeiros,
Escolhe aquelle em que vires,
Tremendo verdes pinheiros.

XVIII.

No mais alto delles pousa,
Olha bem, verás defronte
A minha Aldêa plantada
Nas costas d'erguido monte.

XIX.

Da parte de cá dois rios
Retalhão suas campinas,
E da opposta o meu Regaça
Mostra as agoas crystallinas.

XX.

A'quelle, que mais chegado,
Desta Aldêa move as agoas
Vai depressa, e por seus freixos
Solta aos ares minhas mágoas.

XXI.

E como he justo conheças
A minha Pastora bella,
Em vendo a melhor de todas,
Não indagues mais, he ella.

XXII.

Se tu vires, que anda triste
Passeando aquelles valles
Eu te rogo, canta alegre,
Vê se divertes seus males.

XXIII.

Mas no caso, qu'ella os montes
Airosa pize, e contente,
Lança-lhe em rosto as saudades,
Que padeço della ausente.

XXIV.

Dize-lhe tu, que só póde
Descobrir-me a fantasia,
Humas sombras enganosas
Da minha antiga alegria.

XXV.

Que se vejo as lindas flores,
Distrahir-me procurando,
Nas vermelhas suas faces
Amor me está debuxando.

XXVI.

Quando as côr de oiro se bolem
Do brando vento agitadas,
Lembrão-me as tranças compridas
Pelas costas desatadas.

XXVII.

Se levanto á esfera os olhos
No meio da noite escura,
Nos lindos Astros, Amor
Os seus olhos me figura.

XXVIII.

Se no bosque as avesinhas
Desprendem ternos cantares,
Lembra-me quando soltava
No Regaço o canto aos ares.

XXIX.

Quanto vejo, quanto escuto,
Que esta alma não penalise,
São as cousas, que me trazem
Imagem da minha Nise.

XXX.

Mas que lembrando-me della,
Vivendo nós tão distantes,
Desfaz-se-me o doce engano,
E suspiro mais que d'antes.

XXXI.

Que o zelo com vivas côres
Muitas vezes me affigura
O meu rival maquinando
Robar-me a minha ventura.

XXXII.

Que èlle lhe diz, que Francino,
Que opposta a ventura tem,
Não deve por desgraçado
Gozar de hum tão raro bem.

XXXIII.

Avesinha por piedade
Dize á minha Nise amada,
Que quando disto se lembre,
Não lhe esqueça a fé jurada.

XXXIV.

Que não desfaleça, vendo
A minha sorte importuna,
Que Amor bem nascido, e casto
Póde mais do que a Fortuna.

XXXV.

Que depois de muitos dias,
De hum destino trabalhoso,
De brancas rosas croado,
Vem hum dia venturoso.

XXXVI.

Dize-lhe tu, que a desgraça
Tambem de affligir-nos cança;
E que a sorte lisongeira
Em seus gyros faz mudança.

XXXVII.

Pinta-lhe ao vivo meu pranto,
Pois és fiel companheiro,
Que me escutas suspirando,
Toda a noite, o dia inteiro.

XXXVIII.

Dize-lhe mais... Mas o tempo,
Mansamente vai voando,
E tanto fallo comtigo
Tanto te estou demorando.

XXXIX.

Vai, e traze-me a resposta,
Porque eu te prometto então,
Que bebas na minha taça,
E comas na minha mão.

§. VII.

As expressões, e agradecimentos que me fez, e deo resposta, com as juras, e protestos da sua firmeza, ensopárão-me o coração nos mesmos sentimentos, e por satisfazella, e continuar na obra, escrevi segunda Parte, e a huma, e outra fiz musica competente: com que entretinha os curiosos, e curiosas, e que com approvação, e gosto ouvi depois cantar, por quantas partes me achei, e aqui a tendes: menos a musica, porque só a componho de orelha, e em notas reparto muito mal os compassos.

O PASSARINHO.

II. PARTE

I.

Se a minha dôr me não tem
Da luz dos olhos privado,
Ou se hum dia de ventura
Póde ter hum desgraçado,

II.

II.

Serenamente voando
Desta parte jurarei
Vir o terno Passarinho,
Que á minha patria mandei.

III.

Não me engano, ó como alegre
Já para mim se encaminha!
Não sei que nova ditosa
O Coração me adivinha!

IV.

Dize-me, ave compassiva,
Mais que pensava ninguem!
Acertastes o caminho?
Chegastes a ver meu bem?

V.

Não era como te disse,
Entre todas a mais bella?
Então enganei-te? Dize?
Fieis novas me dá d'ella.

PASSARINHO.

VI.

Para cumprir com teu gosto,
Estas campinas deixei,
E sobre a fertil Condeixa
Minhas pennas alarguei.

VII.

Onde o Anzer crystallino
Se está co' a ponte indignando;
Me detive alguns momentos,
Ao som das agoas cantando.

VIII.

As altas faias de Arunce
Nesta noite me abrigárão;
Cheguei sedo, mas seus campos
A ficar me convidárão.

IX.

Ao romper do novo dia
Na sua vêa bebi,
E de teus rogos lembrado
D'estas campinas parti.

X.

X.

Cheguei ás margens do Lis,
Sem tenção de demorar-me;
Mas achei-as tão vistosas
Que me custou a apartar-me.

XI.

São bellas suas ribeiras,
E neste lugar as aves
Sem offensa do Mondego,
Soltão cantos mais suaves.

XII.

Finalmente de Selir
Vi, sobre erguidos outeiros,
Hum lugar, onde mais juntos
Tremião verdes pinheiros.

XIII.

No mais alto fiz assento;
Lancei a vista, e defronte
Vi hum muro antigo, e forte
Cingindo hum fragoso monte.

XIV.

Que bella vista não goza
Aquelle empinado outeiro:
Estes campos dão aos olhos,
O pasto mais lisongeiro.

XV.

Da direita se descobre,
Com suas ondas ufano
Bramando junto ás Berlengas
O empollado Oceano.

XVI.

Vê-se a famosa Lagôa
De valle em valle estendida,
Por huma lingua de terra
Do vasto mar dividida.

XVII.

Que de visinhas aldêas
Daqui se estão avistando,
A que a tua de mais alto
Parece estar dominando!

XVIII.

Vê-se o pequeno Regaça
Por vasto plano ârrojar-se,
E c'os outros na lagôa
Ir vaidoso misturar se.

XIX.

Depois que vendo, o que digo,
Dò caminho descancei,
Ao rio, que perto corre
Da tua Aldêa, cheguei.

XX.

Vi huma Pastora bella,
Melhor dissera divina!
C'os olhos fitos nas agoas
De huma fonte crystallina.

XXI.

Os seus olhos macerados
A's vezes ao Ceo se erguião,
Os olhos, que em terno pranto
Parece se desfazião!

XXII.

E posto não visse as outras,
Ser Nise julguei, Pastor,
Que impossivel achei logo
Encontrar outra melhor.

XXIII.

E como tu mo rogaste,
Empenhei a melodia
De meu canto sonoroso,
Para ver se a divertia.

XXIV.

Havia já longo espaço,
Que alli perto lhe cantava;
Mas apesar de meu canto,
O seu pranto não cessava.

XXV.

Cheguei-me então junto d'ella
E n'um gorgêo mais fino,
Entre huns ramos, escondido,
Disse o nome de Francino.

XXVI.

XXVI.

Ergueo de repente os olhos,
Entre alegria, entre espanto,
E nos olhos de repente
Ficou represado o pranto!

XXVII.

A toda a parte do bosque
Sobresaltada os lançava,
E mudamente ás hervinhas
Por Francino perguntava.

XXVIII.

Compadecido de vê-la
Naquella amante doudice,
Pousando-lhe sobre o cóllo,
Estas palavras lhe disse:

XXIX.

„ O teu Francino, Pastora,
„ Me manda saber de ti:
E quanto tu me ensinaste
Fielmente repeti.

XXX.

Tomou-me então nos seus braços,
Beijou-me, pôz-me no peito,
E sendo eu d'outra especie
Fiquei de amores desfeito.

XXXI.

Disse-me ella que em descanço
De alguma sorte ficava,
Por saber que o seu Francino
Tanto d'ella se lembrava.

XXXII.

Rogou-me que te dissesse,
Qu'inda vivendo distante,
Dos votos, que te fizera,
Não se esquecia hum instante.

XXXIII.

Que se todas as Pastoras
São varias por natureza,
Podias estar seguro,
Que nella havia firmeza.

XXXIV.
Qu'inda vivendo apartada
Lá longe te possuia,
De noite em sonhos amantes,
Em pensamentos de dia.

XXXV.
Pedio-me fosse ligeiro
Em te dar esta resposta,
Para ver se a dôr se abranda,
Que na ausencia te desgosta.

XXXVI.
Obedeci-lhe, e tomando
O caminho, que segui,
Dou-te parte muito á presa;
Do que achei, e do que ouvi.

XXXVII.
Agora dá-me licença,
Que outra vez vá ter com ella;
Pois outra paga não quero
Mais que a ventura de vê-la!

§. VIII.

Na contínua ociosidade destas correspondencias, e tardos progressos de meu anno segundo, appareceo o Carnaval, e convidado pelo meu bom amigo o Doutor Antonio Garcia Pereira, e na companhia do Arcediago de Barroso Jeronymo José Rodrigues, e outros, me apresentei em Santo André de Poiares, de donde passámos á venda da Cortiça a casa do pachorrento Antonio Nogueira, viemos pela de seu Irmão, e levando os tres dias, comendo muito, e brincando mais; e depois de assistirmos á função de huns noivos, em cuja festa de casa, ainda descobri ritos, e ceremonias, resquicios do Paganismo, voltámos a Coimbra para entrarmos na Santa Quarentena, e cuidar na desobriga, a qual na dita terra, não he a cousa mais facil a hum Senhor Estudante.

§. IX.

Dahi a huns dias chegou o meu amigo Antonio Pereira de Sousa Caldas,

das, Nuno de Freitas, Antonio Caetano, e João Chrysostomo Avalheiro, e outros que havião ido á Lisboa, e mandárão-me chamar muito á pressa: cuidei eu ser outro o negocio, mas entrando pela casa dentro, ahi fui topar com meu Irmão Antonio, o qual pescárão nas margens do Téjo, e conduzírão comsigo para as ribeiras do Mondego, pela mesma facilidade que eu tinha, em concordar com estas mudanças de terra em genero, número, e caso, sem apêgo ao lugar, mas sim á companhia; pela regra sabida, e justa, que a minha terra he aonde bem me vai.

§. X.

A' sua chegada, e a verdadeira noticia de seu grande enthusiasmo, ajuntou por muito tempo huma numerosa, e escolhida companhia na casa dos ditos Amigos; e o beco de São Marcos, aonde elles assistião, foi por quasi hum anno, hum Parnaso urbano, povoado de Musas machas, e de Apóllos de batina: e como elle

já

já morreo, e eu sou despido de pre-juizos, e anticipações de familia, posso dir o meu voto sobre o seu merecimento, confessando, segundo o meu tal, ou qual entender, que estro assim, promptidão similhante, occurencia de idéas poeticas tão facil, e verbosidade tão prompta, se algum outro a tem, eu não o conheço; e deste mesmo voto achei a quantos huma vez o ouvírão: e ralhem muito embora os, que forão seus émulos, que aquelle cabedal que dizião faltar-lhe, podia, e estava a ponto de adquirir; mas a ferramenta que elle tinha para o trabalhar, essa costuma-a Deos dar aos seus alambazados, além disso elle já não faz caso dessas cousas, e eu não tomo párias por mim, quanto mais pelos outros.

§. XI.

Eu com elle, e elle comigo ordenavamos huma especie de canto amabeo, sobre hum verso que se nos dava, fazendo-lhe eu segunda á sua qua-

quadra, e elle á minha, alternadamente, e seguindo huma opposição no motivo do improviso; cousa de que gostava muito a gente; e por isso andavamos sempre de corropio ora em huma, ora em outra parte; arrastados ao rogo dos Amigos: de sorte, que toda a pessoa de porte que dava comsigo em Coimbra, sinco cousas se lhe apresentavão infallivelmente, à saber: de dia a cerca de Santa Cruz, e o Museo: e á noite Francisco Malhão, Antonio Malhão, e huma guitarra; e seis, se acaso se podia pilhar; o Padre José Pedro Nolasco.

§. XII.

Por esta razão, jámais professou Freira, jámais houve função de grade; ou de Abbadessado, Capello; ou Conclusões Magnas, annos de pessoa de vulto, folia de quinta, ou furia de rio, a que nós não assistissemos com à nossa cantarola: eu levava estas cousas bem, pela fleuma do meu genio: meu Irmão porém era

pelo contrario, ateava-se de maneira, que nem via, nem ouvia, e por fim de contas, e de hum improviso cantado, e outro de Decimas, que mal mediava do que acabava, ao que começava de novo, hum apice; sahia da função com febre: se cuidão que isto he exaggeração, visto que nelle já se não póde fazer experiencia, pergunte-se a milhares de pessoas que o virão, e que o obrigavão a pôr termo a seus improvisos, doídos do estrago de sua saude.

§. XIII.

Nestas barafundas, veio carta de Nise, em que por hum modo alambicado, me arguia de eu estar tanto tempo sem ir vê-la; como se Obidos fosse hum passeio, ou como se eu tivesse no alvedrio sahir de Coimbra todas, quantas vezes me désse na tonta; e como de mais a mais attribuia isto ao seu pouco merecimento, para a contentar lhe mandei hum brinco de criança nos seguintes versos.

I.

I.

São, Nise, d'ouro fino
Os teus longos cabellos,
E os olhos béllos
Da côr do Ceo luzente.

II.

Tens de christal a frente,
De neve as faces béllas,
E por entre ellas
Rebenta a côr da rosa.

III.

Na bocca assás mimosa,
Engastado em rubim,
Alvo marfim
Se vê a branquejar.

IV.

Quem póde assemelhar
Teu peito delicado,
Thesouro amado
Do casto amor, e pejo?

V.

V.

O' Nise, quanto vejo
Em ti tudo he belleza,
Da Natureza
Foste obra especial!

VI.

Viste para meu mal;
Pois inda que me adoras,
Tardão as horas
De ver-me nos teus braços.

§. XIV.

Como os namorados são prodigiosos em destemperos, e principalmente esta namorada, mandou-me muitos agradecimentos, e outras asneiras accrescentava a dizer-me, que não tinha alegria, se não quando sonhava, que me via, e que me fallava; mas que em acordando, que ficava cada vez mais triste: eis-aqui em summa o que ella dizia em quatro paginas em folio, e que deo motivo aos versos, que vos apresento.

VER-

VERSOS.

I.

Que doce, e brando sonho!
Se eu sempre assim sonhára,
Mais noites do que dias
Na vida desejára.

II.

Sonhava que te via,
O' Nise, e praza ao Ceo,
Que nunca se acabasse
O grato sonho meu.

III.

Tinha-me tão contente
Aquelle cégo engano,
Que alegre passaria
Sonhando todo hum anno.

IV.

Se tanto me contenta
Hum sonho lisongeiro,
Que não sería, ó Nise,
Se fosse verdadeiro!

§. XV.

Depois de tantas saudades, tantos sonhos, e tantas materialidades deste genero, vim eu a saber, que a dita senhora Nise tinha partilhado o seu coração; e que com effeito me fazia amorosa gambernia, na estimação de hum sujeito mais venturoso do que eu: digo mais venturoso, não por ter azos no seu peito, mas por contar grossos tostões, cousa que eu não professava: ninguem gosta destas corriolas, e por isso fingi darme o Passarinho esta nova, que com effeito della se formalizou a terceira parte do dito Passarinho, e huma Carta de desengano, que formou a quarta, as quaes sendo aqui o seu lugar, não vão nelle, porque forão com a malla, e não as tenho, pelo que irão lá no fim da Obra, se entre tanto mas remetter hum amigo, a quem as dei no tempo de Coimbra, e que assiste nos confins do Algarve; e quando não, esperai por ellas no terceiro Tomo. . . . . .

§.

§. XVI.

Atirei logo com a senhora Nise trinta leguas ao largo da minha lembrança, porque como pouco abundante em riquezas, sembre fui desconhecido de Cornucopias, e assentei tratalla do mesmo modo, ou peior do que a Marcia; e fui continuando os meus estudos, a par das minhas brincadeiras, com meu Irmão, e os meus, e seus amigos, que formavão o melhor, e mais luzido rancho, que então pizava os ladrilhos da Universidade, e já neste tempo ahi se achavão os dois meus grandes amigos o Illustrissimo D. Lourenço de Lima, e seu irmão D. Joaquim de Lima, que daqui começão a resplandecer em meu poderoso, e continuado patrocinio.

§. XVII.

Este foi o anno, em que o Reino teve o gosto de ver o Sceptro Portuguez em nova alliança com o de Hespanha, pelos mutuos consorcios de seus Infantes, os quaes diffundi-

rão

rão nos corações dos vassallos de huma, e de outra Corôa, o devído contentamento que explicárão os repetidos festejos, com que cada Cidade, e Villa se emulou, com louvores nos Templos, e espectaculos aos póvos, e nos quaes a Universidade tomou hum quinhão avultado, que desempenhou generosa.

§. XVIII.

O Prelado, e então Reformador, e Reitor o Excellentissimo, e Reverendissimo Principal Mendonça, e hoje Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha de Lisboa seguramente o maior obsequiador dos seus Soberanos, tanto nos assignalados dias Natalicios quer de hum, quer de outro, foi o que promoveo a maior demonstração do gosto publico, ordenando, e facultando toda a decente, e festiva expressão de hum contentamento tão geral; não se poupando a despezas suas, afóra aquellas, que o Corpo da Universidade fez na illuminação, nos quadros allusivos, e na Musi-

sica (ou Orquestra por ser mais moderno) dando hum esplendido banquete a todas as pessoas capazes, da sua meza, e hum farto refresco a todos os que atavão gorvata, e não se pejavão de entrar nos Passos Geraes.

§. XIX.

Foi função completa, e todos se esmerárão em fazer o que estava da sua parte. O Pateo da Universidade com sua apinhada illuminação fez as noites tão émulas dos dias, que aquellas pessoas, que em todas tres ellas se achavão na via Latina, conhecêrão distinctamente as que ficárão postadas junto do Observatorio. Entre tudo o mais, he digno de particular memoria, que em huma terra tão solta, e aonde a desordem he ramo de heroismo, achando-se misturados, e como de tejelada homens da terra, batinas, mulheres, rapazes, e raparigas, em successivas noites não houve precisão de acudir a revolvorinho, nem foi aos ares huma

vóz

vós, que interrompesse o que se dizia! de maneira, que eu, que isto escrevo, juro pelo juramento de meu gráo, que em salas tenho presenciado mais desturbio, que proporcionalmente presenciei naquelle pateo: sendo aliàs tão condensa a chusma, que só milagrosamente cahiria das nuvens huma pequena camarinha, que fosse á terra sem topar primeiro ou chapéo, ou lenço, ou carapuço.

§. XX.

Nesta função fiz eu de Neto, e meu irmão de Cavalleiro; porque depois que cada hum recitou o que levava escrito, ficámos nós em campo: elle fazendo versos a tão alto assumpto, segundo os versos que se davão das janellas da gallaria, e cheio de hum fogo que admirou a todos os Academicos; e eu requerendo que por occasião de tanto prazer se pozesse logo o ponto; e tanto embirrei nisto, que veio aquelle anno a ser o mais cedo do que ninguem se lembra; porque até vendo que tarda-

dava, fiz ao Prelado huma Petição, allusiva a hum Romanse burlesco, que havia recitado em huma das noites, o qual foi deste modo; e recitado, logo se acabou a Musica como principiava o silencio geral.

Silencio, xiton, calluda;
Ninguem solte huma palavra:
Senão espanta-se a Musa,
E não temos feito nada.

Haja outeirinho esta noite,
Com versos o Carmo caia:
Que em fim alegria muda
Creio não vale pataca.

Estalão por essas torres
Chuveiros de luminarias:
Fallão os sinos; e nós
Havemos ficar callados?

Fallem todos: nos seus versos
Se expliquem prazeres d'alma:
Que em dias destes Apollo
Solta os diques da Castalia.

Porém que Maxuxo he este,
Que aqui vem por esta banda,
De seu chapéo derrubado,
Envolvido em rota capa?

Pelas costas estendido
Traz cabello arrepiado;
As botas com muita tomba,
E hum espeto por espada?

Talvez que seja Poeta;
Porque esta arte desgraçada,
Por mais que renda não chega
Ao menos para çapatos.

Senão que o diga D. Felis,
Homem bem aparentado,
Que se vestio, e calçou
Foi á custa do Senado.

Porém deixemos parolas;
Descubra-se o rebuçado:
Quem he da parte d'Apollo,
Só guarda-roupa de trapos?

Quem

Quem o meteo nestas fôfas?
Não sabe sô mentecapto,
Que estudantes estando juntos
São peiores que o Diabo?

Ai! que elle se desenrola,
E solta o direito braço.
Quer brigar? Pois olhe qu'eu
Nem de tiros faço caso.

Enganei-me: antes cortez
Me quer dar algum recado.
Falle, embrulho bolorento;
Diga-nos quatro palavras.

„ Ah sô Malhão, calle o bico;
„ E se he Poeta basbaque,
„ Saiba medir as pessoas,
„ E veja bem com quem falla.

„ Vá fazendo os seus versinhos,
„ E não lhe importe mais nada;
„ Que talvez se conhecesse
„ Esta grande personagem,

,, Logo viesse rendido;
,, Com a cabeça curvada,
,, Fazer-me immensos obsequios;
,, E render-me vassallagem.

Pois quem he vossê, que vem;
Seja Pingão, ou Fidalgo,
Hoje em trajes de Frasqueira
Para oiteiros de rapazes?

Se he poeta, faça versos:
Se o não he, esteja callado.
E se he alguem, mude a pelle;
Que hoje em dia vale o fatto.

,, Ora em fim, Senhor Malhão,
,, Para o ver embasbacado,
,, Digo o meu nome, e a ouvillo
,, Talvez que dê quatro saltos.

,, Sou... Porém não sei se o diga:
,, Mas não quero ser velhaco.
,, Sou Dom Ponto Moraes, Costa,
,, Fonseca, Ferreira, Matta. (1)
,, Sou

(1) Erão os appellidos de todos os Bedeis

» Sou do parenthese hum filho;
» Inda que filho bastardo,
» Neto da virgula, e tio
» De dois ésses enroscados.

» Sou Pontifice das Aulas,
» E agora a visita faço;
» Pois venho no fim dos annos
» Dar indulgencia plenaria.

» Cheguei cedo, porque venho
» Já de Castella aviado:
» Que hoje tudo lá são Festas,
» Vai tudo co' o pó do gato.

» E porque ainda duvido,
» Se hei de ser bem acceitado,
» Fiquei no *Paço da Conde*,
» E saio só disfarçado.

» Andei aqui honte á noite,
» E fiquei com a boca a hum lado,
» De ver outeiro em Coimbra,
» Sem haver espalhafato.

» Al-

Faculdades, que apontão, e põe *Ponto* aos que faltão ás Aulas, *Nota do Editor*.

» Algum dia, em se ajuntando
» Estudantes até quatro,
» Não se deitavão na cama
» Sem fazerem queixotada.

» Andava gente infinita,
» E todos homens de barba;
» Fazião quarenta mortes
» Por dá-me cá essa palha.

» Hoje... » Espere, Senhor Ponto,
Dê-me primeiro este abraço;
Pois sou muito seu devoto,
Vendo-o cá fóra das Aulas.

Agora diga, Senhor,
Aonde estão os seus criados;
Pois quero tudo esta noite
Hospedar em minha casa.

Como o tempo já vai quente
Dormirá nas nossas palhas;
E teremos para a cêa
De versos quarenta pratos.

Só

Só lhe prometto que assista
A' volumosa borracha;
Daquelle que o Santareno
Larga aos seus apaixonados.

» Senhor Malhão, eu vim só:
» Quero-me ir com brevidade,
» Pois não posso por negocios
» Ver este anno o fim dos Actos.

» Eu trago huma Petição
» Para dar ao seu Prelado,
» Em que lhe peço indulgencia
» Até para os vís Novatos.

» Sei que hum anno de perdão
» He favor, mas achando;
» Pois delle gozão sómente
» Os que fazem cavalgata.

» Se he verdade, que os pequenos
» São membros da sociedade,
» Não rezem o *Pater Noster*,
» Quando os mais comem a papa.

,, E como sem terem feito
,, Tenção da presente graça,
,, Quanto pôde noite, e dia
,, Cada qual tem estudado.

,, Diz a minha Petição
,, Em duas regras do cabo:
,, *Lhe dê os Actos por feitos,*
,, *Tendo os seus annos provados.* ,,

Ah sô Ponto, se vossê
Faz hum favor dessa casta,
Assente que os Estudantes
Mandão-lhe erguer huma estatua,

Não he porque elles duvidem
Fazer seus devidos Actos:
Mas porque todos tem gosto
De ir assistir ás passagens,

Aqui estou eu, que prometto,
Conseguindo-se essa graça,
Ir lá com Carta de guia,
Ainda que seja de rastos.

Meu

Meu Amigo, esse favor
He grande por mais de hum lado;
Pois até lhes tira a todos
Sessenta dias de gasto,

Porque as Amas de Coimbra
São Oradoras chapadas,
E fazem no fim dos annos
Epilogos avultados.

Qual aquelle, que a morrer
He de fome condemnado,
Que na ultima comida
Come que o leva o Diabo.

Tais ellas, vendo que partem
Para longe os seus Morgados,
Cobrão-lhe a Decima, e siza,
Até a mesma Portagem.

Eu lhe prometto, D. Ponto,
Se fizer esse milagre,
De cada hum cobre hum tanto;
E eu serei Depositario.

„ Pois meu Malhão, mãos á obra:
„ Eu farei da minha parte;
„ E vossê, e os seus Amigos
„ Faça-me versos em barda.

„ Não me descubra a ninguem;
„ Que eu quero andar disfarçado,
„ E talvez me patentêe
„ Antes de finda a semana. „

Adeos, Ponto, até mais ver.
Meus Poetas esperança:
Venha verso lá de cima,
Glozem com toda a chibança.

E vós os que não gostais
Do meu Romance, e da graça,
Mandai-me por meu castigo
Vender os trastes na praça.

XXI.

Como não estivesse ainda o Excellentissimo Prelado em termos que ouvisse huma boa parte desta como Introducção, da qual tive a lembrança na segunda noite por occasião do

bem que se tinha recebido na primeira huma Decima com Mote, que eu fiz no mesmo estilo, e ao desejado assumpto, e fizesse saber particularmente folgava de a ouvir de novo toda; a recitei outra vez, principiando:

„ Outra vez vou repetir
„ O que acabei de recitar;
„ E quem disso se enjoar
„ Póde-se ir já embora,
„ Manda quem póde mandar. „

E à referida Petição he esta:

Diz Francisco Manoel Gomes
Diniz Silveira Malhão,
Estudante, que aos Novatos
Excede huma aspiração;

Que elle em sua casa tem
Dom Ponto, sujeito honrado,
E faz-lhe muita despeza
Pois deve ser bem tratado.

Sup-

Supplica a V. Excellencia
Visto o que pede ser justo
Mande que o preguem na sala;
Ou dê-lhe ajuda de custo.

§. XXII.

Gostou elle do meu Requerimento, e no outro dia fazendo-me ir á sua presença me disse; que quanto ao pôr do ponto se não deliberava, sem dar parte; mas como a dava que pouco tardaria; e pelo que tocava a ajuda de custo, que essa estava da sua parte; e tirando de huma bolsa encarnada, que eu já tinha visto mais vezes, me deo sete de seis e quatro, que fazem dois quatros, hum oito e duas cifras, as quaes eu recolhi com tanto gosto, que cheguei até ao ponto de perder o gosto com que estava de ver posto o Ponto: beijei-lhe a mão, e me recolhi para casa muito contente da minha vida, porque me achava chegando a ferias, tempo em que em Coimbra são quasi tão ricos os ricos, como os pobres em principios do anno.

§.

§. XXIII.

Em fim poucos dias tardou a affixação do ponto apparecido, e nestes entrementos fui eu cuidando em aprompter-me para dentro da carga Academica fazer jornada para a patria; e andando embrulhado em Certidões de frequencia, foi-me preciso visitar o meu Bedel mais tarde, e como com elle tive huma sessão bastantemente enfadonho, *Recreandi causa* fui fazer em hum botequim o bico ao saxo, o qual tinha seu bilhar lá para dentro, e nelle fazião então gyrar os marfins huns quatro Provincianos de excellentes linhagens, na fórma do costume; e todos elles com matricula no Nobiliario do Conde D. Pedro!

§. XXIV.

Estava eu em muito bom descanço tomando não sei se café, se ponche, e de repente levanta-se huma desconcertada gritaria, tem mão, arreda lá, bitó serio, haja prudencia, &c. acudi ao reboliço, e achei dois

en-

engalfinhados, e os outros dois cada hum por padrinho do seu: não chegou o caso a golpe de ferro, mas de lingua foi huma pouca vergonha: quem he vossê, vossê quem he: eu descendo de cá, vossê de lá; vossê, he moderno, a minha casa he de tal, com isto, e aquillo, e alfim descompostura solemne, e tudo sobre a questão de ter, ou não picado a bola, numa partida de tres vintães: a muitos rogos do dono da casa serenou-se a tormenta, sahírão desencordoados, e eu parti com fixa tenção de mergulhar-me na cama.

§. XXV.

Ao recolher-me, porque já então assistia com Miguel de Alvarenga Braga na rua da Mathematica, me encontrei com o meu grande amigo D. Joaquim de Lima, que tambem descia para a Couraça dos Apostolos, onde morou algum tempo; e contando-lhe a farçada tin, tin por tin tin, disse-me elle que o caso era digno de huma obra: com ef-

feis

feito eu já a tinha imaginado, e com o conselho deste Fidalgo a comecei nessa noite, e acabei no outro dia; de sorte, que quando fui a jantar com elle, segundo o costume, lha levei, e li, e he a seguinte, da qual gostou muito, e com a sua madura prudencia me aconselhou a não vulgarizasse, em quanto os individuos se achassem em Coimbra; e essa a razão, porque sendo imaginada e feita em 1784, sahio impressa em 1788 com sua Dedicatoria, e Epigrafe do modo, e fórma que agora vo-la apresento.

§. XXVI.

He de advertir, que este frenesi de Fidalguia, e este lambedor de Senhorias, que em outro tempo (segundo dizem) só acalantava Provincianos, nos meus dias de Coimbra endeosava a rapazes, que apenas tinhão nascido em hum casal no centro de hum pinhal, com sua parreira á porta, e que só quando forão para a Universidade deixárão de montar em besta

de albarda: de maneira que eu conheci tal, que antes queria ficar sem cêa, do que ouvir o vossa mercê, ainda que dado a negligé; ensaiar moços, contar historias para resurgir a Senhoria insinuativa, isso era pão, e queijo; e ultimamente chegou a cousa a ponto, que aquelles, a quem a Lei a dá, fizerão tão pouco caso della, que se escandalisavão, quando se lhes dava; e valendo então a regra de que cada hum dá o que tem, os Fidalgos ma davão a mim que a não tinha; e eu aos Fidalgos dava o v. m. que possuia, e possuo por cortejo: esta mesma zanga que tive na Universidade, me acompanha ainda em huma terra, aonde as não há, e não falta quem as queira: mas vamos á obra.

A VAIDADE RIDICULA:
DIALOGO,
EM QUE SÃO INTERLUCUTORES

Huma Pulga,	*Hum Carrapato,*
Hum Porçovejo,	*E hum Piolho.*

COMPOSTO, E OFFERECIDO

A O

SENHOR

PASCOAL BAILÃO,

Por Antonomasia o dos Xibas,

POR

JOSE' RAFAEL DA SILVEIRA PESQUENITO.

Calumniari siquis autem voluerit,
Quod arbores loquantur, non tantùm feræ,
Fictis jocari nos meminerit fabulis.

Phæd. in Proem. vers. 5. 6. 7.

SENHOR PASCOAL.

O Respeito, que V. m. infunde a todos os da minha idade, atterrando-nos ao me-

nor, e mais flautado accento da sua voz, com a qual imprime nos nossos espiritos, ainda tenros, os dictames da reverencia, e tudo quanto contribue para huma boa morigeração: O ser entre nós tão temido o seu nome, como o da Coca, *do* Papão, *e da* Maria a Negra. *Os maduros creditos que V. m. tem conseguido no regaço das Musas, á sombra dos loureiros do monte de Beocia, tangendo a lyra, sempre acorde com o suave susurro da Cabalina; tudo isto de involta com a authoridade da sua presença, e respeitosa fizimelogia, foi o justo motivo que eu tive, para que havendo de presentear o Público com este pequeno mimo, escolhesse a V. m. para Mecenas delle.*

Não despreze V. m. a minha offerta, e costume-se a ouvir as producções de hum Poeta, que sahindo apenas das mantilhas, quer instruir os homens, e divertir os seus bemfeitores.

Se alguns me criticarem, que lhe custa

ta a V. m. emmudecellos ao terrivel estampido de dois ou tres desmarcados Xibás? Desembainhe pois em meu favor aquella voz, que tantas vezes me tem feito humedecer de susto, e confessar-me-hei.

De V. m.

Tareco o mais amante

José Rafael da Silveira Pesquenita.

Hum dia de Sol claro, e vento quedo
A' soalheira, em cima d'hum Penedo,
Ao qual da *Saudade* o nome derão
Antigas gentes; porque bem quizerão:
Estava a rôxa *Pulga*, que ligeira
Das unhas foge á humana ratoeira;
O sanguinoso, e tardo *Carrapato*,
Que não perdôa ao cão, ao burro, ao gato,
Porçovejo traidor, que de repente,
Ferrando no cachaço o subtil dente,
Por valle de lençóes destro galopa,

 Dos

Dos outros procurando a immunda tropa;
E tu, nobre *Piolho*, que não faltas
Em frontes baixas, nem em frontes altas,
Alli tambem te achavas, neste dia,
Entre aquella nojenta bicharia!

Quando a *Pulga*, que desde pequenina,
Mais leve pula, que huma bailarina,
Saltando, como as cabras pelo mato,
Deo hum coice na tromba ao *Carrapato*!

Sentindo-se o bichaço desta affronta
Irado a corrigio de nescia, e tonta,
Dizendo-lhe: que embora espinotasse,
Mas com tanto, que os outros não pizasse.

A *Pulga*, que presume de senhora,
E pensa, que estar queda huma só hora
Num lugar, cheira muito a exquizitisse,
Erguendo-se nos pés, assim lhe disse:

Pulga.

Tu devias-te dar por muito honrado,
Só d'eu pôr o meu pé no teu costado,
Pois eu do meu respeito tanto cuido,
Que só faço estas honras por descuido!
E costumada a mais illustre trato,
Quem he cá para mim hum Carrapato?

Car-

Carrapato.

Olé vossa.... porém que tratamento
A senhora de tanto luzimento
Devemos dar? pois vem-me á fantasia,
Que será cousa pouca a Senhoria
Por servir ás senhoras de desdouro
Huma vez, que se passe além do Douro.

Pulga.

Ou no Douro, ou no Téjo, ou no Mondego
A tanta estima, a tantas honras chego,
Que dar-me o tratamento de Excellencia
Não seria tambem muita indecencia.
Mas no Douro, Mondego, e mais no Téjo
A' boca cheia a todos oiço, e vejo
A hum Carrapato, como bicho ideondo,
Dar com desprezo, e nojo hum Tu redondo.

Carrapato.

Pois não sabe mui bem, que he de amizade
De tu o tratamento, e de igualdade?
Se não verá, que as casas circunspectas
A esses tratamentos chamão petas.
E huma vez, que se ajunte illustre gente
Como cuida se tratão? Tu corrente.

Pulg-

Pulga.

Pois vossê com quem trata, vil insecto
Como quer ostentar de circunspecto,
Se apenas sobre o gato, e vil jumento
Tem sua habitação, tem seu sustento!
Olhe bem, que me toca a preeminencia
Da grave Senhoria, e da Excellencia,
De Alteza, e respeitavel Magestade.

Carrapato.

Pois diga-me, tambem ha qualidade
Differente entre os bichos, que Deos cria,
Que huns tenhão tu, e os outros senhoria?

Pulga.

Ora ha loucura igual? inda o não sabe,
Pois veja lá na bola se lhe cabe
O discurso, que vou fazer-lhe agora,
E peje-se de ver, que huma senhora
Nestas cousas o instrua, mandrião,
Sem vergonha, nem ser, nem criação.

Não vê a differença entre os humanos
De Plebeos, de Fidalgos, de Sob'ranos?
E sabe quem a faz, barbas de mula?
O sangue, que nas vêas lhe circula.

Pois se em mim acha o sangue do peão,
Do Nobre, e do que o Sceptro tem na mão,
Não devo ter o mesmo tratamento?
Se do sangue procede o luzimento,
Eu que o sangue de todos tenho em mim
Não me devem tratar tambem assim?
Com todo o sexo, condição, e idade
Eu faço huma continua sociedade;
Da mais sizuda, e vergonhosa Dama
Licença tenho para entrar na cama;
A qualquer funçanata de alegria
Entre as roupas lhe faço companhia;
Eu a face lhe beijo, e os alvos dedos,
Eu lhe ouço os mais reconditos segredos,
As travessuras, zelos, raivas, brigas,
Que tem continuamente co' as amigas.
Eu dos Fidalgos entro o Gabinete,
Eu salto das Fidalgas no topete,
Velhos, velhas, meninos, e meninas
Ás minhas quintas são, e as minhas minas.

Vossê, que em burro só de atafoneiro
Sem nojo xupa o sangue do trazeiro,
E talvez, que mais dentro se lhe agarre,
Que tratamento quer além de hum Arre?

Demais, vossê que veste? albarda, e sella:
Eu cambraias, brocados, seda, e tela,
Onde dorme vossê? n'uma chiqueira:
Eu sobre o leito durmo a noite inteira:

Al-

Alvos dedos são minha sepultura,
E a sua huma esterqueira suja, impura,
De donde raras vezes vai tirallo,
Ou faminta gallinha, ou porco, ou gallo,
E eu depois d'entre as unhas esmagada,
Se acaso dou á terra he pelle, ou nada.

„ O Carrapato, que isto tinha ouvido,
„ Do sólido discurso foi vencido,
„ E á maneira da gente imbatucada,
„ A quem já de razões não resta nada
„ Para haver de provar o seu juizo,
„ Deixou sahir sardonico sorriso,
„ Como quem estimava em nada, ou pouco
„ Seu discurso imprudente, nescio, e louco,
„ E de metella a bulha com desejo
„ Assim fallou ao mestre Porçovèjo. „

Que te parece, amigo, esta eloquente
Rhetorica, Fidalga, e diligente
Indagadora de razões machuxas?
Tu tambem pois o sangue humano xuxas
E's acaso Fidalgo? tambem gozas
Idéas Sibillinas, e pomposas
De tratamentos vãos?

Porçovejo.

. . . . . Quem vãos lhe chama
Tem mui pouca attenção á clara fama
Dos

Dos Heróes, cujo sangue em nós se espalha;
He logo, ó Carrapato, grande falha
Chamar-me por Juiz desta contenda,
Quando pede a razão muito me offenda
De indiscreto, e grosseiro huma parente
Me ultrajares estando aqui presente,
Que a Pulga, posto que he por bastardia,
Sempre goza da minha Fidalguia:
Do mesmo tronco vem, porque enfezada
Nascer, ou nascer grande vale nada.
Pois deves attender, que a creatura
Não muda de quem he pela estatura.

He blasfemia negar-lhe a antiguidade,
O privilegio, a honra, a dignidade,
Quanto diz assim he, tem-no entendido,
Quando não... e partindo enfurecido,
Ao Carrapato atira huma dentada,
Que quasi lhe arrancou huma queixada.

„ Isto vendo o pacifico Piolho,
„ E vendo, que acabava o caso em molho
„ Aos da briga chegou, e segurando
„ O Porçovejo, assim lhes vai fallando: „

Que destempero he este, que ousadia
Fallar, sendo eu presente, em Fidalguia!
Quem em tanto a fallar audáz se mete,
Vendo a quem este nome só compete:
Mas eu a minha gloria não a fundo

Em

Em ter as honras vãs do falso mundo.

Diria (se quizesse) que me cobre
Dos Reis a crôa, o chapéo do Nobre,
E que do Heróe pousado no topete
Vou á guerra de ferreo capacete:
Que da Dama o cabello mais dourado
He meu cheiroso, e alegre gasalhado,
Mas eu não faço disto a minha gloria,
Que a grandeza do mundo he tudo historia;
He fantasma, que engana hum peito rude,
O que vale he virtude, e mais virtude.

Eu sou exemplo fino da amizade,
Senão véde provada esta verdade.

Quando a sorte, que em tudo faz mudança
De ventura em desgraça hum homem lança,
Não o busca, quem dantes o seguia,
Não lhe faz nenhum vivo companhia:
Neste misero, triste, e feio estado
De meus filhos, e netos rodeado
A fim de divertillo, e consolallo
Vou na sua desgraça acompanhallo.

Aquelle afflicto, e misero doente,
De que foge ligeira toda a gente,
Eu delle hum só momento não me affasto,
Com elle a longa noite, e os dias gasto,
E só lhe nego affectos, e ternura,

Quan-

Quando sinto, que chega a morte dura,
Sou humilde: visito encarcerados;
Durmo pelas tarimbas dos soldados;
Nos hospitaes dos pobres, nos palheiros
Sou fiel companhia aos forasteiros;
Eis-aqui o que vale, o mais he droga,
Que a dura foice com a vida affoga!

Assim deixemos tanta gritaria,
E pois estamos quatro em companhia,
Venhão cartas, joguemos muito amigos
Para nozes, castanhas, vinho, e figos.

Sentou-se logo a sucia dos bichinhos,
Que até nelles dominão os joguinhos!
Mas na vasa terceira huma gallinha,
Que passeando, por acaso vinha,
Deo com todos no papo; e quem diria
Lhes não valesse tanta „Fidalguia!„

§. XXVII.

Ainda que eu tomei o conselho discreto do discreto, e prudente D. Joaquim de Lima, sempre a cousa resombrou; e eu como hum patáo a mostrei a alguns que me davão o nome de amigos, os quaes ou por ostentarem de não se dar passo que não soubessem, ou pelo quer que

fos-

fosse, ramalhárão com a lingoa nos dentes, e eu estive a ponto de soffrer alguma bagatella, a não me escudar o conselho de outro amigo o Reverendo Francisco Henriques de quem Deos disponha do modo que appeteço disponha de mim. E porque este Capitulo vai grande, vamos a outro.

CAPITULO II.

§. I.

O MEU Bedel mais autero do que nunca, e muito mais do que eu então queria, descobria-me faltas que eu não soppunha ter, e eu queria fazer-lhe huma diminuição ou justa, ou milagrosa: assim como eu por ellas não perdia o anno, destampei com o seu rigor, e já quando elle me queria pôr menos, lhe disse; que pozesse demais, com tanto que não passasse da conta, visto que eu della não tinha passado: isto era em Instituições Canonicas, porque na Geometria,

tria, fallarei ahi mais para diante hum bocadinho.

§. II.

Carregada assim a Certidão, me apresentei com ella ao meu Lente, o qual me sahio ao encontro com huma chusma de Dissertações, que eu sim tinha dado, mas dizia que fóra de tempo, como se hum dia d'antes, ou dois depois influissem no tal ou qual merecimento daquelles papelotes, que tantas folhas de papel de Hollanda me chupárão! em tal ponderação tinha pois esta differença, que sem a mais mínima ceremonia me disse: que eu devia fazer acto em ultimo lugar, *attento præteritionis jure*, e aqui está como as minhas pressas se me hião tornando em grandes demoras, a não usar de certas habilidades, com que a actual conjuncção do tempo me favoreava.

§. III.

Dado este desengano, de que foi testemunha o Padre Francisco Henriques, e Caetano José Machado, seu

no-

novato, e outros, sahi eu muito cabisbaxo, e encaminhando-me a casa, no meio da rua me deo huma veneta, e torcendo o caminho, fui dar comigo em casa do Prelado, a quem com o verdadeiro pesar, que me resultava da demora, e da surra, contei energicamente o meu infortunio; e elle sempre propenso a soccorrer-me, me disse: tornasse da sua parte para que me assignasse a Petição.

§. IV.

Parti eu mais contente, do que gato com tripas, e appresentei-me ao meu Lente com esta embaixada: mostrou não gostar della; porém com hum riso de que não gostei, me disse; que a deixasse ficar, porque elle fallaria com S. Excellencia; e acompanhando-me ás escadas, me deixou desconfiado da sua parte, mas eu fui marchando, com muita confiança em quem me havia mandado.

§. V.

O que entre si passárão não sei; o que sei he, que eu não tornei a ver mais a Petição nem os dentes a meu Mestre: e não obstante isso, fiz Acto no meu lugar; e se não voltei logo para minha casa, foi, porque miseravelmente enfermei de molestia, a que a jornada accrescentava a dose, e além disso, porque estando em terra de Medicos, não queria meter-me nas mãos de dois empreiteiros, que debaixo deste nome, tinha então a morte na minha desgraçada Patria; e tambem porque me faltava o Acto de Geometria, que tantos incómmodos me deo, como se irá contando por ahi adiante.

§. VI.

Posto eu de perninha, para recobrar a saude, que marotalmente tinha estragado, fui refrescando memorias de Bezout, e Euclides, e entrementes fazendo o meu versinho, e porque certa pessoa me mandou dizer que já me havia della esquecido,

ape-

Pulga.

Pois vossê com quem trata, vil insecto
Como quer ostentar de circunspecto,
Se apenas sobre o gato, e vil jumento
Tem sua habitação, tem seu sustento!
Olhe bem. que me toca a preeminencia
Da grave Senhoria, e da Excellencia,
De Alteza, e respeitavel Magestade.

Carrapato.

Pois diga-me, tambem ha qualidade
Differente entre os bichos, que Deos cria,
Que huns tenhão tu, e os outros senhoria?

Pulga.

Ora ha loucura igual? inda o não sabe,
Pois veja lá na bola se lhe cabe
O discurso, que vou fazer-lhe agora,
E peje-se de ver, que huma senhora
Nestas cousas o instrua, mandrião,
Sem vergonha, nem ser, nem criação.

Não vê a differença entre os humanos
De Plebeos, de Fidalgos, de Sob'ranos?
E sabe quem a faz, barbas de mula?
O sangue, que nas vêas lhe circula.

Pois

Pois se em mim acha o sangue do peão,
Do Nobre, e do que o Sceptro tem na mão,
Não devo ter o mesmo tratamento?
Se do sangue procede o luzimento,
Eu que o sangue de todos tenho em mim
Não me devem tratar tambem assim?
Com todo o sexo, condição, e idade
Eu faço huma continua sociedade;
Da mais sizuda, e vergonhosa Dama
Licença tenho para entrar na cama;
A qualquer funçanata de alegria
Entre as roupas lhe faço companhia;
Eu a face lhe beijo, e os alvos dedos,
Eu lhe ouço os mais reconditos segredos,
As travessuras, zelos, raivas, brigas,
Que tem continuamente co' as amigas.
Eu dos Fidalgos entro o Gabinete,
Eu salto das Fidalgas no topete,
Velhos, velhas, meninos, e meninas
As minhas quintas são, e as minhas minas.

Vossê, que em burro só de atafoneiro
Sem nojo xupa o sangue do trazeiro,
E talvez, que mais dentro se lhe agarre,
Que tratamento quer além de hum Arre?

Demais, vossê que veste? albarda, e sella:
Eu cambraias, brocados, seda, e tela,
Onde dorme vossê? n'uma chiqueira:
Eu sobre o leito durmo a noite inteira:

Al-

VII.

Mas he minha fantasia
Comigo tão providente,
Que ou sejas perto, ou distante
Sempre te tenho presente.

§. VII.

Eu neste anno, que era o de 84 tinha dado á luz hum folhetosinho, com o titulo de *Poesias Anacreonticas*, que tinha composto em honra daquella Marcia do primeiro Tomo; o qual fôra ordenado, em tempo de amizade, e que não obstante a desunião, quiz publicar, *Lucri faciendi causa*, e o dediquei ao particular Amigo o Illustrissimo D. José d'Almeida, e na Dedicatoria dou as justas razões de tudo isto; e bem que as Odes á dita, vão no primeiro Tomo, eu me refiro a ellas, para que se una huma com outra cousa. A primeira do Folheto he a que se acha no dito primeiro Tomo a fol 229, e começa, *No tronco de hum freixo*,

a

a segunda a fol. 225, *Amor vive n'alma*, e por encurtar razões lá estão de folhas ou paginas 225 por diante, e a Dedicatoria he a seguinte, e logo direi a razão deste paragrafo.

DEDICATORIA

A' Obra de que acabo de fallar.

I.

Estes versos desgraçados,
Partos de céga paixão!
Ditou-os meu coração
Em dias aventurados
Que por mim jámais virão.

II.

Dias d'amor, e doçura
Que iguaes á sombra ligeira
Fizerão sua carreira!
E delles apenas dura
Huma imagem lisongeira!

III.

Dias taes, quaes gera amor
Em mutua correspondencia,
Quando tudo he innocencia,
E o vedado interior
Não desmente da apparencia.

IV.

Quero dizer-vos que amei:
(Oxalá que assim não fôra!)
Sim, amei huma traidora,
Donde motivos tirei
Para o mal que choro agora.

V.

Senhor, não me censureis
De tão fraco, e desarmado:
Confesso andei enganado;
Mas se a vires, vós vereis,
Quanto vivo desculpado!

VI.

Além de bella, seu peito
Por quinze compridos annos
Foi assombro dos humanos,

A

A Amor vivendo sujeito,
Sem nota de vís enganos.

VII.

Tão longo espaço vivemos
Em amorosa igualdade!
Foi minha a sua vontade
Dês que hum ao outro fizemos
Entrega da liberdade.

VIII.

Quando porém mais seguro
Vivia no doce enredo,
Sem ter dos enganos medo
O seu peito achei mais duro,
Do que Marpezio rochedo!

IX.

Fiquei como o desgraçado,
A quem a fortuna escassa
Carinhosa, e meiga abraça,
E depois se vê lançado
Entre as garras da desgraça!

X.

X.

Lembravão-me aquelles dias,
Que a rojo o tempo levára,
Quando a Lyra encordoára,
E cercado de alegrias
Estas Odes lhe cantára.

XI.

Então, Senhor, mais ditoso
Do que hum Cresso me julgava;
Nada do mundo invejava,
Que tanto hum bem mentiroso
Os meus desejos fartava!

XII.

Ou rompesse o Sol brilhante,
Por entre a nuve' enrolada,
Ou na noite enregelada,
Cantava ditoso amante,
Versos mil á minha amada.

XII.

Já os seus olhos fingia
Mais fortes, do que o boido
Farpão do féro Cupido,

Que

Que ás vezes me apparecia
Em seu rosto convertido.

XIV.

Já me ouvião na campina
Seus louvores entoando
Em versos que hia inspirando
A vista accesa, e divina,
De seu rosto meigo, e brando.

XV.

Pelos troncos escrevia
O nome desta Pastora,
E apesar de ser traidora
Na minha alma noite, e dia
Vive presente 'inda agora.

XVI.

Mas se do tempo a carreira
Estragou tanta paixão,
Os versos, que fiz, serão
Quem me acorde da cegueira,
Em que andou meu coração.

XVII.

Estes pois, que em outra idade
Lhe fui rendido cantar,
Em ti, Senhor, vão buscar
Aquella felicidade,
Que poucos lhes podem dar.

XVIII.

Levado teu nome escrito,
Vão seguros, vão guardados
De que os dentes affiados
De algum crítico maldito,
Os deixem desfigurados.

XIX.

Protegei Musas pequenas,
Que assim o vôo erguerão:
E perdoai, que he razão,
Que procure o meu Mecenas,
Onde tenho a protecção.

§. VIII

Seguia-se a esta Dedicatoria hum Prologo, tirado de Anacreonte, e guizado a meu modo; que por me per-

persuadir, que não escandaliza o paladar, aqui o encaixo tambem, com perdão de Vossas Excellencias, Senhorias, e Mercês.

PROLOGO.

AS aureas cordas
Da eburnea Lyra,
Me ordena Amor
Que ajuste, e fira.

Cantar Almeidas
Só pertendia,
E a Lyra Amor
Só respondia.

Dos Albuquerques
Me recordava
Mas só na Lyra
Amor soava.

Outros pregõem
Vosso louvor,
A minha Lyra
Só canta Amor.

§. IX.

A razão, que prometti no §. VII. vem a ser, que indo este Folheto parar ás mãos do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel do Cenaculo, Bispo de Béja, gostou muito delle, e não só por carta de seu punho, me recommendou, e incitou escrever neste genero de Poesia; mas tambem por Henrique José de Castro, e o Doutor Lobo, se informou do estado actual de minha pessoa, como propenso a ajudar-me, no caso de eu ser necessitado: e como os ditos Amigos, indo-me visitar na minha macacoa, me fizerão sciente destas boas intenções, e eu nunca fui de desprezar Mecenas, visto achar-me com tanto vagar, não esperei, que elles dessem informação de mim ao Excellentissimo Bispo, pois para dizer mal de mim nunca precisei lingua: pelo que assentei de o informar do meu estado em alguma qualidade de Producção Poetica.

§.

§. X.

Quiz tecer o seu bem merecido elogio, mas mudei de projecto, por não gastar tempo em dizer a todos, o que nenhum ignora: quiz outras muitas cousas, a que dei a mesma sahida; e ultimamente acordei fazer-lhe huma narração fiel de meu estado passado, e presente, noticiar-lhe o seu patrocinio efficaz: Lancei mão da penna, e compuz huma Epistola em versos irregulares, que he a mesma com que agora prasentêo os meus Leitores: ei-la que chega.

EPISTOLA

Ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo de Béja.

Se me ponho a pensar nas desventuras,
Que tem por mim passado;
Nos desgostos, trabalhos, e amarguras,
Que a fortuna contraria me tem dado;
Nas terras apartadas
Por mim peregrinadas,

E me lembro dos tempos, que ligeiros
Pór mim voárão, quando lisongeiros
Prazeres meus desejos me cumprião,
E sempre diligentes
A mil diversos gostos descobrião,
Com qu'a alma me alegrassem,
E das glorias do mundo me fartassem;
A tal estado chego,
Que a pezar do continuo desapêgo,
Com que vejo do mundo o falso encanto,
Amargo, e frio pranto
Dos olhos me rebenta,
E pouco á pouco a mágoa se accrescenta
Na lembrança do bem por mim passado,
E do mal que me traz atormentado!
Invejo aquelle esp'rito
D'alguns homens, que a fama nos tem dito,
Que dos teres do mundo se affastavão,
Que nas covas, e dornas habitavão,
Que as hervas só comião,
E por vergonha apenas se cobrião!
Que a fortunas do mundo convidados
Pelos Grandes da terra,
Em seu louco systema embriagados,
Mais querião viver na inculta serra,
De tudo desprovidos,
Talvez sendo mais doce a seus ouvidos
O rugir dos leões,
Do que as vozes dos homens, e mais grato
O seu ferino trato,

Do

Do que tratar humanos corações.
Se a tal Filosofia
A minha alma, Senhor, se a costumasse,
Talvez feliz passasse
Nestas faltas, que vem de dia em dia:
Alegre então veria
Descoberto meu corpo macilento,
E na falta sensivel de alimento,
Pelas vastas campinas divagára,
E de bravas raizes sustentára
Este corpo, tão mal acostumado,
Que me affróxa, em se vendo mal tratado.
Mas q, Senhor, por mais q̃ me convença;
Que póde este systema
Fazer, com que eu não gema
Na fome gastadora, e séde intensa;
Se quero executallo,
A força me fallece ao praticallo!
Raciocinando, vejo-lhe o proveito,
Approvo esta doutrina em meu conceito,
Mas indo a dar principio á grande empreza,
Repugna-me a razão, e a natureza.
Ensina-me a verdade,
Que hum membro sou tambem da sociedade,
Que dos homens nasci, e que insensato
Seria, se deixasse o humano trato:
Pois inda concedendo,
Que podia co' o tempo ir-me affazendo,
A viver sepultado nos desertos,
Ha mil principios certos,

Que

Que este louco systema desvanecem?
Se d'homens homens crescem,
Se hum homem para si não só respira,
Daqui, Senhor, se tira,
Que este antigo pensar assáz errado,
Não se deve seguir; por mais de hum lado
Prejudica os imperios; se os humanos,
Em seus primeiros annos,
Estudando comsigo se ajuntárão,
Se as Cidades, e Imperios, ordenárão,
Por mostrar-lhe a razão, que deste modo
Pódia ser feliz a parte, e o todo;
Conceder-me he forçoso, que ou razão
Os fez unir então,
Ou que contra a razão as mãos se derão,
E que loucos a humanas leis cedêrão
A sua preciosa liberdade;
Mas fosse como fosse, he bem verdade,
Que já de seus direitos
Cedêrão todos, logo estão sugeitos
A guardar estas leis, que lhe tem posto
Ou razão, ou capricho, ou proprio gosto?
E eu lei inda não vejo,
Que deixe a meu desejo
Eximir-me daquella utilidade,
Que de mim póde ter a sociedade,
Que em todo o humano póde achar proveito;
Ou seja, que lhe diga de Direito,
Ou lhe vire com duro ferro a terra,
Ou lhe preste conselho em paz, e guerra,
Ou

Ou que as vélas desfira ao vento iroso,
E lhe augmente o Commercio proveitoso.
He livre a cada qual
Escolher destas quatro; pouco val
O conselho dos muitos exprimentados,
Só devem ser os genios consultados:
O Macedonio fez tremer a terra,
Porque desde seu berço amava a guerra;
Em sabias Leis Solon a Grecia honrava
Porque a Santa Justiça, e Paz amava.
Eu á idade cheguei, em que devia
Algum rumo tomar; eu bem podia
Buscar minha ventura,
Volvendo a terra dura,
E ter a sociedade utilizado,
Semeando, e regendo o curvo arado:
Mas para a vida, que feliz contemplo,
Em meus Pais não tive exemplo.
Eu podia tambem, forrando o peito
De bronze triplicado,
Ir ver da Aurora o leito
De estranhas mercancias carregado,
E respondendo o lucro ao meu desejo,
Entrar rico na vasta fôs do Téjo:
Mas temi ser manjar de peixes brutos,
Tratar homens astutos,
Vastos Climas correr dos meus distantes,
E voltar, se voltasse, como d'antes.
Eu podia, Senhor, por muitas partes
De Bellona seguir os estandartes,

Que-

Querendo a Patria honrar,
Mas tem que desejar
O nosso Reino em béllicas façanhas?
E quando a santa paz Nações estranhas
Perturbem petulantes,
Não posso dar a vida
Só por Deos, e por ella bem perdida,
Supposto ao lado a espada não traçasse,
Nem nos livros de Marte me alistasse?
Posso, e quando preciso á Patria seja.
O valor, e a vontade me sobeja.
Mas eu, que da ventura
Fui sempre mal olhado,
Resolvi-me a tomar aquelle estado,
Aonde me parece,
Que o mérito á fortuna prevalece:
Sigo as Letras, Senhor, mas de tal arte
A má ventura ostenta, em toda a parte,
O seu duro poder para comigo,
Que já por teima a sigo;
Pois nada tem mudado
Do meu antigo estado;
Antes dando-me mais conhecimentos,
Dão mais força a meus vivos sentimentos;
Pois ninguem se entristece
Pela falta do bem, que não conhece!
Lembro-me de haver lido
De hum homem, que faltando-lhe o juizo,
Tinha em sua loucura hum paraizo;
Vivia persuadido,

Que

Que dava Leis ao mundo, e quanto entrava
N'uma barra visinha, acreditava
Pertencer-lhe; partia-o de repente
Com farta, Regia mão,
E de grandeza, posto que apparente,
Trazia satisfeito o coração.
Mas quiz sua ventura,
Que tornasse ao juizo que perdêra,
Por util sábia cura,
Que hum Irmão compassivo lhe fizera;
Mal se vio sem os faustos, que cercavão
A sua fantasia,
Sem as náos, que no porto lhe ancoravão,
Sem vassallos, e quanto lhe fingia
Seu destemperado, e vago pensamento,
Cahio em tal tormento,
Que nada o consolava,
E contra a Caridade
De seu Irmão, afflicto blasfemava!
Aqui temos, Senhor, que o bem fingido
Trazia aquelle peito consolado,
E mal que seu juizo lhe foi dado,
Começou de chorar o bem perdido!
Tambem de igual maneira
Das Letras na carreira,
Tanto mais se me aclara a minha mente,
Tanto mais claro vejo
O bem que me passou e o mal presente!
E já sei lastimar-me com juizo
Na falta de mil cousas, que preciso,

Das quaes não carecêra,
Se quanto Deos me deo, mo não pozera
Nas fartas mãos de hum Pai, tão mal seguro,
Amigo do presente,
E tão pouco lembrado do futuro,
Que a tanta estranha gente
Os seus bens confiou, fiado em todos,
E por bizarros modos
Os mais approveitou,
E a seus filhos, e a si se defraudou!
E tantos cabedaes,
Que pouco lhe luzirão,
Com seus olhos luzindo vio nos mais,
Que instante não perdêrão,
Em quanto, como avaras sanguexugas
O sangue não bebêrão,
Que podesse tirar-lhe ao corpo as rugas!
Assim, Senhor, se a mente me voltasse,
Talvez melhor passasse;
Pois escaldada a minha fantasia
Algum prazer ao menos fingiria,
Com que me entretivesse;
Ou basta, que fizesse,
Com que me não lembrasse do passado,
Ou com que não pezasse
Em balanças fieis o meu estado!
Talvez daqui presumas,
Que me devora hydropico desejo
De vir a possuir riquezas summas
Ter mandos, e grandeza?

Não

Não por certo: appeteço aquelle estado,
Que vai de hum homem cheio de pobreza,
Até outro de teres abastado;
Porque entre o rico, e pobre
Fortuna guarda hum meio,
Em que póde viver hum homem nobre,
Sem andar mendigando o pão alheio!
Só por este trabalho noite, e dia,
Servindo-me de guia
O desejo, que n'alma está gravado,
De utilizar-me a mim, ao Rei, e Estado;
Ou seja da Justiça na regencia,
Ou defendendo a mìsera innocencia;
Para o que me consuma sobre as Leis,
Que aos povos venturosos
Tem dado tantos Reis,
Da paz de seus vassallos cuidadosos.
Mas como a semjustiça,
O capricho, e talvez cruel cobiça
Té me nega o que he meu, e que podia
Minha sorte fazer menos impia,
Consumo a vida triste, em triste estado
Vivendo pobre, porém pobre honrado.
E esta vida cançada,
(Se he que posso chamar-lhe acaso vida)
Por tantos males juntos combatida;
Tem sido resgatada,
No meio de tão ásperos perigos,
Pelo braço fiel dos meus amigos!
Que parentes apenas dois se contão,

Que de ver os trabalhos meus se affrontão,
E tendo de valer-me alguns bons meios,
Vendo-me em mal tamanho,
Soccorrem os alheios,
E consentem, q̃ eu busque amparo estranho!
Os meus fiéis Amigos,
Dom celeste, de quem a Providencia
Se serve nos perigos
Da minha lamentavel indigencia,
Vigião sobre mim,
E não querem, que a barbara ventura,
O proposito firme leve ao fim
De sempre atormentar-me!
Elles querem da sorte melhorar-me
E bem posso affirmar, haver jámais
Orfão triste, que achasse tantos Pais!
De sorte que se eu vivo desgraçado,
He por culpa daquella má ventura,
Que hum instante não foge de meu lado,
E que sempre os trabalhos me procura!
Tu, Senhor, Tu bem pódes, se quizeres,
Descer em meu amparo;
Pois se tu de meu lado te pozeres,
Terei feliz reparo
Contra a feia desgraça, que assombrada
De ver-te proteger a causa minha,
Do mando, que em mim tinha,
Ficará sua dextra desarmada.
Senhor, he mui custoso
Tornar hum desgraçado venturoso,

Mas

Mas por ser huma acção de si custosa:
Para o braço, que a faz, he mais honrosa!

§. XI.

Neste tempo meteo pernas meu Irmão; e avivou-me á vontade de abalar, mas ainda que melhor, estava mal convalescido, e faltava a Geometria, para a qual, ainda que mal preparado, me dispunha com aquella ousadia, com que arrostão a pedra, e os papelões, todo o genero de Juristas; porém não estava em termos de apanhar buxadas destas, e por tanto metido em casa ouvia o successo dos outros; que bem, ou menos mal se hião livrando desta empada, dando conta dos contos, e dos endiabrados riscos.

§. XII.

Como tinha vagar para tudo, e me acompanhava huma tentação frenetica por Anacreonte, meteo-se-me em cabeça traduzillo em Portuguez, e como sempre fui Greguissimo em Grego, refiz-me das melhores traducções Latinas, e Francezas, e puz

mãos

mãos á obra; e com ella me succedeo o mesmo, que com a de Fedro, se bem que traduzi algumas Odes, de que apenas conservo as seguintes, e não he justo que fiquem no tinteiro: advirto que eu não queria ser Traductor servil, mas sim beber os seus pensamentos, e as possiveis bellezas, e dar-lhe o tom mais accommodado aos nossos dias: se o consegui não sei, mas sei que o que fiz foi o que se segue.

A ODE XL.

Amor mordido da abelha.

Por entre serras
De frescas rosas,
Pállidos goivos,
Murtas viçosas;

Que as gentís filhas
Do Egeo Sagrado
Na ruiva praia
Tinhião juntado;

O

O cégó Numen
Depondo a aljava,
Palmas batendo,
Ledo brincava.

Dourada abelha,
A quem pizou,
Na mão nevada,
O molestou.

A mão carpindo
Elle apertava,
E soluçando
A Mãi buscava;

Ai, Mãi, morri,
Triste clamou
Ai, Mãi, Cupido
Hoje acabou!

Mordeo-me aqui
Huma serpente,
Que abelha chama
Do campo a gente.

A

A mão do filho
Cyth'rea vendo,
Em quanto a sopra
Lhe está dizendo:

Ah se isto he causa
De tu gemeres,
Vê que não soffrem
Esses, que feres!

§. XIII.

Ora esta com effeito, dando o seu a seu dono, lá está com mais liberdade, que os Grammaticos facultão; mas eu os chamo para verem a que se segue (caso queirão vir, porque eu não faço força a pessoa alguma) e digão se não está bem conforme.

ODE III.

Do mesmo Author.

HA pouco na paz da noite,
Já quando a Ursa rolava
Junto da mão do Bootes,

Quan-

Quando o somno se espalhava
Pelo frôxo corpo meu,
Chegou, e á minha porta
O Deos Cupido bateu.

Quem bate á porta, gritei,
E vem meu somno turbar?
Abre, me disse, abre a porta
Pois não tens que recear.
Sou hum pequeno Menino
Todo molhado, e co' a noite
Perdi neste monte o tino.

Compadecido de ouvillo
A minha luz accendi,
E abri a porta: he verdade
Que hum tenro menino vi:
Hum arco porém trazia,
Azas tinha, e prenhe aljava
Dos hombros nus lhe pendia.

Eu o fiz sentar ao fogo;
As minhas mãos aquentei,
E as tenras mãos entre as minhas
Carinhoso lhe esfreguei:
E como molhado o vi,

A chuva de seus cabellos
Para aquecer, lhe espremi.

Mal que elle foi aquecendo,
Disse-me: vamos a ver,
Se póde a chuva deste arco
A rija corda offender:
O arco, traça na mão
Une as pontas, e me atira
Huma setta ao coração.

Então solta, e diz-me rindo:
Congratula-te comigo,
O' bemfeitor que o meu arco
Não soffreo menor perigo:
O meu arco livre está,
Mas teu pobre coração;
Que dôres não sentirá!

§. XIV.

Segue-se outra, e he a V. de Anacreonte, cujo numero assim como as outras vão, segundo a Ordem da Paut. e Madama Dacier.

Jun-

Juntemos ao vinho
A rosa engraçada,
A flor aos amores,
E a Amor consagrada.
Da rosa engraçada
Capellas formemos,
Co' as folhas urdidas
As frentes ornemos,
Depois entre os copos
Alegres brinquemos.

A rosa galante
He honra das flores,
De Abril e de Maio
Feitiço, e amores.
He mimo dos Deoses,
E o moço Cupido
Seu louro cabello
Traz dellas cingido
Se dança co' as Graças
No monte de Guido.

Tu, Baccho, de rosas
Me crôa, e me inspira,
Verás em teus Templos
Soar minha Lyra.

E

E tendo enastrado
De rosas a trança,
A par de Efrozina
Meu bem, e esperança,
Marcarei contente
Das Nynfas a dança.

§. XV.

Quem ler o §. XII talvez se persuada, que esta obra chegou a mais, e com effeito não se engana, porque traduzi algumas quinze, porém o tempo as fez dispersas, e não conservo ao presente mais do que estas; e por isso vos não brindo com ellas; e tambem porque he preciso dar-vos novas de minha saude.

§. XVI.

Como apanhei sentença medica, e Certidão de que não estava em termos de Acto, para o que me inculquei mais doente do que me sentia, obtive ser transferido em Geometria para o anno seguinte no mez de Outubro; e apenas houve o breve, cuidei em çafar-me de Coimbra:

trá: como porém o dinheiro se tinha gasto na botica, e os Amigos havião abalado, e eu sem dinheiro não apparecia em minha Pátria, nem que me queimassem, resolvi fazer a jornáda muito circular; visitando os amigos, e refrescando a bolsa, a quem tantos refrescos tinhão posto na ultima ruina, e decadencia.

§. XVII.

Alugada huma bestinha dei comigo em Torres Novas, em casa de D. Maria do Carmo, de quem já fallei no Capitulo de Cóz, e isto a tempo que naquella Villa se fazião festejos ás Nupcias dos nossos Infantes, que constárão de toiros, comedias, e hum oiteiro *in voce*. Nos toiros campei eu; não farpeando, porque desde criança sempre tive aversão a animal de corno: porém vesti-me de mendigo com muita chaga, e com huma perlenga propria destes saca-dez-réis, corri a praça, e apanhei tanta caridade, que no fim da festa me achei com quatro mil e tre-

zen-

zentos, e huma moeda de tres réis; porque só D. Casimiro da Cunha, meu velho, e leal amigo, que alli se achava, á sua parte me atirou com hum quartinho; não por franqueza, nem basofia, pois não he desses, mas porque sabia o estado das minhas tramoias, e sempre me ajudou no transito de meus cançados dias.

§. XVIII.

O nome da peça não me lembra; mas sei, que era huma Fulana perseguida, e exaltada, ou exaltada, e perseguida: representou-se bem, porque a primeira personagem masculina, era hum leão, e a primeira feminina, não desmentia de huma vacca: com tudo o que mais me deo no goto, foi ver hum Sacerdote do Gentilismo de loba, e sobrepelliz, tal he a lição daquelles habitantes!

§. XIX.

Por não ser de muitas séccas; acabadas as funções, derão-me dinheiro, e besta, e com este necessario folgo, resolvi-me a ver os mu-

vos da minha Obidos; e demandando Alcarouchel, e Pernes, vim sahir a Rio Maior, e dei comigo na direita descarga da casa de minha tia; e como acabo de estar doente, façamos aqui Capitulo, para ajuda da convalecença.

CAPITULO III.

§. I.

Posto eu na minha terra, já com os gráos de dois annos, entrei a entreter-me com processos, e a admirar subtilezas rabolisticas, por ser o meu fim advogar na Patria, e tambem por me achar vago de amores: pela traficancia da senhora Nise, cujos bons feitios já relatei aos meus Leitores, porque eu propuz-me levar estas cousas tim tim por tim tim, e não ser desses Escriptores omissos, que tocão as materias profusoriamente em humas partes, e somitigamente nas outras: e posto que já me envergonhe de apparecer tantas, e tão

di-

diversas vezes namorado, comtudo faz-se preciso, que dê prévia noticia de huma Anarda, que arvorou estandartes no meu coração, e que escreva os versos, que ella me mereceo durante a minha paixão.

§. II.

O caso he, que eu já tinha assentado comigo não crer em mulheres; ainda que ellas me fizessem milagres; mas a fragilidade humana consente, que esse Numen das esparrellas amatorias se ria dos nossos votos, com huma das perninhas cruzada sobre a outra; por isso, e tambem por ter fama de isenta, entrou de novo em mim o espirito namoricatriz; e com huma resistencia de soldádo inválido, veio a capitular a entrega do coração; e feitos os tratados entrámos a ser amantes, não estorvando isto, nem a a sua isenção, nem os meus protestos.

§. III.

De nenhuma gostei mais do que della; e que foi a primeira, em quem

achei

achei algum juizo, e optimas qualidades: o que he elogio sem suspeita; porque isto já se acabou em boena paz, e nem eu, nem ella havemos tornar a cahir noutra, por muitas, fortes, e attendiveis razões, humas que se vêm, e outras que se não sabem.

§. IV.

Huma das boas cousas, que havia na cara desta menina, erão os olhos: e hum modo de abrir o riso com muita graça; e eu adorador de toda ella tomei por empreza celebrálos, e o fiz nas seguintes duas Odes.

ODE I.

Aos olhos.

MENEA Anarda
Seus olhos vencedores,
E sahem delles
Ternissimos amores,
Batendo as azas,
Os arcos atezando,

E leves settas
Ligeiros disparando.

Barbaras gentes
Que contra Amor conspirão;
Os peitos abrem
A mil farpões, que atirão;
E á liberdade
Que tinhão por ventura;
Em breves horas
Chamão cadêa dura.

Feliz de mim
Que Anarda terno amando;
Com doce riso
A vejo a mim chegando!
Os Deoses mesmos,
Esta ventura invejão,
Oh quantos delles
Francino ser desejão!

Oh que vontades,
Nos vôos esfriando,
Aos pés d'Anarda
Espirão, anhelando!

Oh que desejos
Á vão Buscando ousados,
E vârão logo
Em terra desprezados!

Ah; quando a vejo
Os olhos meus se cobrem
De tantos lumes,
Que apenas a descobrem!
No pulso o sangue
Bate de espaço a espaço,
Hum suor frio
Banha meu corpo lasso!

Eu tremo todo
Sem cores, sem alento!
Meu coração
Suspende o movimento.
Menêa os olhos,
De mim compadecida,
E dentre as sombras
Resgata a minha vida.

ODE II.

Ao tal riso.

AMOR os seus amores
Convida, e delles
Agudos passadores
De ervada ponta.

Eia lhe diz: voemos
E a bélla Anarda
Aos ferros obriguemos,
Pois delles mofa.

Parte o bando contente;
E o mesmo Amor
Voando vai na frente
Da leve tropa.

Na tenra mão levando
Aureas cadêas
Triunfos vai contando
A' céga gente.

Alos

Aloja Amor seu bando
Junto ao Regaça,
Vão-se arcos disparando,
Mil settas vôão.

Anarda se lhe off'rece
Tão béllа á vista,
Como, quando apparece,
A rôxa Aurora.

A' voz d'Amor quizerão
Soltar as farpas;
Mas nunca se atrevêrão
Os moços féros.

Pela terra as largárão;
E em vôo leve,
Sósinho Amor deixárão
Posto no campo.

Chega Anarda risonha
Ao pobre Amor,
E, sem que se lhe opponha,
Tira-lhe os ferros.

Atraz os tenros braços
Lhe prende nelles,
E diz-lhe move os passos,
Moço atrevido!

Partio: e a mão armada
De hum Deos temido,
Em ferros sobjugada
Dalli voltou!

Fugi fugi Pastores,
Fugi d'Anarda,
Que a Amor, e seus amores
Com risos vence.

§. V.

Hum certo ar, que tinha o seu rosto, e que não sei se ainda o tem, era huma certa bebedeira que adormecia o meu coração para tudo o mais, que era prazer; e como nelle pensava sempre, sempre lhe fazia versos, e ahi vai huma Ode ao assumpto explanado, na supposição, que tudo por ella estava dos mesmos sentimentos.

ODE.

ODE.

A' galantaria do seu focinho.

QUaes em frio lago
Os peixes innocentes,
Ao ver o pasto
Nas agoas transparentes;
Que em descomposto esquadrão,
A elle correndo vão:

Taes ao ver Anarda
Os amores, e Amor,
Batendo as azas,
Lhe vôão de redor,
E sobre os nevados peitos
Suspirão, d'amor desfeitos.

As Graças formosas,
Pelas faces rosadas
Alegres gyrão,
Quaes abelhas douradas
Vôão junto das colmêas,
Pelas campinas Hybleas.

Quan-

Quando nos meus braços
Diroso amante a aperto,
E o seu rosto
Consulto de mais perto,
Só lhe diviso em redor
Meigos risos, casto amor.

§. VI.

Hum dia que fui passar á Pegada, em hum sitio, aonde murmura huma fonte, coberta de arvores muito chegada ás matas do Rio Regaça, adormeci sobre a relva, e em sonhos se me figurou ter com ella huma gostosa prática: acordei, conheci o engano, e gozando do aprazivel do sitio me occorreo a seguinte

ODE

Ao que acabo de expôr.

QUANTO mais doce,
Do que os outros dias,

A meus ouvidos
Murmura o Regaça!
Estes outeiros
Estão revestidos
De nova graça!

Oh quanto he béllo,
Reclinado á sombra
Passar as sestas
No calmoso Estio,
Ledo cantando,
A som da corrente
Do claro rio!

Feios cuidados
De mim se desvião;
De vãos ciumes
Apenas me esqueço,
A Paz sagrada
Me estende os seus braços
Em que adormeço.

Não me perturba
Meu somno brando;
Ver que tem Licas,
Ao pé do Regaça,

Cama

Campo, e choupana
E fosse a Sorte
Comigo escaça.

Só nos tranquillos
Instantes de somno,
Domina esta alma
Anardina béllа,
Pois nem dormindo,
'Stão meus sentidos
Distantes della!

§. VII.

Muitas cousas fazem os homens de que não são obrigados a dar a razão, por isso aqui vos escrevo a Ode seguinte muito á sorrelfa, e se quizerdes saber o assumpto della, vêde se o advinhais, porque eu não estou agora para decifrar a causa.

O D E.

Eu cortei de frescas rosas,
E d'outras flores mimosas
Grande porção;

Eu

Eu formei dellas,
Gentil Anarda,
Duas capellas.

Estão lindas! a melhor
Da tua frente em redor
Prender-ta vou;
Tu igualmente
'A outra ajusta
Na minha frente.

Anarda, só falta agora
Tanger a lyra sonora,
E repetir-mos
Doces Canções,
Que nos repassem
Os Corações.

Damitas, renova as taças
Do licor, que he pai das Graças!
Acceita, Anarda,
Vai-a libando,
Em quanto o vinho
Ferve espumando.

Quan-

Quanto em tua companhia
He suave, e béllo o dia
Inda o mais triste,
E desabrido,
Do frio Inverno
Encanecido!

De teus olhos scintillantes,
Amor de instantes a instantes
Aos meus se atira,
Aos teus se lança,
Desce a teu peito,
E alli descança.

Olha como anda gostoso;
Ora em teu rosto formoso,
Ora pendente
Dos labios meus
Ora risonho
Nos olhos teus.

Anarda gentil, meu bem,
Se unidos Amor nos tem,
Esta ventura
Não a percamos,

Em quanto em cinzas
Não nos tornamos.

§. VIII.

Huma madrugada, em que eu tive a fortuna de sonhar, que estava perto da minha Anarda, e que com ella me entretinha em conversação, de que gostava mesmo a dormir, tirou-me deste imaginado quindim, hum gallo que havia em casa, com huma voz despropositada, o qual tinha o arranjo do seu poleiro, perto de huma janella, que communicava o quintal, com o quarto em que eu dormia: ardi da desfeita, e quando me levantei, mal que lavei a caranтonha, puz-me á banca, e fiz-lhe a que sahe pelá prôa.

ODE

Ao mofino do gallo.

AGORA quando
Lasso dormia,
Pintando Anarda
Na fantasia,

Quando benigno
Me figurava
Hum sonho brando,
Que lhe fallava;

Que nos meus braços
A tinha preza,
Gozando a furto
Sua belleza:

Maldito Gallo,
Erguendo o canto
Me desfizeste
Tão doce encanto!

Venus permitta,
Que nesse instante,
Em que sentires
O fogo amante,

Rasgando os ares
Bravos açôres,
Nas garras levem
Os teus amores.

§. IX.

A mesma Venus, que eu visse acompanhada das Graças, ou sobre o seu carro, ou feita caçadora, me não pareceria cheia de tantas bellezas, como o meu amor me figurava a minha Senhora Anarda; e contando as suas bellezas de hum dia para outro lhe achava bellezas novas, além das que lhe cahião pelas faces: esta reproducção mereceo a seguinte

ODE.

Tu pódes acaso,
Damitas, contar
Esses grãos de arêa,
Que cercão o mar?

Contar poderás
As flores galantes,
Douradas espigas,
Estrellas brilhantes?

Pois se isto não pódes,
Não pódes tambem,

Contar as bellezas
D'Anarda meu bem.

§. X.

Como andava sempre mirando, e remirando o seu rosto, o talhe, o arzinho, e fazendo as reflexões de amante embasbacado, e a tinha por melhor que as tres Deosas, que se sujeitárão ao parecer de Páris, fiz o seu retrato em verso, e creio que he o unico que della temos; se porém he, ou não he *vera effigiês*, isso não asseguro eu.

ODE.

Retrato da Menina.

Louros cabellos
Soltos ao vento,
Onde se enreda
Meu pensamento!

Vós sois o bronze,
De que Vulcano
Forja as cadêas
Ao filho insano!

Olhos travessos
Da côr do Céo,
Ao ver-vos Febo
A luz perdeo!

Vós sois as settas,
Que o Deos de Guido;
Para vencer-me
Tem escolhido.

Faces mimosas
Da côr da neve,
A retratar-vos
Que mão se atreve?

Ora mais brancas,
Ora abrazadas,
Por vós as Graças
Vejo apinhadas.

Pérolas alvas,
E rubim fino,
Da boca fazem
Cofre divino.

Alli amor
Aquece as azas,
Pois são os labios
Accesas brazas.

Tu que entre a neve,
Peito rosado,
Ardente fogo
Tens misturado.

Tu foste empenho
Da natureza,
Que em ti gastou
Toda a belleza!

Nynfas galantes,
Deosas formosas,
Andão de ver-te
Sembre invejosas.

Della serias,
Maçã dourada,
Se visse Páris
A minha amada.

§. XI.

Finalmente de outros muitos versos, feitos á mesma, e em diversas estações, resta sómente hum Convite a passar huma noite de Inverno em magusto, o qual aqui vai; e os outros não, porque levárão o caminho, que de ordinario levão todas as minhas cousas.

CONVITE A ANARDA.

O Tempo vôa,
Formosa Anarda,
E pouco tarda
Janeiro frio.

O manso rio
Agoas juntando,
Já vai turbando,
Já rouco sôa.

Ninguem povôa
O fertil prado,
Pastor, nem gado
Se vê no monte.

A clara fonte,
Que ao som das agoas,
Amantes mágoas
Ha pouco ouvia.

Ora de fria
Fica parada;
Ora turbada
Deserta corre!

O lirio morre
Nos frescos valles;
Já nada vales
O' rubra rosa!

Traz vagarosa
A Aurora fria
Do breve dia
Os passos leves.

Das alvas neves
Ornando a frente,
Ao Sol luzente
Os raios cobre.

O pastor pobre
Na tarde fêa
Tremendo a aldêa
O gado traz.

Se he que te apraz,
Cede a meu rogo
Comigo ao fogo
Do Inverno zomba.

Silvestre pomba
A's mãos tomada,
Por mim guizada
No lume ferve.

Damitas serve
De cozinheiro,
E no brazeiro
Castanhas assa.

Enchendo a taça
Alegre canta,
E o frio espanta
Co' vinho quente.

Ao lume ardente,
No espeto rombo
Cheiroso lombo
Pingando gyra.

Em tanto a Lyra,
Que Amor me deu;
Em louvor teu
Alegre firo.

Em leve gyro
Batendo as azas,
Junto das brazas
Amor se assenta.

Co' a mão cruenta
O cégo Nume
Volve no lume
As rebordans.

Práticas vans
Me tece o louco,
E pouco a pouco
Por ti pergunta!

Ao arco ajunta
A setta dura,
Por ella jura
Minha serás.

Se isto te apraz
Quem te demora,
Linda Pastora,
Que inda não vens?

Se em outro tens
Posto o sentido,
A mim Cupido
Te prometteu!

Do arco seu
Treme perjura,
Se a fé mais pura
Quebrar intentas.

Se te contentas
Co's dons d'hum pobre,
Que hum'alma nobre
No peito guarda,

Quem

Quem te retarda,
Que inda não vens,
Gozar dos bens
Que o tempo dá?

Mas cuido já
Ver-te, Pastora,
Bem como a' Aurora
Quando amanhece.

Não só parece,
Isto he verdade!
Minha saudade
Descança agora.

Que feliz hora
Para Francino,
O seu destino
Deixou surgir.

Deixa cahir
O gelo frio,
E turvo o rio
Deixa correr.

Co-

Como de ver
O teu semblante
Chegou o instante;
Que mais desejo?

Não tenhas pejo,
O copo acceita;
Damitas, deita
Do vinho puro.

Por ti te juro,
Que nunca Amor
Noite melhor
Té 'qui me deo!

Cubra-se o Ceo
De espesso manto,
Brame no emtanto
O vento irado;

Tenho-te ao lado
Não temo a sorte,
Desprezo os golpes
Da mesma morte.

S.

§. XII.

Entretido assim o tempo das férias, e com outras ninharias, veio-se arrojando o tempo de ir fazendo jús a ser Doutor de terceiro anno, sendo forçoso o partir mais cedo, por conta de fazer Acto de Geometria, o qual ficou no tinteiro, pelo que já dissemos: pelo que apenas Setembro hia chegando do meio para o rabo, entrei a dispôr a minha jornada; a qual depois de muitas choramingas amatorio-saudosas, veio a ter princípio no dia 28 do dito mez; e quando todos cuidavão em vindimas, cuidava eu em tanger huma ronceira misela, na qual esperniando como hum sapo, passei Alcobaça, vi a Batalha, e dei comigo em Leiria na casa do meu bom Amigo Miguel Luiz de Ataide.

§. XIII.

Tratava-se naquella Cidade com todo o alvoroço, e reboliço de festejar os Desposorios dos Infantes, e quiz a fortuna, que sendo hum dos brin-

brincos a representação de certa Comedia, se impossibilitasse hum dos representantes, com a morte, não me lembro se de Pai, ou de Mãi: razão esta de empate; e razão esta, pela qual Miguel Luiz, e José Diogo de Mascarenhas, então Juiz de Fóra daquella Cidade, lançárão mão de mim, e por mais instancias que fiz, para conduzir-me a Coimbra, não houve outro remedio, senão ficar para representar em lugar do anojado.

§. XIV.

Com effeito fiquei, e foi a demora de dezoito dias, pelo espaço dos quaes me diverti largamente, e fez-se a função com todo o asseio, dando a Camera dotes a Donzellas, jantar a pobres, e fazendo outras demonstrações de alegria, e de justa satisfação. Alfim acabado tudo isto, foi-me dada cavalgadura, e jantando ao outro dia com o meu Marquez de Pombal, me foi anoitecer a Condexa, aonde fiquei n'uma semsaboria indizivel.

§.

§. XV.

Como me achava sósinho na estalagem, entrei a lembrar-me de Anarda, de quem me tiverão esquecido as festas de Leiria, e pedindo tinteiro, fui adoçando a mágoa com a composição da Ode seguinte.

ODE.

Ora que pensas, Damitas?
Se eu de penas me vestíra,
E como rápido açôr
Mansos ares dividíra?

Onde presumes, que iria?
Correr terra, e mar profundo
Cobiçoso de notar
As maravilhas do mundo?

Crês tu, que d'Efeso o Templo,
De Artemisa o Mausoléo,
As Pyramides do Egypto,
Enchêrão o gosto meu?

Ou crês, que o meu coração
Para chorar tanto estrago,
Desejára ver os sitios,
Onde foi Troia, e Charthago?

Ou que das margens que pizo
O meu vôo levantando,
Hia ao monte, em que as tres Graças
Estão com Venus dançando?

Pois não era assim Damitas!
Se o voar me fôra dado,
Sabes onde hia voando?
Onde está meu Bem amado.

§. XVI.

Acabado isto, e papada a cêa, atirei-me á cama, onde dei ao corpo o descanço preciso; e logo que o dia rompeo pelas frixas da janella, me puz a pé chamando pelo almocreve Carmo, com quem conclui a minha jornada, apparecendo em Coimbra pelas dez horas da manhã, com geral satisfação dos Amigos, que já assentavão, que eu havia apostatado dos Confrades da baeta,

lev-

levado de outra fortuna, ou enjoado dos incómmodos daquella vida, tão sujeita a calores de espirito, e a frios de corpo, e bolsa.

§. XVII.

Recebidas humas visitas, e feitas outras, entrei a unhas, e dentes em cuidar no meu acto de Geometria, para poder matricular-me no terceiro anno de Leis: como porém o Prelado se achava em Lisboa por mais diligencias, e empenhos, certidões, e argumentos, não foi possivel resolver o Vice-Reitor a admittir-me a tirar ponto com dois pretextos, que ambos se desvanecião: primeiro que o devia fazer no anno antecedente no meu lugar, ao que se respondia com Certidões de doente: segundo que restava já pouco tempo; ao que se argumentava, que esse pouco era o que bastava: Tudo isto ficou de fóra da sua alma, ou entre ella, e os seus ouvidos, e eu consequentemente fóra do terceiro anno.

§. XVIII.

Clamavão todos, que occupasse o anno na Geometria, e eu teimei em ir frequentando o terceiro anno, posto que sem Matricula aberta, e quando todos pensavão que eu trabalhava debalde, escrevi ao Excellentissimo Prelado, que se achava na Côrte, expondo-lhe as circumstancias em que me achava, e rogando o seu patrocinio: respondeo-me elle logo por hum de seus familiares, que fosse continuando: callei-me muito callado, e quando ninguem esperava tal, apresentei hum Aviso, que elle me mandou, pelo qual lhes mostrei, que S. Magestade era servida, que eu fosse matriculado no terceiro anno de Leis, não obstante a Geometria, de cujo Acto daria conta no fim do dito anno isto causou grande estrondo, porque nenhum dos meus condiscipulos suppunha, que eu teria quem me fizesse destes milagres; e por fim de contas fui matriculado,

e

e foi-me dado lugar com aquelles, que já me suppunhão derrabado.

§. XIX.

No § II. do Cap. II. da Epoca V. vos prometti o Sábio em mez e meio, e por isso vá de histotia. Achava-se a Universidade inundada de rapazes tão vaidosos de si, que até não duvidavão censurar seus Mestres, sobre a explicação dos Compendios, que elles apenas sabião verter, e isto com todo o desafogo: esta seita tinha seu modo particular de insinuar-se, e porque o meu genio não pôde soffrer similhante cousa, por isso lhes sahi a campo, metendo-lhes a ridiculo o seu procedimento escandaloso: só visto he que póde acreditar-se a corja de papagaios, que entulhavão os Geraes, mofando de aula em aula; os gestos! as reflexões! os equívocos picantes! finalmente todo o seu comportamento nesta materia precisava não o meu acanhado genio, mas o espirito de huns serventes, e o mais he que hum cento delles que

hou-

houvesse em Coimbra, caberião a cada hum quatro Quichotes e meio: Eu em certa occasião ouvi estar hum certo sujeito explanando a difficuldade de certo § de Heineccio, e dizendo que lhe tinha dado a verdadeira intelligencia, e que hia para a Aula com tenção de ver como o Mestre se avinha com elle: por seus peccados aconteceo perguntar-se-lhe lição; e fez a cortezia insinuante de que a não tinha visto, e tanto assim que na noite antecedente lhe tinha ficado o Compendio na loja de Antonio Alves, em cima do bilhar: mas vamos á Obra, que he a que se segue, e que me grangeou hum par de inimigos, consequencia certa que tira quem diz verdades.

O SABIO EM MEZ E MEIO:

OBRA

Que da experiencia de seis annos de Coimbra distillou hum Estudante de Leis,

OFFERECIDA

A todos aquelles, que se destinão á vida Escolastica na mesma Universidade,

POR

ANTONIO CASTANHA NETO RUA.

AO LEITOR.

Como esta sciencia da vida só se aprende com a longa experiencia, segundo eu digo na Introducção da Obra, que presente está; e me não deixará mentir, por não referir alguns, donde saquei a dita sentença, por isso parecerá inutil o apresentar-te huma obra, cujo fim he aquelle, que a tua mesma experiencia te irá produzindo de dia em dia;

mas

mas differente cousa he achar o polvo feito, ou ter de o machucar, cozer, e adubar! Quanto mais, que nem todos olhão para tudo, nem tudo se deixa ver de todos.

Além do que, os animos ainda tenros são susceptiveis de qualquer impressão; e assim como hum Author chora pela afflicção, que outro teve nas amargas circumstancias, que elle representa, e com arte faz chorar aquelles, que o ouvem; assim hum impostor scientifico, esconde com tal arte o que he, que a quem o vê persuade ser aquillo, que finge.

Mas porque não he do meu caracter dizer-te os nomes daquelles, que o são, dou-te os sinaes para que venhas a conhecellos: e assim como se diz, que ha lume aonde ha fumo, do mesmo modo onde tu vires estas senhas, poderás dizer, que ha charlatanaria.

Eu bem vejo que seria mais util ao público, se désse huma optima exposição da Biblia: se fallasse ao

Digesto melhor que Heineccio, e Cujacio: se tratasse de Mathematicas acima de Newton, *et sic de cæteris*, bem vejo isto; mas nem eu posso, nem nunca sonhei ser capaz de tanto: e aqui temos aonde o rifão: *Quem faz o que póde não he a mais obrigado*, vem mesmo a pedir de boca, ou a talhe de foice, como querem outros.

Com tudo, não infiras da minha confissão, que a obra não tem utilidade; nem creias que não me ficas devedor de algum beneficio: mas eu sou tão desinteressado, que me dou por satisfeito, huma vez que tu persuadas aos mais a compra do dito papelete; porque isto para cada hum he huma ninharia, e cá para mim faz-me certa arrumação.

Fica na certeza de que eu promovo o bem público da maneira que me cabe nas minhas forças; e tanto, que depois deste irá outro, no qual te apparelho as melhores, e mais bem fundamentadas regras de huma util;

e

e decente Economia. Não quero com tudo que tu te persuadas, que, por ter em vista o bem publico, me esqueço do particular; e por tanto, se este tiver extracção, irá o segundo, quando não, não

Vale.

✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻✻

INTRODUCÇÃO.

HA na Provincia da Estremadura huma populosa Aldêa, em à qual, por meus peccados, fui alguns annos Sacristão, e barbeiro do Cura da Freguezia. A 25 de Setembro, segundo minha lembrança entrou em casa do meu Cura hum sobrinho seu, o qual vinha a despedir-se, porque a 28 havia partir para Coimbra, aonde o mandavão seus Pais, a fazer-se util a si, de honra aos seus, e de proveito ao Estado.

Acha-

Achava-se então em casa hum Bacharel formado pela dita Universidade, já depois que o Marquez de Pombal lhe tinha sacado as cataratas dos olhos, por occasião de humas agoas ferreas, que hoje tomão alguns por necessidade, e muitos por moda. Chamou-se o Cura, entrando o qual, o pequeno lhe beijou a mão, cousa que eu não faria por quanto tem o mundo, pois em quanto estive em casa, nunca lhe vi lavar senão as pontas dos dedos, por obrigallo a isto o Ritual da Missa.

Acabada esta ceremonia, sentou-se o rapaz; e como era bastantemente esperto, fez cocegas ao Doutor de derriçar hum pouco nelle: foi-lhe metendo destas chamadas facadinhas, ás quaes o taréco se escapolío com juizo, e graça; e depois de se estoquiarem de parte a parte, disse o pequeno: *Senhor Tio, sirva-se vossa mercê mandar-me dar merenda, porque trago nas tripas hum vacuo muito grande.* A isto acudio o dito

Ba-

Bacharel, e sobre se se dava, ou não dava vacuo, houve huma horrorosa gritaria entre os dois, que o bom do Tio escutava com desperdicio da sua baba.

Acabada a questão; que nunca se decidio, pôz-se a merenda ao crienço, a qual elle devorou com muito desembaraço.

Ergueo-se o meu Doutor, e dando-lhe hum abraço, lhe disse: *Menino vossa mercê tem viveza, e me persuado, que fará o prazer de seus Pais, e de seu Tio: entra com tudo em huma carreira assás difficultosa; mas pelo que toca aos seus Estudos ha de vencellos, se estudar, pois tem vivacidade, e juizo; mas como os seus annos, ainda saõ curtos, e esta faculdade da vida só se aprende com a longa experiencia, quero darlhe as lições que della tenho recebido; e assim vamos cá para o quintal, porque as arvores já fazem sombra.*

Sahio o Doutor, o rapaz, e o Tio,

e

e eu que gostava muito de ouvillo, por ter hum genio bastantemente jovial, puz-me de largo a escutallo: cuja prática pouco mais ou menos constou dos paragrafos seguintes.

****

PROLEGOMENOS.

§. I.

He de saber (disse o Doutor) que propondo-se vossa vercê á vida de Estudante de Coimbra, deve vestir-se de tal arte, que quando lá chegar, pareça pelo trage ser Irmão da Confraria, a fim de passar por Veterano: para o conseguir, calçará suas botas de canhão de arregaçar, e nellas enxertará duas esporas de ferro robustas, e ameaçadoras; seu calção de ganga de alçapão pequeno; casaca destas de mamma, collete de fustão com franja de nós, ou de requife; lenço preto no pescoço; coifa

ta azul, ou rabicho; chapéo pardo, com fita verde, ou côr de castanha; tarasca á cinta; manopla na mão, e mala na garupa, mas com pouco volume.

§. II.

Depois de fazer bramuras pelas povoações por onde passar, chegando á vista da Cidade, que o ha de embebedar por fóra, mas vossa mercê lhe achará o pão bolorento, tome immediatamente o seu capote, e quando entrar na ponte embuce-se nelle á bandalha, *præcipue* quando vir Estudantes, fingindo que deseja, que o não conheção, e vossa mercê verá quantos lhe dizem: *Bem vindo; não se esconda que já se conheceo! Criado sô Fulano: bitó chegada, etc.*

§. III.

Como vai para a companhia de seu Primo, que ancioso o espera, quando lhe entrar em casa, se elle estiver só abrace-o, e comporte-se como a amizade, o sangue, e a sua creação exigem; mas se estiver de com-

companhia, dê quatro pernadas na casa, arremece-lhe a manopla, e diga-lhe a maior injúria, ou o nome mais escandaloso, que lhe vier á lembrança. Aqui acudio o bom Tio, dizendo: *Que naõ ensinasse similhantes cousas ao pequeno*, ao que o Doutor respondeo de passagem: que era melhor levallas de cá sabidas, do que ir lá aprendellas á sua custa: e continuou.

§. IV.

He inveterado costume, e lei Academico-Escolastica, que todo, e qualquer Novato leve a sua investida, e pague a sua patente: Não resista vossa mercê a nenhuma destas cousas; o que deve pedir he, que seja suave: para o que quanto aos dicterios, e injúrias boca tapada, e quanto á patente, mão á bolsa. O melhor he entregar-lha a elles mesmos, porque deste modo poupa-se mais, e por dezeseis tostões, quando muito, compra vossa mercê o nome de bizarro, escusa de ver-se rodeado de Justiça,

e

e de levar quatro estoiros, de ser Almotacé: e de outras mil maneiras de que usão, para se esturquir este annual estipendio.

§. V.

Feito isto, como eu desejo, que vossa mercê seja completo, passe immediatamente a comprar sua batina em segunda mão. A isto disse o Tio; assim como estimulando-se: *Que elle tinha muito dinheiro, e não queria que seu Sobrinho apanhasse os suores de ninguem*: ao que o taful do Bacharel tornou com a sua costumada galanteria; Senhor Padre vossa mercê destas cousas não pesca; a batina que lhe recommendo he para o primeiro anno, a fim de não parecer Novato, e livrar-se da injúria de lhe chamarem Caloiro, Boroeiro; Felpudo, e outros nomes que se engendrão segundo o vagar, e a fantasia de cada hum: pois segundo a authoridade da Prosodia: Quem não quer ser Lobo não lhe vista a pelle, e foi indo por diante.

§.

§. VI.

Vestido pois de batina peça a seu Primo que o ensine a traçar, segundo a moda, e com elle visite os Examinadores: cumprimente-os muito, capa cahida, olhos baixos, peça-lhes a sua protecção, e mostre-se muito acanhado: como está expedito nos Preparatorios, e tem a felicidade de ser filho de terra, da qual se não exige o Grego, ha de sahir optimamente, porque nestes exames, nunca se falta á justiça!

§. VII.

Examinado que seja, exhiba os seus 6:400 que tanto custa a meia folha de papel para a Matricula, e transporte-se com ella á Secretaria, onde escreverá o seu nome depois de haver prestado certo juramento: isto feito, temos a vossa mercê estudante do primeiro anno Juridico, membro de huma Academia respeitavel, esperança de seus Pais, honra da sua parentéla, adorno do Estado, e no

ver-

verdadeiro caminho, que trilhão os homens bem nascidos.

SYSTEMA.

§. I.

Agora entramos a tratar de idéas mais sublimes, para o que será preciso, que tomemos a nossa pitada de tabaco: e já que fallamos nelle lembro-me que será de utilidade comprar a sua caixa com vidro largo, e pintura decente: a moda pede que se tome rapé; compre do primeiro que achar, meta-o em garrafa. e diga que lhe veio de França. Tomado o tabaco montou o Doutor huma perna sobre a outra, e continuou o que se verá dos paragrafos seguintes.

§. II.

Meu rico menino em vida de letras póde aspirar-se a ser sabio, ou a parecello: mas como o ser sábio se adquira depois de annos largos, e largos estudos, e isto não lhe possa

eu

eu dar, porque nem o tenho, nem esse seja o fim que me propuz; passo a dar-lhe as precisas instrucções para parecello: attenda-me, que a materia he mais util do que parece.

§. III.

Primeiramente deve advertir, que as cousas de que de nós pódem julgar os outros, são externas; porque das internas, *Solus Deus*. Deste principio se deduz, que o sábio apparente não cuida mais que do externo: nós não temos mais de externo, do que os modos, a falla, e acções, por consequencia sobre estas se versa a sciencia, que ás duas palhetadas perceberá com a doutrina dos paragrafos seguintes.

§. IV.

He de saber que ainda que os modos, e acções sejão quasi a mesma cousa, com tudo toda a acção he modo, mas nem todo o modo he acção. E por modos deve vossa mercê entender alguns actos externos como v. g. Andar muito tezo, e cir-

cuns-

conspecto, em marcha de procissão; e assim a modo de abstracto. 2. Parar quando for por huma rua, e voltar para traz, como que chegou alli por hum acto d'alma, que chamamos andar a razão de juro. 3. Quando fallarem com vossa mercê soltar suas respostas *ad Efesios*, assim como quem estava além d'Evora tres semanas. 4. Não deixar socegar a sua servente, já com livros para fóra, já com livros para dentro. 5. Tres dias cada semana frequentar as lojas dos Livreiros, e serem destas em que melhor se vê, quem está de dentro. 6. Não entrar em Bilhares, pois he incompativel affectar de sábio, e por consequencia de estudioso, e gastar o tempo em similhantes ninharias. 7. Não entrar em Botiquins; porque o verdadeiro café dos sábios he a leitura dos seus livros, aos quaes já houve quem chamasse os seus boisinhos, expressão digna de hum tal cultor dos campos da litteratura. 8. Não entrar em rifas de trastes que sir-

sirvão só para adorno; salvo hum relogio, hum jogo de livros, e hum annel; porque hum marca as horas do estudo, o outro he insignia do sábio, e os livros as suas armas. 9. Trazer luneta de vidro largo, com aros de prata, e caixa de madre pérola, sobpena de lhe serem inuteis os documentos acima. Aqui tem v. m. hum sábio apparente, porém mudo; vamos agora a dar-lhe falla.

§. V.

A sua falla deve ser em hum tom nem cantavel, nem rezado; mas sonoro, exprimido, e ronceiro, *id est*, a compasso de fá bordão em matinas solemnes: não he máo que algumas vezes faça alguma especie de écco, e que outras vezes estenda as palavras a modo de gomma de borracha: os pontos da interrogação como quem declama: os de admiração erguendo a voz, e as sobrancelhas: as virgulas espaçosas, e os pontos redondos, e pezados. Temos-lhe géstos, e falla,

de-

Demos-lhe agora acções, que fação mais energicas estas mesmas vozes.

§. VI.

Sejão pois as dominantes: 1. os dedos pegando na luneta pelo meio, assim a modo de pitada, e alçando o braço em ar de quem incensa. 2. Arquear as sobrancelhas, segundo o pedir o caso. 3. A boca composta, mas atirando para risonha. 4 Pedindo a materia que se grite, dar com o braço para cima, e para baixo, com a desinquietação de Sacristão novo quando toca a campainha. Enriquecido com estas cousas o nosso sábio, vamos darlhe materia sobre que falle. Tomemos tabaco, e attenda-me.

§. VII

Tidos em vista os paragrafos antecedentes, e supposto v. m. no primeiro anno Juridico, como nelle já deva principiar a sua imposição, e o caracter de sábio seja ralhar de tudo, ralhe logo das Instituições de Justiniano, e de toda a sua materia; ap-

prove unicamente o Direito natural de Martine, mas não o deixe rir da galhofa, e para lhe encaixar o braço até ao cotovelo, excommungue-lhe os primeiros seis Capitulos, embirre no muito que são de Metafysicos, a tudo o mais chame palhada, e deixe-os por minha conta. Isto he pelo que toca á sua obrigação; mas para o que póde vir a talhe de foice, vou munil-lo; e se acaso se pozer nos eixos, ha de perguntar-lhe muita gente: que veio v. m. fazer a Coimbra.

§. VIII.

Huma das guerras, que não rebentou entre nós, que teve o seu principio no caruncho da antiguidade, he sobre o merecimeuto, prestimo, e progressos das faculdades: pede a moda que digamos, que a Filosofia excede a outras, *præcipue* a historia natural: e sou de voto que tenha em sua casa alguns gafanhotos, borboletas, petrificados, e &c.

§.

§. IX.

He de saber, que he moda. 1. Chamar materiaes aos Theologos. 2. Palheirões aos Canonistas. 3. Que a difficuldade de Leis consiste na equidade dos Pretores. 4. Que a da Medicina pecca nos flatos. 5. Que as falsas Decretaes de Isidoro devem andar sempre na casa dianteira.

§. X.

No caso, como eu espero, que não se dê ao estudo da sua faculdade, diga á boca cheia, que o seu feitiço são Béllas Letras, sciencias que nutrem o espirito, e encantão os sinco sentidos; que tudo o mais são palhadas, petas, e subtilezas de homens melancolicos.

§. XI.

Não obstante isto, dê para geral, e segura imposição aos Alemães a primazia em Jurisprudencia: Aos Francezes em tudo que são cousas de bom gosto: Aos Gregos em Poesia: Aos Inglezes em Nautica: Aos Hespanhoes em Theologia Moral, e

em Novellas: Mas dos Portuguezes; diga em tom sizudo, e como metendo para lastima, que são huns poucos. Em huma palavra, ponha os estrangeiros á cabeça, e meta Portugal debaixo dos pés, e caminhe sem medo de embicar.

§. XII.

He quasi necessario, que faça hum novo plano de estudo; isto he, que ralhe da ordem, porque se ensina em Portugal: que ralhe de seus mesmos Mestres, e diga muito senhor de si, e cheio de vento: que o lugar he que faz a differença; que se v. m. trepasse á Cadeira, quando não dissesse mais, tambem não diria menos.

§. XIII.

Repare agora: nós temos este texto expresso na Prosodia, e vem a ser: *Dize-me com quem lidas, dir-te-hei as manhas que tens.* Em attenção á sua authoridade he preciso que escolha para passear alguns destes pantufos, que os ignorantes olhão como

Bom-

Bomzos, e escutão como os peixinhos a Santo Antonio, pois ouvirá mil vezes de si: *Que tal? aquelle rapaz tem optimos principios; se bem, que o seu forte, são Béllas Letras.*

§. XIV.

Huma das cousas que decide muito, he negar o merecimento a quem o tem, e tratar de menor tudo o que os outros dizem: nestes termos huma vez que v. m. se encontre com algum pingão de capa arrastos, vulgarmente chamado sopista, mas que se applica, e cuida mais de arranjar as suas idéas, do que os seus cabellos, tudo quanto elle disser, contraríe por negação: se lhe instar, negue outra vez, e diga que lho prove: dando prova que o ataque, solte hum sorriso sardonico, assim como quem estava debicando; e tudo isto em ar de authoridade.

§. XV.

Importante lhe será fazer de estatua, em algumas sociedades justiceiras,

ras, e obsequiadoras da verdade: ouça v. m. sem meter colherada, tome de cór, e sahindo daqui, antes que lhe esqueça, busque o ranchinho, ao qual espete a sua imposição, arraste a materia com mais ignominia, que hum facinoroso pelas ruas públicas, e empinja quanto ouvio num tom de Mestre.

§. XVI.

Mas como todo o edificio tenha seus alicerces ou estreitos, ou largos, sob pena de dar comsigo em terra, será justo que lêa alguma cousa sobre que se apoie. Para este fim tome de cór o titulo do Livro seguinte, e compre-o da ultima edição: vem a ser *Diccionario Historico*; este Diccionario faz seus juizos sobre o merecimento dos homens litteratos; e o melhor que tem, para o nosso ponto, he fazer menção de todas suas obras, e de todas as suas edições: applique-se com todo o cuidado a esta sciencia bibliotica.

§. XVII.

Entrado v. m. na leitura do dito Diccionario faça o seguinte: Acha-se Monsig. de tal: veja qual foi a sua pátria; a idade em que floreceo; o ramo de sciencia em que se fez mais célebre; as obras que escreveo; as edições, que dellas se tem feito; e depois o juizo com que o condecóra, ou arrasta o dito Diccionario, disto faça o seu canhenho, mas dando-lhe assento a modo de batalhões; isto he; Theologos com Theologos, Canonistas com Canonistas, *& sic de cæteris.*

§. XVIII.

Deve além disto saber de cór os nomes, ou para ser mais exacto os Titulos dos Livros seguintes: *A Encyclopedica* : *Grocio* : *Pufendorfio* : *Vanespen* : *Anacleto* : *Gonzales* : *Natal Alexandre* : *Justino Febronio* : *Vatel* : *Monsig. de Real* : *Mons. Thimds* : *Montesquiú* : *Volter* : *Professor de Felice* : *e Rossó* : escrevo-lhos em frase Portugueza, para que lhe não suc-

ce-

ceda o que succede a muitos, que lendo *Voltaire* em Francez, pronuncião do mesmo modo em Portuguez. Ora isto não he para que lêa tudo, que para tanto, chegão hoje poucas vidas; mas para dizer estes nomes á descarga serrada, sem citar, nem allegar, e sempre em tom de melancia verde.

§. XIX.

Além disto, deve estar promptissimo no princípo seguinte: *Quando lhe forem á mão, ainda que o pilhem, não dê satisfação alguma*, arrume outro livrinho, outra proposição que tal, á maneira de hum Boticario que ha na minha terra, que em o colhendo em mentira, o que succede frequentemente, responde: *Está muito bem feito*, e continúa tranquillo no fio do seu discurso.

§. XX.

Para que suba ao ultimo ponto da perfeição nesta sciencia impositorio-ridicula, que ás bandeiras despregadas estabeleceo o seu throno no meio

das

das gentes, para chacota dos sábios, e engodo dos ignorantes, e mentecatos, deve 1. Não passear senão pelo campo, e delle voltar com algumas florinhas, e hervas na mão, como quem admirando a Natureza na bélla producção destas delicadas creaturas. 2. Nas paredes de sua casa, ter o Mappa-mundi, com moldura de páo preto, e suas caropetas nas estremidades. 3. Ter em cima da Meza o Globo Terraqueo, a Esféra Armillar, e nella espalhadas ao negligé, o correio de Europa, e algumas Gazetas velhas; e se lhe ajuntar a Máquina Electrica, então he ouro sobre azul. 4 Ter muito cuidado, em sentindo gente na escada, posto que esteja pintando sinos samões; lançar mão de hum livro de gosto, que terá sempre marcado em Capitulo de que tenha toda a instrucção, e arrumallo ás ventas do miseravel, que se lhe apresentar.

§. XXI.

Ultimamente; tenha na sua estan-

te as Recitações de Heineccio: o Lorri: as Dissertações de Martine; Bachio, e os mais que neste primeiro anno se lhe fazem precisos: mas sem titulos, e muito guardados, sem consentir, que alguem lhe pegue, affectando de livros prohibidos; sem os quaes a moda condemna a ignorar inteiramente.

§. XXII.

Não lhe escape Gil Braz: o Diabo côxo: o Bacharel de Salamanca: D. Quixote: Gusman de Alfaraxe: e tudo o mais que faz o entretimento dos sábios. A Hora de Recreio: o Relogio fallante: o Anatomico Jocoso: e o Palito metrico, são proprios: mas aquelles são em Portuguez, estoutro escrito por hum Portuguez, e por consequencia porcaria.

Aqui tem v. m. em summa a pedra Filosofal de parecer sábio: não lhe fuja isto da lembrança, que depois de cêa lhe darei as necessarias regras, para huma muito precisa, e decente Economía, a qual fará a segunda Parte deste Tratado.

Is-

Isto nem mais nem menos foi o que disse o Bacharel; acabado o que se recolhêrão para casa; e eu fui á pressa dar as Ave Marias, e voltei, por não perder hum instante de estar com elles.

§. XXIII.

Como nunca me faltou vontade de ser util no que me fosse possivel, olhando aos desperdicios ordinarios, e ás demasiadas, e subtis ratoeiras com que de contínuo se arma aos vintens de rapazes pouco experientes, e que não passando pelo que eu tenho passado, cuidão que todo o mato he de ouregos, persuadido que huma vez que estas trampolinas lhe fossem patentes, sempre remiria alguns, imaginei a Economía, para lhes patentear o que são bilhares, botiquins, rifas, e outras cousas que optimamente conhece quem he remettido a viver em huma Universidade, qual a de Coimbra: e disse comigo ainda que muitos se enfadem contra a cu-

riosidade da minha penna, eu sempre tiro o partido de dizer a verdade, fazer o que posso, e certissimamente o de cahir em graça aos Pais de Familias: e quantos delles não terão recitado, repetido, e recommendado a seus filhos, muitos tassalhos da Economia do Malhão! parece me que os vejo rir, ao ler deste paragrafo: ora aqui a tendes tal, e qual, sacada da minha longa experiencia, para remedio efficaz daquelles, a quem o meu destino não permitte que possa dar outro,

A

A ECONOMIA:

SEGUNDA PARTE

DO SABIO EM MEZ E MEIO.

Obra util a todos aquelles a quem o dito Sábio não he desnecessario.

COMPOSTA, E OFFERECIDA

AO

SENHOR JOÃO BAPTISTA,

Sineiro da Universidade,

POR

ANTONIO CASTANHA NETO RUA.

Quisquis habet nummos secura naviget aura;
Fortunamque suo temperet arbitrio.

Petronius Arbiter in Satyr. 5.

SENHOR JOÃO BAPTISTA.

Costume, e muito bom costume, foi sempre de Escritores assim modernos co-

mo

mo antigos; o recommendar ao Público as suas obras apadrinhadas com o nome de algum Mecenas, que honrando o livro, o defenda em certo modo do contagio das linguas venenosas; pelo que nunca V. m. verá, que no frontispicio delles appareça o nome de qualquer bigorrilhas, antes pelo contrario verá que sempre se dedicão a hum Grande, a hum Sabio, ou finalmente ao bemfeitor daquelle, que fez a obra; pelo que huma vez, que eu lhe mostre, que por todos estes titulos lhe compete huma Dedicatoria, impossivel será que V. m. deixe de pagar-se da minha offerta; e porque eu não costumo avançar proposições, de que não dê logo as próvas, póde V. m. ir desentupindo os ouvidos ás badaladas desta verdade.

Quem terá em primeiro lugar a confiança de negar-me, que V. m. he hum Grande? E se bem que esta palavra se possa tomar em muitas acepções, huma vez, que por todas lhe compita, estamos na tin-

ta para aquelles escrupulosos, que em embirrando com huma palavrinha; sem dó nem consciencia usão dar-lhe tratos de polé.

He bem verdade, que ella se toma ou pela extensão de qualquer corpo, ou pelo volume das acções, dignidade, e qualidades de qualquer sujeito, ou finalmente pelo acanhamento do espirito; e por ventura (fallando na primeira) não he V. m. daquelles homens, com os quaes a natureza não foi escassa em despender mais huma boa porção de espinhaço? E acaso não gozaria V. m. as honras de Grande, se apparecesse no Reino dos Pygmeos, na República dos Anões, ou no Imperio dos Corcovados? Isto he sem dúvida.

Se a tomarmos pelo volume das acções, dignidade, e qualidades do sujeito, não logrão por ventura os grandes homens em todas as nações o privilegio de mandar os outros, de dar-lhes o sinal nos combates, e de mandar tocar ás investidas, e ás re-

ti-

tiradas? E sendo V. m. quem nesta Universidade, ao som de hum sino, manda a todo o Corpo Academico; e lhe marca as investidas para as Aulas, e as retiradas para suas casas, e isto sem desobediencia, senão de algum punhado de madraços, deixará de merecer entre nós o nome de homem grande?

Se finalmente a tomarmos pelo acanhamento de espirito, deixará ella de competir-lhe? Tem V. m. por acaso adiantado as suas idéas? Não dá ha tantos annos as mesmas fallas? Não manda sempre o mesmo, no mesmo tom, e do mesmo modo? Não intíma as mesmas ordens, e ás mesmas horas? Quem o duvída? Logo encaixa em V. m. sem réplica, nem tréplica, o nome de Grande pelos circunstanciados tres princípios, de que acabo de produzir as próvas; e por consequencia esta Dedicatoria de justiça compete a V. m. pelo que V. m. tem de Grande.

Igualmente lhe pertence por ser Sábio;

e quando á V. m. mesmo lhe pareça, que isto he adulação minha, eu tomo por testemunhas a quantos rapazes nesta Cidade tem soffrivel intelligencia de toque de sinos. Digão elles se em S. Tiago se dobra com tanta graça; se em S. Bartholomeo se repica com tanta energia, e se o campanario de Santa Cruz farfalha tanto em dias solemnes; ou se as duas torres da Sé com todos os seus balões chegão aos calcanhares de hum só repique de luminarias manipulado por V. m.

Estou advinhando que V. m. me arma a objecção seguinte: E que parentesco tem o ser eu sábio no tanger dos sinos com a Dedicatoria da sua papeleta? *Respondo perguntando a V. m. As campainhas não são parentes dos sinos? Ha de dizer-me que sim. Pois não sendo este papel outra cousa mais, que huma campainha que vai chamar ás sólidas, e bem fundamentadas regras de huma decente Economia os dissipadores da sua fazenda; tem na razão de*

campainha incontrastavel direito a ser-lhe dedicada, e aqui tem como ella lhe pertence, ainda pela segunda razão de sábio na sua occupação.

Resta-me agora mostrar ao mundo, que até lhe he devida pelos beneficios, de que sou devedor a V. m., para o que pergunto eu, se haverá quem negue ser o ocio causa de muitos males? Se ha, não seja eu quem o contradiga, seja Catul. ad Lesbiam.

Otium reges priús & beatas
Perdidit urbes.

Poderá achar-se quem não assinta, em que o ocio damna as forças dos espiritos e dos corpos? Pois se ha, ahi lhe salta na cara Ovid. no liv. de Ponto.

Cernis ut ignarum corrumpant otia corpus?
Ut capiant vitium ni moveantur aquae?
Et mihi siquis erat dicendi carminis usus,
Defecit, estque minor factus inerte situ.

Se

Se algum disser, que elle não faz variar o entendimento, appello para Lucano lib. 1. bel. civil. onde diz.

Variam semper dant otia mentem.

O que supposto, e explanado não he V. m. quem tangendo a sua sineta me arranca da molle ociosidade, com que enterrado em somno, me revolvo nas minhas palhas, sujeito ás perdas da saude do espirito, e do corpo, e á variação desse pouco entendimento que Deos fiou de mim? E se V. m. me não fizera este beneficio, não se me poderia com razão dizer na minha cara, o que disse Ovid. na Epist. 16. das suas Heroidas.

Ad possessa venis, praereptaque gaudia setus,
Spes tua lenta fuit, quod petis alter habet.

Então estas obrigações são barro?

Por ultima consequencia nem V. m. nem nenhum homem, que tenha o juizo em

seu lugar, poderá negar-me que a competir-lhe a Dedicatoria por todos estes titulos, seria injustiça deixar de estampar-se o seu nome no portico deste folheto.

Ora pois como Grande, como Sábio, e como meu Bemfeitor, e como Mecenas deste papel, que reverente lhe offereço, não deixe de defender a minha causa, consentindo, que badalem contra a minha obra as linguas dos críticos, encarrapitados no alto campanario do seu desvanecimento. Se elles apparecerem, e forem Academicos, tanja-lhes o sino mais cedo; se forem da terra, não lho toque por hum anno, a fim de que nas horas que lhes hão de dar as barrigas, conheção a gravidade com que V. m. castiga.

Sou, e serei de V. m.

Criado seis furos abaixo de moleque,

Antonio Castanha Neto Rua.

AOS

AOS AMIGOS LEITORES.

No fim do Sábio em mez e meio vos prometti esta Economia, como segunda Parte delle; mas como foi debaixo da condição de me gastareis a primeira, e isto tardou, tambem eu tardei. A razão de seu empate, além de ter por origem o pouco merecimento da obra, procedeo tambem do grande número de homens, a quem a verdade nauseou de modo, que se não vomitão contra ella pragas, e maldições, e não a degradão a baraço, e pregão do meio daquelles, a quem espectavão a sua imposição, sem dúvida lhes succederia o que aconteceo á Rã da Fabula. Ainda bem que esta raiva proveio a huns de se verem no estado das damas presumidas, a quem mão subtil tira a alvaiade, a côr, os polvilhos, e signaes, que rebuçavão as marcas da sua fealdade; e a outros

por

por não entenderem o emfase da obra; acontecendo-lhes o que acontece a quem he hospede em olhar por oculos de ver ao longe, que errando no modo de usar delles, quando querem ver ao perto as cousas, que estão distantes, põem as que tem visinhas em tal distancia que precisão tirar o oculo para conhecer, que são ellas mesmas.

Em verdade nunca imaginei que intentando entreter, desagradasse a tanta gente, o que bem deixa ver, que doeo a muitos, e por consequencia, que o número dos sábios que eu pintava, era maior do que eu entendia.

Rogo-vos agora sejais mais promptos em gastar esta; não só porque preciso satisfazer a alguns biquinhos, mas tambem porque querendo Deos acabo este anno, e não posso andar com transportes de minha fazenda, e com despezas contrarias ao Economico Systema que vos apresento.

Valete.

IN-

INTRODUCÇÃO.

ACABADA que foi a Cêa, durante a qual o Bacharel disse cousas, que farião rir as pedras, porque além de sua natural jovialidade, engazeava-o mais a pinga, que para com as do paiz tinha hum distincto merecimento, entrárão para hum cubiculo aonde o Cura tinha a cama, e sobre à meza os Breviarios, e hum Larraga, cuja ociosidade sempre envejei em quanto alli estive; e sentando-se disse o bom do Bacharel: *Ora, meu menino, eu não sou homem que falte á minha palavra, e por tanto vamos ás regras da Economia que lhe prometti de tarde.* Apenas elle fallou em Economia, vio-se que hum sinal de approvação se estendeo pela caratola do Tio, de modo que não pôde poupar-se a dizer: *Parece-me que a lição da noite ha de ser mais proveitosa, do que a da*

tar-

tarde. Qualquer dellas, replicou o Bacharel, hão de produzir-lhe hum igual proveito. Mas no entanto venha do seu simonte, e vamos a isto. Entrementes, disse o Padre, e abrindo hum armario tirou huma garrafa, e hum copinho, e deo-nos a todos agoa ardente, menos ao sobrinho, dizendo, que era para a socega. Gavou-lha o Doutor, assim como fazia a tudo, e principiou a prática, que eu aqui escrevo, a qual *parumve, minusve* foi da maneira seguinte.

PROLEGOMENOS.

§. I.

Meu rico amigo, em toda a parte do mundo o homem val aquillo que tem: por consequencia quando se não augmente para valer mais, he necessario que não se diminua para não vir a valer menos. He

pre-

preciso pois gastar com as cousas necessarias á vida, e ao estado, segundo o fundo de cada hum, para que não succeda andar com a sella na barriga, como lá dizem, e eis-aqui o que evita huma boa Economia. Isto approvou o Cura, e comprovou com muitos exemplos de Sicrão, e Fuão, cuja prelenga, se o Bacharel a não atalhasse, duraria até ao cantar dos gallos.

§. II.

Em toda a parte, continuou elle, ha mil modos de consumir-se o que cada hum possue; porque em toda a parte ha ratoneiros, aduladores, pandilhas, infortunios, e &c. mas em parte nenhuma ha mais artes de divertir dinheiro superfluamente, do que na Cidade de Coimbra, e por isso em nenhuma se precisa de tanta Economia. Hum Estudante que aqui aporta, he como o naufragante em praias extrangeiras, onde não conta de seu mais do que os poucos vintens, que lhe escapárão no bolso.

Ca-

Cada hum para os da terra; á exce-
pção de algumas casas, he o rendei-
ro, que vai pagar-lhes os fóros, e
todos juntos as suas minas geraes: e
os ditos da terra para com os Estu-
dantes, o reino Pantana, ou Vaza-
barriz, onde por linha recta, e por
tabelilha vai dar comsigo tudo quan-
to elles possuem, assim *directè*, co-
mo *indirectè*, e por consequencia
Economia, e mais Economia.

§. III.

Para procedermos com ordem, de-
vemos levar as cousas por seus prin-
cípios, e por tanto ver o que he Eco-
nomia, para a não confundirmos com
a Somitigaria. Economia pois he a
*Sciencia de viver cada hum segundo
as suas poisessões sem faltar ao ne-
cessario de seu estado.* E Somitigaria
he huma *Mania de ajuntar com
martyrio do ventre, com sordidez
do corpo, e unico proveito dos herdei-
ros.*

§. IV.

Tres são as precisões a que está
su-

sujeito o homem que vive no estado social; duas pertencem ao interno, e huma ao externo: as internas são comida, e bebida, e estas pertencem a todo o homem assim no estado civil, como no natural: a externa he o vestuario, que faz a decencia, e compostura do homem no estado social; por quanto fóra deste estado póde qualquer andar nú, e crú como sua mãi o pario. Sobre estas tres, de huma das quaes verá depois nascerem outras, he que justamente recahem as regras que eu lhe prometti.

§. V.

Porém como v. m. se destina á vida de Estudante em Coimbra, daqui vem que eu lhe hei de dar as regras de Economia para em quanto Estudante; e por tanto como ainda neste estado ha humas a que está sujeito como homem, outras como Estudante; e outras como homem, e Estudante ao mesmo tempo, he preciso saber, que ou o Estudante se

olha

olha como homem, ou se olha simplesmente como Estudante, ou como Estudante, e homem. Olhado como homem, define-se: *Hum Cidadão destinado ao serviço da Patria, e devedor de todos os officios para com Deos, para comsigo, e para com os outros homens.* Olhado como Estudante, define-se. *Hum animal susceptivel de ensino, gozador de liberdade, facil de estrepolias, ao qual tudo se pinta á medida do seu gosto.* E olhado como homem, e Estudante, entra na classe dos amfibios. Póstos estes principios entremos agora a applicar as regras ás tres precisões de que lhe fallei, cada huma pela sua ordem.

SYS-

SYSTEMA DA COMIDA.

Primeira precisão de todo o homem.

§. I.

MEU novatinho, todo o homem ou seja Caldeo, ou Persa, ou Grego, ou Romano precisa de comer, e beber; he esta precisão de tal qualidade, que dispensar-se o homem della, he fazer desistencia dos dias da vida. Porém ainda que he de todos os homens, ouça a Economia, que lhe há de applicar como estudante. Bem entendido, que eu fallo para aquelles, que comem como homens, e não para aquelles que embutem como alarves: por quanto ha barrigas de bichos, barrigas de reserva, barrigas de tarraxa, barrigas aventureiras, e estomago de Ema; pois eu lembro-me de hum do meu tempo, que em desatacando dois botões do colete podia devorar todas as rações de huma

ma Communidade Monacal, e numerosa.

§. II.

Isto supposto ha de saber, que para com mais commodidade satisfazer a esta precisão tem Coimbra mulheres, chamadas Amas de Estudantes, as quaes em suas casas fazem de comer, ou por ajuste, ou por hum rol daquillo que mandão: de ambos estes modos ellas fazem o que podem para hum fim lucrativo, além dos seiscentos réis por mez, chamados os do seu trabalho; porque no rol almotação como querem, no ajuste mandão o que lhes parece, ou o que os outros não querem. Nestes termos ajuste v. m. sempre, mas com estas condições: ao jantar tanto de pão em sopas, tanto de vacca, tanto de arroz, &c. á cêa tanto d'ervas, tanto de peixe, ou carne, &c. e diga logo que em não mandando por isto a certas horas, que não val.

§ III.

As utilidades desta Economia consistem, *primò* em poder aproveitar-se do jantar, e da cêa do seu amigo; sem que ao mesmo tempo sinta desfalque na bolsa: *secundò*, fazer-lhe v. m. no fim do mez a ella conta, e não ella a v. m., que não he tão pequena vantagem, por isso mesmo que differem consideravelmente o moer, do ser moido.

§. IV.

Deve porém advertir que sendo louvavel em todos a prompta solução das dividas, que se tem contrahido, tanto por honra, quanto por socego do espirito, e até por conveniencia porque a boa paga, fiança larga; com as Amas he tudo pelo contrario. Quanto melhor se lhes satisfaz, peior servem. He pois a Economia, satisfazer-lhe, isso sim, mas nunca quando ellas o pedem, e deixar sempre hum restosinho; a modo de ovo, que fica para endez.

§. V.

Mas como o homem não só come o jantar, e a cêa, e o almoço seja necessario ao Estudante, ou antes, ou depois da sua Aula, sou de voto que tenha na sua gaveta manteiga da boa, e pão da Joanna do Rego d'agua: coma disto a desancar, e fazendo vir agua fervendo, mergulhe nella suas folhas de chá, e feito que seja dê-lhe com elle em cima, e saiba que este almoço tem tanto de grave, quanto de barato. Para variar mande a casa da sua Ama molhar a sua malga de sopas, apresente com ella nessas tripas, e verá que fica como hum hercules.

SYSTEMA DA BEBIDA.

Segunda precisão do homem.

§. I.

Quanto á bebida, além da agua, não use v. m. de outra senão de vinho, e este seja com preferencia o tinto, pois bem lhe basta en-

entrar negro, e sahir branco: mandeo buscar ao Santareno, que de ordinario o vende bom, e elle he certamente o *Vineta Timoli* dessa Cidade; porém em obsequio á nossa Economia seja sempre debaixo deste ponto de vista, ou quartilho e meio, ou tres quartilhos, ou tres e meio, de maneira que vá sempre o meio. A utilidade consiste em servir-se de mais medidas, e por consequencia serem mais as verteduras. A isto disse o Tio, que lhe agradava o systema, mas que não approvava, que rapazes bebessem vinho. Rio-se o Doutor, e respondeo lhe: Meu Padre, como quer v. m. que elle saque do corpo a pezada melancolia de ouvir ao pentear da Aurora o rouco som de hum sino, que o chama em altos brados: as saudades da Pátria forçosas a todos nestes primeiros annos; e os ataques de frio de huma terra, onde Boreas tem o seu palacio? De mais se eu não fôra suspeito, eu lhe faria ver, que he

bebida, sem a qual se não podem criar bons humores, senão que o diga aqui o nosso Sacristão. Eu depois de soltar a minha garganta, disse-lhe com Horacio Flacco.

Rusticos exultet dum dulces colligit uvas,
Nunc ego lætabor dum bona vina bibam.

Do que o Doutor se esborrachou de riso por ver que eu tambem atassalhava o meu pedaço de Latim, e continuou.

§. II.

Resta quanto a estas duas precisões advirtir-lhe, que fuja debaixo de desagrado meu, de todo, e qualquer botiquim, vulgo loja de bebidas, nas quaes por café se dá caldo de castanhas, e por leite agua de massa; aonde dez réis de pão com huns laivos de manteiga, custão os béllos trinta réis, e hum copo de agua fervido em fezes de café, que já servio a Collegios, e Communidades, sobe ao mostrador pelo mesmo preço.

§.

§. III.

Mas se a sua desgraça a ellas o levar, ou por causa da chuva, ou a rogos de algum amigo, como nestas casas he costume offerecer as circunstantes de tudo quanto se toma, acceite v. m. sempre, em quanto lhe couber no bucho, que assim o pede a feição, de que logo lhe darei noticias, e assim o requer este dilemma. *Se offerece de vontade, gosta que acceite, se de má mente, fica mangado.* Tem v. m. escanhoada a Economia, *respectivè* ás duas primeiras precisões, passemos agora á terceira: mas como isto não he de empreitada, toca a assoar, e a refrescar as ventas.

SYSTEMA DO VESTUARIO.

Terceira precisão do homem civil.

§. I.

ASSIM o disse, e assim o fez, e correndo a mão pela testa continuou, dizendo: Para darmos as re-

gras precisas sobre esta materia, he necessario que não deixasse cahir no chão aquellas palavrinhas: *Tres são as precisões a que o homem está sujeito para viver no meio da sociedade.* Disse-lhe no meio da sociedade; porque de outro modo, o vestido, e o calçado não são necessarios *absolutè*; por quanto se v. m. se meter em huma cova, ou se encerrar no fundo da sua habitação, póde andar nú, e crú, como já lhe disse, que assim se conservão alguns póvos ainda hoje; mas esta sociedade de que eu lhe fallo, deve entendella pelo Reino, em que v. m., e eu vivemos, a cujos costumes nos devemos accommodar nisto, e em tudo o que não for contra o determinado pelo Legislador Eterno. Isto supposto, e averiguado tornemos a analysar o homem Estudante, abstrahindo o homem do Estudante, e o Estudante do homem.

§. II.

Todo o Cidadão que se condecóra

re com o titulo de homem de bem; para decentemente apparecer no meio dos outros, carece para seu adorno externo, e em quanto homem, de onze cousas, a saber: *chapéo*, *bolsa de cabello*, *gravata*, *casaca*, *vestia*, *camisa*, *calção*, *meias*, *çapatos*, *fivelas*, *florete*, *ou vangala*: e em quanto Estudante, de verão de sete, vem a ser: *cabeção*, *volta*, *camisa*, *batina*, *meias*, *çapatos*, *e fivelas*: e de inverno de nove, porque então calções, e colete, que de verão são inteiramente desnecessarios. Comecemos agora a economizar cada huma destas cousas de per si.

§. III.

Pelo que pertence á sua volta, nunca v. m. a compre: e quando a quizer, mande a casa de huma engommadeira que lhe remetta a sua volta, cuja volta elle manda logo, sem que v. m. lha tenha mandado, huma vez que envie os dez réis da lavage, e aqui tem v. m. poupados os seus 90 réis. Cabeção nunca o

man-

mande fazer, porque em v. m. contando huma tira de papelão que lhe abranja o pescoço, a qual forre desta, ou daquella droga preta com humas badanas da mesma, a modo de lemes da porta, está muito bem servido, e tem poupado os seus bellos 300 réis, que com noventa fazem 390 réis, economicamente aproveitados. Batina seja sempre em segunda mão, como já lhe recommendei, e deixe lá o que diz seu Tio, porque destas cousas não entende patavina. Reprovo-lhe meia de seda, pois com o roçar da capa vão-se em dois dias, e o que faria mal com tres pares por anno, que cada hum lhe custaria pelo menos 2000 réis, faz com hum só par destes de laia riscadas, que lhe vem a importar em 1$200, que tirados dos 6$000 dos tres pares ficão 4$800, que juntos a 390 réis completão 5$190 de economia: em se lhe abrindo buraco, ou escapando malha, acuda-lhe logo; para o que deve ter a sua agulha;

e seus fios de retroz, e barra inteiramente o systema do ponto de tinta; que isso he desculpavel em Brazileiro filho de Senhor de engenho, ou em rapaz Morgado por todos os quatro costados.

§. IV.

Agora passando ao calçado, tenha em vista, que as botas de inverno tem hum lugar muito distincto, segundo as commodidades do corpo; assim de reparo, como de saude, e além disso a etiqueta já se declarou a favor das mesmas, e com justa razão as prefere aos taes percebes, ou botas ungras, de que alguns usão; que por muito embonecradas repugnão á seriedade do caracter proprio aos Portuguezes. Porém nunca v. m. as mande fazer de encommenda; porque a economia consiste em pesquizar onde appareção algumas engeitadas, as quaes ás vezes se topão, que nem feitas por José Alves; e quando sejão largas, em muito pouco está o remedio. Segue-se daqui;

que

que tem v. m. o que estava talhado por 3$600 com 2$400, e ás vezes menos, e deste modo poupa os seus 1200, que com 5$190 são 6$390, que servem para 6$390 cousas.

§. V.

Çapatos então encommendállos he cahir no cáhos profundo da minha abominação; porque nunca os ha de ter no dia em que os quizer, hão de pelo menos custar-lhe 960, e na rua do Corpo de Deos escolhe á sua vontade por 650, que para 960 vão 310, os quaes servem para humas solas dos mesmos, depois de lhe terem durado tanto, como lhe durarião os outros: e quando não durem tanto, ao menos pelo mesmo preço, anda mais vezes de çapatos novos. Cujos 310 juntos a 6$390 fazem 6$700 de poupa.

§. VI.

Essas fivelas que v. m. tem nos pés já não estão no chefe; descambe-as, e compre humas do paquete no ultimo gosto. Se a casquilhisse va-

variar, não varie v. m., dizendo que he Filosofo, cuja Filosofia lhe explicarei no seu lugar reservado.
Aqui disse o Cura, que má economia lhe parecia comprar fivelas do paquete, ou dos nossos mesmos artifices, com tanto que não fossem de prata, porque quebrada huma, perdia-se tudo. A esta objecção foi a unica, a que ouvi, que o Bacharel respondesse com seriedade, dizendo: *Sr. Padre, tenho mil vezes mostrado a v. m. que disto não pesca. Olhe, na quebra perde-se o mesmo, porque nas do paquete, vai-se o custo, e nas de prata vai-se o feitio, que ás vezes monta a mais, e a economia consiste em que perdidas ou furtadas as do paquete vai-se o custo, perdidas ou roubadas as de prata vai-se o custo, e vai-se o feitio: e assim nestas perco muito mais, e naquellas muito menos.* Pois não tinha dado nessa razão, disse o Padre, e o Doutor depois de confessar-lhe que em outras muitas estava pela sua in-

genuidade, voltou para o pequeno, dizendo: *Temos o nosso novatinho vestido, e calçado economicamente, e tão airoso que se me figura que o estou vendo.* Vamos agora averiguar esta mesma precisão terceira, da qual como da sementeira de Cadmo, verá sahir outras muitas, cujas regras economicas as farão morrer quasi á nascença.

SYSTEMA DAS PRECISÕES

Que vem em consequencia dos usos, e costumes, e da compostura, e decencia do homem.

§ I.

Do Systema, ou principio por nós estabelecido, de que o homem deve portar-se no estado social, segundo os usos, e costumes adoptados no seu paiz, irá vendo as precisões a que está sujeito como estudante, para tambem como tal as economizar. E segundo a mesma ordem de o levar da cabeça para os

pés,

pés, vamos á primeira que vem a ser o cuidado do seu cabello. Nações ha em que a decencia he andar rapado; em outras em parte rapado, e em parte piloso: em outras a compostura da cabeleira, cuja invenção he entre nós adoptada, mas só tem lugar em homens respeitaveis, em calvos, e em tinhosos; tambem tem seu sequito o chamado cabello á Nazarena, justo penteado de Clerigos, e Religiosos, frequente nos homens do campo, e em alguns cidadãos, a quem por isso costuma dar-se o nome de jebos, jarras, ou Sebastianistas. Mas em rapazes, como v. m. e na maior parte dos homens, hoje em dia usa-se o cabello comprido, e composto, não com o zelo, e affectação mulheril, mas com a decencia competente ao sexo. Deve pois ter nelle o cuidado que pede a compostura, e que requer mesmo a conservação deste adorno de que o Author da natureza vestio a cabeça do homem.

§. II.

O costume vulgarmente recebido, he pagar todos os mezes 600 réis a hum çalafrario chamado o cabelleireiro, o qual com hum pente na mão já muito desdentado, e çujo de polvilhos, e sebo, não satisfeito de estalar o cabello, até arripia a pelle que embuça o casco. Esta despeza era indispensavel no tempo das malas, mas depois que hum Prelado sábio, e prudente, reduzio este toucado a hum modo mais simples, qualquer homem em não sendo aleijado, poupa os ditos 600 réis por mez, que na roda do anno dão 7$200 que juntos aos 6$700 fazem 13$900 que v. m. arrecada, além da vantagem de não esperar por elle, e de não soffrer os arrepelões, que aturão os martyres da xibantaria. Deitará com tudo seus polvilhos, mas pela mão de hum amigo, ou de qualquer visinho, sem outra paga mais do que recompensar-lhe com o mesmo beneficio.

§.

§. III.

Em razão da mesma decencia filha dos usos, e costumes do paiz, nasce outra precisão de fazer a sua barba. He verdade que a este trabalho se poupão os Moiros, e os Monges, e que a elle se poupárão os nossos antigos Portuguezes, mas o costume, e uso pedem hoje o contrario: de maneira que a barba que estirada até ao peito fazia a decencia, a compostura, e o adorno de hum Portuguez daquelles tempos, faz a indecencia, e move a riso em hum Portuguez dos nossos dias. Pelo que ainda que a mais da gente paga para este fim a hum homem, chamado entre nós o barbeiro, e nas aldêas, o senhor Licenciado, com tudo só pelo que elles faltão ás horas, que cada hum tem por commodas, merecem que delles façamos absoluta independencia. Por tanto tenha v. m. duas navalhas, hum espelho, o seu bocado de sabão, e pouco a pouco costume-se a barbear: ao principio

pio ha de apanhar seus golpinhos; mas tenha paciencia, e deste modo poupa os seus 160 por mez, que no fim do anno são 1⌀920 os quaes incorporados com 13⌀900 dão 15⌀820 réis: e além disto livra-se de lhe pôrem na cara a mesma mão, com que talvez muito de fresco tenhão coçado no fundo das costas. Vamos agora a outras precisões, que lhe provem do mesmo estado de Estudante.

SYSTEMA DAS PRECISÕES,

Que provem do estado em que está constituido o Estudante.

§. I.

Estara' v. m. muito bem lembrado daquellas differenças que ha pouco lhe fiz, de homem, e Estudante; de Estudante, e homem; e de tudo junto; agora verá que o fim era economizar-lhe as precisões, que lhe hão de vir em razão de ser Estudante. Por quanto 1, como Estudan-

dante de Coimbra ha de ir viver na terra alheia, e precisa de habitação: 2. como Estudante não ha de ir jantar a casa da sua ama, nem trazer agua da fonte, e por isso carece de quem o sirva: 3. como Estudante ha de escrever Dissertações, fazer seus apontamentos, mandar cartas ao Correio, pelo que precisa de papel, tinta, pennas, tinteiro, e obreias: 4. como Estudante deve v. m. estudar, e por tanto carece de livros: 5. como todo o estudante estuda á noite, vem-lhe em consequencia a necessidade de candieiro, e azeite para elle: 6. como Estudante precisa v. m. de outras muitas cousas, como irá vendo: porém espere que eu vou aqui ao quintal, porque actos legitimos não admittem procurador, como lá lhe ensinárao.

§. II.

Em quanto elle se demorou no quintal, não deixou o Cura perder occasião de recommendar ao sobrinho, que tornasse sentido em tudo

aquil-

gundo a divisão das precisões, que lhe fiz ha pouco.

§. IV.

Em contemplação á necessidade de quem o sirva, como o movel he pequeno, não tenha v. m. destes criados chamados Paquetes, ou Garotos, porque póde vir para casa alguma vez a tempo que elle já tenha abalado com tudo. Sirva-se com huma daquellas mulheres idosas, cujo officio, e prestimo he levar o jantar, e cêa ás horas, fazer o seu recado, varrer a casa, limpar, e accender o candieiro, encommendar, ou trazer o pote d'agua, e despejar a vasilha fedorenta, tudo pela diminuta paga de 300 réis, que no fim de oito mezes dá-lhe isto em 2$400, que só o rapazinho lhe havia de cisar em trocos no fim de dois, e assim de dois em dois mezes poupa 2$400, que por 4 dão 9$600, os quaes encorporados a 20$620 somão 30$220; que lhe faça muito bom proveito.

§. V.

Referindo-nos á terceira, de fazer Dissertações, escrever cartas, e &c., deve v. m. não deitar fóra, nem os sobscritos das cartas, nem as costas das mesmas, e aqui tem para borrões que he cousa em que se devora papel immenso. Deve fazer seu sortimento de pennas de Perú, e em dando hum vintem ao bicho da cosinha de Santa Cruz, nas vesperas do Advento, tem pennas para em quanto estiver em Coimbra. E quanto ás cartas, nos dias do Correio visite hum amigo, e quando elle escrever as suas, finga que lhe esqueceo huma, ou duas, e deste modo poupa o seu papel, e sua tinta, e as suas obreias, e não he nada, no fim do anno lectivo tem v. m. poupado pelo menos os seus 4⅁800, que vindo á lauda com 30⅁220 completão 35⅁020, que lhe preste.

§. VI.

Pelo que pertence á quarta parte das nossas precisões, isto he, dos

 li-

livros, candieiro, e azeite para elle: quanto aos livros, como da sua escolha depende o proveito do estudo, procure sempre bons; mas não faça consistir a sua bondade na boa encadernação, nem se lhe dê, que sejão da edição de París, ou de Veneza, com tanto que tenhão o mesmo; mas para os comprar baratos, pelo que pertence aos Compendios, averigue v. m. com todo o cuidado, que Estudante do anno, para que ha de passar tem feito no banco, que lhe fica defronte, a mais bonita tarja, ou qual abrio melhor o seu nome á ponta do canivete; porque hum destes acabado o Acto, ou ainda antes disso, dá-lhos pelo que v. m. quizer, ficando-lhe no agradecimento de lhos tirar de diante dos olhos. Quanto a Expositores, e livros magistraes, sirva-se segundo he costume, dos de algum Oppositor amigo, e quando não, lá tem a Livraria, que para isso mesmo he que alli a pozerão. Candieiro leve-o de casa; e quan-

quanto ao azeite observe na sua compra o mesmo systêma; que lhe dei para o vinho, de maneira, que vá sempre o meio.

§. VII.

As outras muitas cousas que lhe disse são os móveis de madeira, barro, vidro, e ferro; e por tanto observe nelles esta Economia. Barra, cadeira, cabide, e banca, compre destas que ao princípio do anno estão patentes á porta de alguns canquilheiros, a quem as vendêrão os moços, ou serventes dos Estudantes, que se formárão no anno antecedente; e por 800 réis, até 960 tem v. m. tudo isto em estado de saude, que baste para o tempo que estiver em Coimbra, cujos móveis se os mandasse apromptar, não lhe custarião menos de 2$400, dos quaes tirando 960, ficão 1$440 de poupa, que fermentando com 35$020, dão de si 36$460.

§. VIII.

Trastes de barro, pelo que toca a

loiça, compre-a sempre da mais barata, e a razão he, porque comprando-a boa, vai para casa da Ama onde a distribuem com a comida dos outros, sem pejo de lhe mandarem a sua em huma çaçoila negra, e em dois pratos, com os quaes o vidro já tem feito divorcio; e porque tambem a poucos passos pede-lhe loiça por hum Alvará de quebra; e nestes termos lucra de dois modos, primeiro, porque por muito má que lha mande não he peior, que a sua: segundo, porque com dez réis de mel coado torna a refazer-se de loiça nova, no que aproveita pelo menos no fim de cada hum anno os seus 1$200, que póstos ao pé de 36$460, figurão de 37$660 que bem lhe haja.

§. IX.

Quanto aos trastes de vidro, e ferro, e móveis miudos, compre-os sempre em segunda mão com advertencia que as tres garrafas devem servir huma para o vinho, outra para o azei-

azeite, e outra para a tinta; as duas ultimas sejão pretas, e a do vinho branca; porque ainda que lhe custe mais sempre inculça grandeza, gravidade, e polimento do dono da casa.

Estas são em geral, e em particular as Economicas regras, que deve ter sempre em vista na vida, a que se destina, contra aquellas precisões provindas da sua mesma natureza, das obrigações de Cidadão, dos usos do seu paiz, e da sua mesma profissão. Agora vamos a outras que deve ter diante dos olhos contra certas estorquições, ou redes que se armão em Coimbra ás bolsas dos Estudantes.

SYSTEMA ECONOMICO.

A favor das bolsas, contra rifas, beneficios, e prendas que taes.

§. I.

Como v. m. ainda não pôz os pés em Coimbra, fallar-lhe em rifas, e beneficios he o mesmo que di-

dizer-lhe o Credo em lingua Syriaca; por tanto irei ao mesmo tempo dando-lhe as noções das cousas, e as regras para usar nellas as Economias respectivas. Rifa he: *Huma sorte buscada nas parelhas dos dados, que pelo maior número decidem, qual dos rifantes deva levar o traste que se rifa.* A sua origem he antiquissima; pois já nos consta da Sagrada Pagina, que os Judeos lançárão sobre a tunica de JESU CHRISTO. A sua introducção em Coimbra, quanto a mim, apoiou-se em hum fundamento de justiça, e ella certamente he justa, quando recahe sobre hum traste destes de menos precisão ao uso Escolastico, de que hum companheiro quer desfazer-se, ou porque a sua mezada lhe tarda, ou pela arribação de algum trabalhinho; porque nestes termos, juntos huns poucos, todos se lesão em pouco, e todos por este pouco estão com jús ao que val muito mais, e além de servir-se a hum companheiro ao seu vexame, tam-

tambem se faz direito para quando a cada hum acontece o mesmo; pelo que em rifas *inter Scholasticos* entre todas as vezes que poder.

§. II.

Mas como estas rifas passárão deste fim de beneficencia a hum contrato de muito má fé; he preciso observar, que não faltando quem esteja sempre prompto para rifar o seu relogio, o seu cavallo, e até os çapatos velhos, alguma cousa vai aqui de boa para o que rifa, e de má para o que entra na rifa: consiste pois a trampolina, em que o que vale dez rifa-se por quinze, e por mais, quando Deos he servido, e em que ha tal salafrario que compra trastes na Calçada para de proposito vir rifar ao bairro alto. Destas rifas pois fuja v. m. quanto puder, por mais utilidades, que lhe pintem, e conveniencias, que lhe fingão; o melhor remedio de desculpar-se, he dizer que está sem dinheiro; porque eu lhe dou carta de seguro para que

mais

mais o não persigão; e deste modo fica çafo á esparrella armada á sua de oito, e a duas que escape, por anno tem salvado os seus 1$600, os quaes casados com 37$660 gerão os béllos 39$260, e acha que isto não he nada?

§. III.

Beneficio he: *Huma equidade feita entre muitos a hum homem, de ordinario Estrangeiro, isto por huma contribuição modica a troco do exercicio de alguma prenda levada a hum grão superior*; porém como pela maior parte acontece dizer-se que he cousa superlativa, sem que elle chegue ao menos ao commum; ponha-se nesta regra: a quem lhe quizer empurrar hum bilhete, dos que para este fim se distribuem, diga-lhe que já tem, por lhe não dizer, não quero, visto ser expressão, que por sincera sôa muito mal aos ouvidos. Daqui segue-se, que se a cousa he má, ri-se dos que lá forão; e se he boa, ainda que a perdesse não gastou os

seus

seus vintens, e dos dois de que v. m. se ponpa em salvo, arrecada pelo menos os seus 1$600 que entrando na conta dão de si 40$860, e então não presta?

§. IV.

Por prendas deve v. m. entender: *Primó*, de tocar flauta, na qual depois de gastar muito tempo, ha de arranhar a marcha de Dona Ignez em tal desaffinação, que nem o Diabo o poderá soffrer, e por pouco que lhe dure este flato, sempre hade aturar os seus tres mezes, que a 1$600 dá em 4$800 que exprimidos com 40$860 distillão 45$660, e não he tão pouco: *Secundó*, o frenesim de jogar florete, porque tendo a innocencia em si bastantes armas; vem esta Escóla a ser huma arte de matar gente, além de que o Futre, que a ensina, vai-se fugindo a dívidas, ou alguma consequencia do seu officio, e fica v. m. sem mais prendas, que saber dar com os pés na casa, alargar as pernas, e meter-se

em

em guarda; e aqui tem, que dei-xando-se disto, saca ás unhas destas arpias pelo menos 3$200, os quaes com 45$660 fazem 48$860 de poupa fina: *Tertió*, não se dê á prenda de estudar linguas, não porque não seja muito util, e muito louvavel; mas porque são ensinadas em Coimbra por homens que vagão pela Europa, como Dolabella pela Asia, e que á maneira das Andorinhas em pilhando hum dia sereno, abrem as azas, e adeos minhas encommendas: donde se segue gastar o seu dinheiro, e ficar unicamente sabendo, que o Francez, Italiano, e o Inglez são susceptiveis de ensinar-se, do que se lhe segue poupar assim outro tanto, e a crescer-lhe ao principal hum accessorio, que completa 52$060: *Quartó*, fuja de tudo que for gastar dinheiro huma vez, que não seja com as precisões, para que lhe tenho dado os systêmas competentes.

§. V.

Agora só me resta advertir-lhe, que

que ha em Coimbra hum Estudante chamado Malhão, o qual pela orfandade de mezadas imprime seus folhetos em verso, e em prosa, que costuma repartir pelos seus amigos, tirando assim dos Officios da amizade, o que lhe negão os do sangue: pelo que he justo que v. m. tambem lhe compre os seus folhetos, que isto dá-lhe em huma ridicularia, e á elle faz-lhe huma arrumação optima, e ás vezes imprime-os debaixo de outro nome, mas logo se sabe, que são delle; porque não só he conhecido de todos, mas de todos recebe próvas de amizade; porque nunca fez mal a ninguem, e he tão bom, que nem deixa aos outros o trabalho do seu panegyrico. Daqui segue-se-lhe lezar-se nos seus 960 por anno quando muito, que tirados de 52$860 ainda lhe ficão 51$900. Leze-se nesta somma, se quer em paga dos conselhos, que lhe tenho dado, e vamos á cama, que á manhã lhe explicarei *ex professo*, o que he Filo-

sof-

sofia Escolastico-moderna, feição de Coimbra, heroicidade do tempo, e tafulisse perfeita.

Isto acabado recolhêrão-se a dormir; pois era já meia noite, e o Padre tinha os olhos mais pequenos, que duas ervilhacas.

§. XXI.

Chegámos finalmente ao fim da Epoca VI., e ao fim deste segundo Tomo; e se bem tinha promettido que contivesse as outras quatro, enganeime na materia, e vejo que vinha a ficar hum Livro muito gordo; e vós não haveis de permittir que visto sahir-me tão proporcionada a primeira filha, me saião desformes, e monstruosos os Livros em que escrevo a vida do Pai da dita criança: assim no terceiro, que pouco tardará, irão as duas Epocas, que faltão até á Formatura, com o mais que já se prometteo: adeos até nos tornarmos a ver.

FIM DO II. TOMO.